

Vulcões de Lama de Camilo Castelo Branco

RAZÃO DO TÍTULO

Ordinariamente quando, em estilo metafórico, usamos comparar as fêrvidas paixões de alguns homens aos vulcões, a comparação vai buscar o símile às crateras do Fina, do Hecla e do Vesúvio. Presume-se pois que os antros do coração humano resfolgam fogo de paixões assoladoras como os intestinos do nosso Globo jorram arroios de lava candente que subvertem, devastam, devoram, pulverizam ou petrificam toda a natureza viva e morta que abrangem nos seus braços de lavaredas.

Todavia, há aí na casca do planeta paixões humanas cujo símile não o dá o Vesúvio, o Hecla nem o Etna. É de Java que ele vem – de Java onde estuam convulsionados uns vulcões de lama que expluem o seu lodo sobre as coisas e as pessoas, primeiro emporcalhando-as, depois asfixiando-as na sua esterqueira espapaçada.

Neste romance estão em actividade permanente, sempre acesas, as crateras das paixões da aldeia, também vulcânicas, exterminadoras; mas sujas de uma porcaria nauseabunda vulcões de lama, enfim.

Tal é a razão do título.

I

A poderosa razão que o lavrador Roberto Rodrigues opunha para não mandar ensinar a ler o filho, era – que ele pai também não sabia ler, e mais arranjava lindamente a sua vida. Esta vinha a ser a razão capital, reforçada por outras subalternas e praticamente bastante persuasivas.

– Se o rapaz souber ler – argumentava triunfantemente o idiota – assim que chegar à idade, às duas por três, fazem-no jurado, regedor, camarista, juiz ordinário, juiz de paz, juiz eleito. São favas contadas. Depois, enquanto ele vai à audiência ou à câmara, a Cabeçais, daqui uma légua, os criados e os jornaleiros ferram-se a dormir a sesta de cangalhas à sombra dos carvalhos, e o arado fica também a dormir no rego. E ademais, isto de saber ler é meio caminho andado para asno e vadio.

E citava exemplos, personalizando meia dúzia de brejeiros que sabiam ler e eram mais asnos e vadios que os analfabetos.

Quem a tal respeito questionava muito com o Roberto Rodrigues, de Val-Redondo, era o seu compadre, um reitor do concelho de Gaia, padrinho do rapaz. A calúnia malsinava este clérigo, mordiscando-lhe a reputação com o prólogo – *fazê-los e baptizá-los* e, valha a verdade, nunca o anjo da inocência se viu tão em pancas para desmentir um acidente casual que parecia rico trabalho da natureza, um exemplar perfeitíssimo de hereditariedade morfológica; e não desmentia nada – que é o pior – quando o anjo candidíssimo da pureza conspurca as suas asas em imundícies das alcovas conjugais.

O menino Artur parecia-se tanto com o padrinho que até, nuns mexericos protervos, as línguas naturalistas da freguesia lhe chamavam o *padre-pequeno*, e ao pai legítimo chamavam-lhe o *cuco-grande*. Chalaças brutas de aldeia que, transplantadas para a cidade e rendilhadas de estilo figurado, podiam ser citadas como exemplos de *humorismo* português – uma especialidade que se dá na nossa terra como as batatas; e nós, em vez de exportarmos, importamos batatas do Val de la Mula e espírito do *Figaro* e do *Chat Noir*.

O vigário era daqueles sítios, bacharel em Teologia, pregador romântico, com bastantes letras e temperamento calidamente sanguíneo. Um vulcão. Contavam-se explosões desse temperamento vesuviano, que repercutiram outras explosões, precedidas de fenómenos que a obstetrícia não desconhece e nos dispensam de acreditar nas gerações espontâneas. Creio que nestes dizeres transpus os limites da candura nas asas do Pudor – o moderno pudor alado com *p* grande, que pertence à volateria rara, de arribação, como as garças-reais e os mergulhões-do-norte.

O certo é que, afinal, explosiram também contra o padre dois ou três lavradores de uma intransigência bestial; e então o teólogo, Hilário Tavares, aliando a prudência à sabedoria, saiu da terra e foi apascentar um rendoso rebanho nas cercanias do Porto.

O lavrador Rodrigues de Val-Redondo não foi um dos dois ou três refractários à civilização das aldeias. Permaneceu leal amigo do padrinho de seu filho; e, todos os anos, por ocasião da festividade do orago, hospedava quinze dias o compadre que pregava gratuitamente o sermão; e assim, no decurso de dez anos, graças ao desinteresse do seu talento parenético, granjeara o pregador reabilitado a benquerença dos seus conterrâneos.

Dez anos contava também o Arturzinho, filho único do lavrador abastado, e não ia ainda à escola. Contra o costume dos rapazes, era ele quem pedia ao pai que o deixasse aprender, porque tinha vergonha dos outros moços que estudavam a doutrina cristã pela *Cartilha*.

Não ousava o pai refutar impiamente a conveniência da doutrina cristã; mas alegava que bom católico era ele, e mais nunca aprendera a doutrina pela *Cartilha*. E, com uma grande jactância, desenrolava torrencialmente tudo o que sabia, misturando os *Pecados mortais* com as *Obras de Misericórdia*, e os *Inimigos da alma* com as *Virtudes teológicas*. Ainda assim sabia muito mais do cristianismo do que aí qualquer bacharel formado capaz de inventar uma religião.

Acolhia-se o rapaz ao padrinho como empenho para o pai. A luta durou três anos, até que enfim o lavrador consentiu que o filho fosse aprender a ler na companhia do compadre.

O discípulo era hábil, e o mestre educava-o com amorosa vigilância, um zelo extremoso, aligeirando-lhe a tarefa das lições com palestras pedagógicas adequadas a facilitarem ao moço a inteligência dos pontos difíceis. Assim lhe ensinou português, latim e francês no espaço de oito anos, ao fim dos quais o padre Hilário morreu no vigor da idade.

Tencionava o reitor mandar o afilhado para Coimbra e formá-lo em Direito à sua custa, visto que o lavrador se recusava pertinazmente a dar as mesadas. – Quero em casa o rapaz (dizia nas cartas); doutores que os leve o diabo!

O padrinho não pudera legar-lhe o património, porque era vitalício e reversivo a sobrinhos; deixou-lhe, porém, tudo quanto podia: algumas dúzias de moedas em cruzados novos, a égua, muito boa estampa, um colmeal com 55 cortiços, os aparelhos de pesca e caça, muito valiosos, e a sua livraria composta de clássicos latinos e portugueses, alguns sermonários franceses, e as obras completas de Eugène Sue e A. Dumas. Também tinha o *Cavalheiro de Faublas*, e o *Vítor ou o Menino da Selva*, obras de sensação, impressionistas.

Foi Artur Rodrigues para a companhia dos pais. A mãe revia-se pasmada nos jeitos afidalgados do filho, a bizarría da sua roupa feita no Porto e na última moda, a lindeza das suas falas, as graves maneiras que impunham respeito aos rapazes da sua criação. O pai achava-o assim a modo de *pronóstico*, muito patarata com as raparigas, não se importando com as coisas da casa, rindo-se das palavras grosseiras dele, chamando besta a toda a gente. Que não dava importância aos parentes, e olhava de revés e com engulho para os velhos trastes da casa. Que, um dia sim outro não – queixava-se o pai – montava a égua que lhe deixara o padrinho, e ia para a Vila da Feira ou para o Porto sem pedir licença. Que das 60 moedas que herdara ninguém em casa lhe vira as cruzes de doze vinténs, e que lá as andava derretendo bem sabia o diabo por onde. – Não to disse eu? – apostrofava à mulher – não te disse eu, Balbina, que o rapaz se faria brejeiro e vadio assim que aprendesse a ler? Agora aí o tens; pega-lhe cum trapo quente. Aquele está pronto, sim, senhores! Um malandro acabado! Ele faz de conta que eu cá estou a trabalhar como burro para lhe aumentar a casa. Anda por lá na gandaia; mas quando se lhe acabar o arame do padrinho, que venha cá. Está servido o tal janota de... – E falava estercorosamente como Vítor Hugo escrevia em certo livro.

A mãe do janota limpava os olhos no avental, e sentia-se por dentro roída de certos remorsos. Receava grande tormenta iminente na sua vida como castigo de qualquer delito que as vizinhas sabiam melhor do que nós. Andava cismática, a pensar em fazer uma confissão geral, penitenciar-se para desarmar as cóleras divinas.

*

Ora, as 60 moedas do defunto reitor esgotaram-se no fim de seis meses.

No decurso deste meio ano, Artur Rodrigues Tavares (apelidava-se *Tavares*, em memória de seu saudoso padrinho) namorara-se de sua prima Doroteia, do Crasto, uma

rapariga esvelta, alva de neve, com o rosto rosado que parecia uma taça de creme em que boiasse uma romã aberta. Era a flor dos concelhos de Fervedo e Arouca, amada a um tempo por lavradores ricos, pelo juiz eleito, por várias autoridades, pela junta de paróquia – amavam-na todos, incluindo bacharéis formados. Mas o juiz eleito, o José da Silva Rato Júnior, era o mais resistente rival que se antepunha ao Artur Tavares.

Rato Júnior havia sido o predilecto de Doroteia até ao momento em que ela viu o primo Artur de luzentes botas de água com prateleira, cavalgando a nervosa égua que fazia *piaffés* e curvetas, obedecendo à pressão dos joelhos do cavaleiro. Um deslumbramento!... um fulminante corisco de amor, afogueado na forja da ciência; porque Doroteia sabia ler, e relia pela quarta vez com muitos suspiros os *Amantes Desgraçados*, traduzidos do francês por *Aluna*, e *Arminda e Teotónio*, novela portuguesa por *Eliano Aónio*. Não obstante a corrupção alastrada por estas leituras, a enfeitçada moça chegou a fazer promessas importantes à Senhora dos Remédios, se a curasse da sua paixão pelo primo. O Rato fazia-lhe uma pena que era mesmo despedaçar-se-lhe o coração. Ele já a tinha pedido ao pai, o João Canastreiro, que prometeu dotá-la com 200\$000 réis e mais os cordões da mãe que pesavam 25 moedas. O juiz eleito não era rico; mas tinha uma tia amigada com um juiz do Supremo Tribunal, muito velho, e esperava herdar dela quinze mil cruzados, para cima que não para baixo, em terras no concelho de Fervedo que o desembargador lhe deixava em testamento à tia. Além disso tinha um irmão administrador do correio, outro era tabelião, um primo vereador; e outro primo, que estudara no Porto para arquitecto, era substituto do juiz de Direito e despachava autos. – Boa família a do José Rato; e ele tão relacionado que um governador civil de Aveiro, pernoitando em Arouca, o mandara chamar para a cavaqueira.

E um noivo, nestas circunstâncias excepcionais, bastou um relance mágico de olhos, uma negaça e talvez um beijo perturbador para o volatilizar do íntimo de Doroteia, e enlouquecê-la tão sem remédio que a pobre rapariga imaginava-se vítima de bruxedos.

Ora o primo Artur tinha 18 anos e era um guapo rapaz.

Parece-se muito com o pai – dizia a Rosa do Bentes, no adro, quando ele saía da missa.

– Com qual pai? – perguntava a Josefa do Tamanqueiro.

– Com qual pai há-de ser? com o padre Hilário, que eu conheci quando era novo como agora é o filho. E o padre escarrado – tal qual, e não lhe conheço outro pai que eu saiba.

Num grupo à beira, cochichava a Maria

Leitoa:

– A Rosa do Bentes está alanzoando que conheceu o padre quando ele era novo...

Ora se conheceu...

– E de mais... – confirmava a Brígida Ruiva; – reparem vocês na cara da filha dela, na Apolinaira, a cara do Sr. Arturinho e do padre João como quem a pintou.

– Calaide-vos, calaide-vos! – interveio a tia Luísa da Loja Nova. – O padre já lá está a contas com Deus, e vós aqui à má-língua! É um grande pecado mexer nas cinzas dos mortos, ouviram, suas desbocadas?

Não foi baldada a admoestação da tia Luísa. O grupo das más-línguas amnistiou o morto, e desforrou-se nos vivos. Contaram então que o José Rato andava como a cobra que perdeu a peçonha; que o casamento estava desfeito, porque a Doroteia, desde que o primo lá fora de visita, aquilo foi como a doninha com o sapo; que parecia mesmo uma cabra doida de cio; não falava senão no seu priminho, e tivera o ousio de dizer à mãe que não queria o Rato, e seria mais fácil malhar a um poço que casar com ele. O juiz

eleito, quando soubera isto, esteve muito mal da máquina interior, com flatos; depois, botara as unhas a uma espingarda para ir matar o Artur, de Val-Redondo; que custara muito a ter mão nele; e que, afinal de contas, lhe pegara uma febre que o tivera de cama; agora já andava por seu pé, mas estava muito escanifrado, um *escalete*, e não ia longe.

No grupo houve quem esclarecesse pontos menos lúcidos da notícia. Uma vizinha e amiga da Doroteia afirmou que o Artur entrava, noite morta, por uma janela em casa do Canastreiro, e saía ao romper do dia com espingarda e cinturão de caçador.

Foi a primeira vez que dum grupo daquela espécie não explosiu calúnia. Tinham dito verdade, extrema, cristalina, sem nódoa de detracção aleivosa. O afilhado do padre, com efeito, entrava por 11 da noite, e ao raiar da aurora, quando os negros melros assobiavam, saía de casa do Canastreiro, com o dedo no gatilho da clavina, olho perspícuo, e o dorso derreado, rente com as paredes altas para defender a cabeça da pontaria traiçoeira do juiz eleito.

Estas entradas e saídas, segundo posteriores e verosímeis informações da vizinha, passados dois meses, repetiam-se com menos frequência: uma vez por semana, quando muito. A vizinha, por amor do romance vivo e da história dos usos e costumes da sua freguesia, passara más noites de vigília, com o nariz colado à fiska de um postigo, a ver se o Artur trepava à janela da Doroteia. Afinal, ao quarto mês, as noites de Dezembro frigidíssimas e nevadas explicavam a ausência do caçador. A curiosidade da vizinha esfriou também, visto que, durante o Janeiro todo, em pesquisas de amores nocturnos, apenas descobrira, no telhado de Doroteia, algumas mancebias de gatos num frenesi de berros doloridos. Resta, porém, a mais instrutiva das averiguações da denunciante: – Ao quinto mês, dizia ela – Doroteia não saía de casa nem se mostrava a ninguém.

*

Se alguma vez a ordem das coisas sublunares evoluiu com a maior naturalidade foi então.

Artur Tavares viera algum tanto infeccionado dos ares pestilentes do concelho de Vila Nova de Gaia. Terçara as primeiras armas numa povoação chamada a *Rasa*, famosa como alcouce ao ar livre, de mulheres de nalgas maciças, com umas convexidades vibráteis, de pernas opulentas, duns requebrados arremessos no pisar e bater da chinela gaspeada que parecem marcar a marcha da sua desfaçatez ao som de um hino triunfal. Temíveis demónios! mulheres de tremer! flores de esterqueira que eu tenho visto na *boutonière* das melhores casacas!

Foi ali pela Rasa que o estudante noviciou no amor, quando o padrinho o deixava ir à caça das codornizes e das laverças. Além disso, ele tinha relido e digerido o *Cavalheiro de Faublas* que encontrara entre a *Suma* de S. Tomás de Aquino, e o *Santo António, Racional da Graça*, colecção de sermões do padre António de Escobar. *Estava pronto*, como dizia o pai inconscientemente.

A primeira mulher impoluta e ingénua que lhe aceitasse a corte estava irremediavelmente abismada. Menina cândida, que respirasse o hálito mefítico deste homem, devia morrer asfixiada como avezinha que adejou por sobre os lagos Avernos. Para conjurar o malefício dos infectos desta pior espécie não. há senão o profilactismo do cacete.

Caiu a sorte negra na infausta noiva de José da Silva Rato Júnior. Se o pudor feminino resistiu às primeiras investidas do lascivo primo, essa resistência foi vencida pela promessa de remediar o pecado com o sacramento, logo que esse acto se fizesse necessário para legitimar o escândalo.

Mas o escândalo, supremamente naturalista, principiava a gritar do fundo das

entranhas de Doroteia, por maiores esforços que ela pusesse em o sufocar com espartilhos que lhe adelgaçassem a cintura e com sobrepostos saiotos para lhe arredondar as ancas. A mãe não podia já iludir-se, e o pai começava a reparar na magreza desmaiada da rapariga e nas mal enxutas lágrimas da mulher.

Entretanto, Doroteia prostrava-se de joelhos aos pés do primo a pedir-lhe que a recebesse, que a recebesse e a matasse depois, se ela lhe desse algum desgosto.

O Artur não se esquivava ao cumprimento da sua palavra: – que sim, que havia de casar com ela, tão depressa obtivesse licença do pai – o que não tardaria por andarem metidas nesse negócio pessoas respeitáveis.

Principiaram então a rarear as visitas, inutilizando a espionagem da vizinha. Meteu-se o Novembro muito frio, grassavam as catarrais, os caminhos eram lamaceiros absorventes, intransitáveis, e o primo Artur Tavares tinha de patinhar três quartos de légua para assistir cheio de tédio a uma cena de lágrimas, e demais a mais arriscado a levar quatro ripadas do tio Canastreiro ou dois zagalotes do José Rato. Ela ia vivendo. O século de Fáon ia já muito longe; e por aqueles sítios os Lêucades de lama apenas estavam infamados por naufrágios de burras de moleiros. Suicídios de Safos não constava nenhum.

Não era preciso ter lido o *Faublas* para, nas noites tempestuosas de Fevereiro, preferir o aconchego dos seus cobertores de papa às carícias deplorativas de Doroteia que às duas por três: «Casa comigo, primo do meu coração, casa comigo, senão eu pego e engulo três caixas de fósforos!» E nunca pegava nem engolia sequer uma caixa!

Artur, lido bastante em Sue e Dumas, tinha suficiente erudição crítica para sentir o supremo ridículo das caixas de palitos fosfóricos de José Osti. Já o enojava aquela ameaça repetida sempre na mesma incorrecção aflita. *Pego e engulo*, dizia ele consigo. Achava incorrecta a gramática da frase. Ora, quando um amante saciado principia a esgaravatar solecismos e barbarismos na declamação da mulher que o adora, essa mulher está perdida para todos os efeitos.

O escândalo, afinal, manifestava-se, grande, esférico e visível, sem o telescópio do selenógrafo Lord Rosse, como a lua cheia, a casta Diana. – Bem comparadas coisas! O pai de Doroteia entrou no segredo da mãe quando o facultativo chamado à força, contra a vontade da enferma, declarou que a rapariga não estava hidrópica, como a boa mãe conjecturava, por obséquo à moral.

– Aquilo não é nada – dizia o médico.

– Antecipou-se, é o que foi.

– O quê?! – perguntava o pai esbugalhando uns olhos congestionados de projectos homicidas.

– Antecipou-se ao sétimo sacramento. Tudo se remedeia. A natureza fez a mulher, que é carne putrecível, e a Igreja fez o sacramento que é o sal da carne em risco de apodrecer. Você percebe-me?

– Acho que sim; o senhor doutor quer dizer na sua que a rapariga... – E fez com as mãos enormes e convexas uma espécie de cúpula sobre o estômago.

– Ora aí está: é isso. Deu no vinte. Agora é casá-la, meu homem, é casá-la com o sujeito que... – E fez também com as mãos uma cúpula sobre o estômago, errando mais palmo menos palmo a topografia do fenómeno em questão.

Tinha muita pilhéria este médico, e editava sempre uma chalaça nova para o diagnóstico e prognóstico de cada hidropisia que lhe aparecera daquela casta; e, como os casos análogos se multiplicavam cada vez mais nas doze freguesias que ele medicava, era preciso ter fértil imaginação para se não repetir. Desta vez o que lhe valeu foi a cúpula – um piagiato; a originalidade da mímica era do Canastreiro – tenha paciência o doutor.

II

As mães de Doroteia e do Artur eram irmãs. Não se davam e raras vezes se viam. A Quitéria, mulher do João Canastreiro, casara contra vontade do pai que a reduziu a miserável dote, beneficiando a mulher do Rodrigues. Começou daí a indisposição, que se azedou quando a Quitéria, que era honesta, repreendeu Balbina infamada pelo seu adultério com o padre. A irmã nunca lhe perdoou o atrevimento de intrometer-se na sua vida, caluniando-a demais a mais. Quitéria sofreu honradamente o insulto e o desprezo. Evitava-a quanto podia; e, se o marido a convidava a ir a casa da irmã, tinha sempre doença que a impedia.

Quando o sobrinho a visitou, dizia ela que lhe palpitara grande desgraça; e, se o não expulsou de sua casa, foi porque julgou realizar-se sem demora o casamento apalavrado da filha com o Rato. Depois, quando viu Doroteia apaixonar-se até à loucura pelo primo, já não pôde . cortar violentamente as relações de parentesco sem expor a filha à maledicência e talvez ao suicídio.

A pobre mãe adorava a sua filha. Não tinha outra. Confiava muito nas suas orações a uma escultura de Santa Rita que a tinha favorecido repetidas vezes com uma condescendência infatigável em crises de enormes angústias como fora a febre tifóide do marido, a epizootia do gado vacum e outras doenças graves das ovelhas e dos cevados, tudo restituído a uma perfeita saúde por Santa Rita. As lágrimas e a fé com que esta mulher se ajoelhava àquele pau canonizado, não podiam deixar de comover a Providência que sugeriu na treva da dor humana a luz da oração. Eu, de mim, creio que Deus, autor das angústias de alma e corpo, deve ter criado também algum anódino que as mitigue. E, se não é a oração, que há-de ser? Para as nevralgias do corpo, os valerianatos, o curare, a morfina, a cocaína, a beladona, os anestésicos; para as agonias do espírito, o linimento balsâmico da oração, a esperança do remédio extraterrestre, a confiança numa alta potência moderadora dos castigos infligidos pela sua divina lei. Os anestésicos, a fricção da terebintina, as injeções hipodérmicas, às vezes, são ineficazes como as orações. Não importa. O desgraçado reze e friccione-se sempre. Apele para Deus da própria farmacologia; e, quando as injustiças cruéis deste planeta o acalcanharem, vá perdoando sempre aos seus devedores – não preferindo antes executá-los – para que Deus Nosso Senhor lhe perdoe... a desgraça de ter nascido. Mas, se há aí desamparado que nenhum alívio experimentou orando, antes de negar a existência de Deus, procure-O. Vá sozinho. Suba aos espigões das montanhas, ou desça aos recôncavos dos despenhadeiros. Isole-se; procure-O aí, e espere-O. O mais eficaz narcótico para um cérebro convulsionado é a solidão. Quando se sentir penetrado de

uma serenidade humilde e reportada como a paciência, aí está Deus. Ou isto, ou a Santa Rita da mulher do João Gaio. Ou a conformidade de Sílvio Pélico ou as peregrinações à Virgem do Sameiro. Em patologia psicológica não há mais nada.

*

Assim que suspeitou do projecto decisivo do marido, Quitéria, muito assustada, foi onde à irmã, e avisou-a de que o Artur, se não casava logo com sua filha, ou morria às mãos do seu homem, ou teria de matar o pai da infeliz que deitou a perder. Balbina, que já andava cismática e espavorida de ruins agouros, ficou estarecida com a notícia da gravidez da Doroteia e das intenções de seu cunhado, que tinha fama de muito maus fígados. Prefigurou-se-lhe o seu Arturzinho morto, e a justiça do Céu a puni-la no fruto do adultério. Pediu à irmã que tivesse mão do marido enquanto ela cogitava a maneira

de remediar o mal. Que esperava conseguir que o filho casasse com a prima e que seu marido não se opusesse.

Esta determinação, ao que parecia, foi-lhe arrancada pelo medo do perigo, e não por sentimentos honrados. A rica lavradeira, quando até àquele momento cismava no casamento do seu filho único, pintava na fantasia para nora alguma das herdeiras mais abastadas da comarca, e não achava dignas dele mais que uma ou duas das meninas educadas na cidade, senhoras propriamente ditas. Repugnava-lhe agora ver o seu rico filho casado com a filha do João Gaio, cujo começo de vida fora vender canastras nas feiras e capar porcos por casa dos lavradores; mas, por outro lado, a sua consciência, amedrontada pelo crime, aliviava-se de grande peso, conjecturando que Deus lhe receberia esse acto humilde de virtude em desconto dos seus pecados – e assim ficariam as contas saldadas com a justiça divina. Interrogava a este respeito a imagem de vários santos, cujo silêncio exprimia o seu bom senso, esquivando-se a figurar em negócios tão melindrosos de família.

Primeiro, entendeu-se com o filho. Depois de repreendê-lo pelo pecado, admoestou-o com exortações pias a remediar o erro, casando com sua prima, que a isso o obrigava a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. Artur escutou-a glacialmente e respondeu com um sorriso de cínico e um encolher de ombros – síntese de toda a filosofia de Faublas. A mãe estremeceu vibrada por uma reminiscência muito dolorosa: pareceu-lhe ver o riso sardónico e o erguer de ombros do padre Hilário quando ela, uma vez, exclamava que se mataria, se ele a deixasse por causa de outra. Apertado pela mãe, o rapaz explicou o sorriso impudentemente: – que não casava com Doroteia nem com outra, ainda que ela fosse princesa, porque era muito novo e precisava da sua liberdade para seguir uma carreira. Que estava resolvido a seguir a vida militar, visto que o pai não lhe dava as mesadas para a formatura. Replicou a mãe que o Canastreiro jurara matá-lo ainda que o fosse procurar ao Inferno. O janota redarguiu pimponamente que a pontaria do Canastreiro não era melhor que a dele – que estava às suas ordens. Balbina debulhou-se em copioso pranto: – Ai! filho da minha alma! ai! filho do meu coração! – e estreitava-o ao peito com a estremecida angústia de mãe que se abraça ao seu amado em perigo de vida. Rogava-lhe de mãos postas que casasse com a prima, que não condenasse a sua alma; que, se o não fazia por amor à pobre rapariga, que o fizesse por temor de Deus. Ele sentiu-se tentado e habilitado para convencer a mãe da ausência de Deus tanto em casamentos como em mancebias; mas desdenhou a vitória com quem lha não podia disputar.

Com o intento de ressalvar o filho da vingança do João Gaio e esperar que o tempo conjurasse o perigo, pediu Balbina com muitas lágrimas a Roberto que mandasse o Artur para Coimbra, e contou-lhe tudo. «Se ele com poucos estudos já é tão patife que desonrou a prima e não quer casar com ela, que fará quando for doutor?» Esta refutação do analfabeto Roberto Rodrigues é a condenação da instrução primária como inútil para se pensar e exprimir com acerto. Há homens sem ressaibo de letra redonda nos quais Deus incute infusões de lógica. Eles dão ares de sair do Cenáculo a evangelizar conceitos imortais. Sim, meu velho Rodrigues! se aquele patife com um pouco de francês de Laplace e algum latim de Tito Lívio, ainda estranho à retórica do Cardoso e à lógica do Dr. Dória, desonrava a prima com pérfida promessa de casamento, que faria depois, ao sair do poço da ciência, a escorrer pus de corrupção e pandectas de todo ele, à proporção da sabedoria? Fizestes muito bem, honrado lavrador, em castigar assim o filho do teu compadre – fizeste muito bem!

Fácil é de ver que o sentimento paternal tinha esfriado muito no coração do velho. Parece pois que a voz do sangue não gritava, e que a natureza, nem sempre amordaçada pela lei absurda que faz os pais demonstrados pelas núpcias, *nuptiae demonstrant*,

estava protestando, no desamor de Roberto, contra o sofisma daquela progenitura de coito danado. Só assim se explica o desabrimento com que ele respondeu à ameaça de ser soldado, comunicada pela consternada mãe: «Vai melhor para o quartel que para os estudos. Lá na tropa é que se ensinam os tratantes. Deixa-o ir com dez milheiros de diabos.» Balbina ouvira isto aterrada, silenciosa, e dizia talvez de si consigo: «Bem se vê que não é teu filho...» E, depois, relatando a resposta ao filho, Artur prorrompeu em insultos ao apócrifo autor dos seus dias: – que era um ginja estúpido como uma tranca, um pedaço-de-asno, uma besta quadrada. E a mãe, ouvindo isto, aterrada e silenciosa, dizia de si consigo: «Bem se vê que não é teu pai...»

*

Apesar da ilimitada confiança que Artur, caçador de laverças, pusera na sua mira, acautelava-se de dia, e não saía de noite. A mãe não o largava; e assim que ele punha pé fora de casa, aí estava ela de joelhos a implorar vigilância ao Anjo da Guarda de seu filho.

Uma noite recebeu Artur um bilhete de Doroteia em que as lágrimas eram tantas que deliam e aguavam a tinta. Pedia-lhe que se sumisse, que fugisse para longe, porque eram dois à cata dele para o acabarem – o pai e o Rato. Concluía por lhe perdoar a sua desgraça, e só lhe rogava que não abandonasse o seu filho, se ele chegasse a nascer.

Isto, se não era comovente, era sério pelo que respeitava à pancadaria. O cauto Nemrod de codornizes enfardelou o seu fato, não deu satisfações ao pai, e confidenciou deslealmente à mãe que ia até ao Porto passar algum tempo até abonancar-se a tormenta. Ela aplaudiu a resolução e deu-lhe os seus melhores cordões de ouro para que os vendesse, sendo preciso. O que ela já agora queria era ter o seu filho vivo e resguardado de perigos, embora o não visse.

Tinha ele, no concelho de Vila Nova de Gaia, os 55 cortiços de abelhas que lhe deixara o padrinho. Com o produto do colmeal e da égua, afora os cordões, habilitou-se para iniciar a carreira das armas longe da sua terra e do alcance dos bacamartes do João Gaio e do juiz eleito. Como tinha alguma leitura das crónicas asiáticas de João de Barros e Diogo do Couto, pensava em ir para a Índia. As suas ideias a respeito do mecanismo militar e da organização social portuguesa, em 1844, abonavam-lhe a esperança de ir à Ásia e regressar de lá com os louros dos Castros e Albuquerque para entupir de assombro os Canastreiros e os Ratos.

Disseram-lhe no Porto que não podia ir militar no Oriente sem sentar praça aqui e transferir-se depois para as guarnições ultramarinas. Aceitou o alvitre, e foi para a corte, onde jurou bandeira em um regimento de infantaria. Fez-se estimar por distinção de figura, asseio, correcção de maneiras, submissão à disciplina, frases elegantes e uma certa ilustração que os oficiais lhe admiravam. Ele era único em língua francesa no regimento, e quanto a latim não haveria outro no exército a não ser o marechal Saldanha.

Poucos meses depois saiu numa expedição para Goa com as divisas de primeiro-sargento. Na véspera do embarque escreveu à mãe a primeira carta. Dava-lhe parte da sua ida para a Índia como oficial inferior, e esperava achá-la viva quando voltasse gloriosamente à sua pátria.

A mãe não recebeu tal carta. O José da Silva Rato, cujo irmão era administrador do correio, subtraiu-a. Tinham indagado muito tempo sem resultado o esconderijo do sedutor, ele e o pai de Doroteia, confederados no plano de o matarem. Esperavam uma carta dirigida à família que os orientasse. Nunca chegara alguma ao correio de Fermedo, até que, decorridos quatro meses, houveram à mão essa que abriram, leram e rasgaram.

Balbina, a despeito do marido, tinha ido ao Porto procurar o filho. Ameaçavam-na já uns prelúdios de mania. Passeava as ruas do Porto, ao acaso, a ver se topava o seu Artur. Não conhecia ninguém que a dirigisse e auxiliasse. Viam aquela mulher a chorar parada na Ribeira, na Praça Nova, na Cordoaria. Perguntavam-lhe o que tinha. Respondia que procurava o seu filho, dizia o nome e a naturalidade. Ninguém o conhecia nem se interessava em descobrir um rapaz de vinte anos – um pândego provavelmente, fugido da maçada da aldeia, e perdido naquela Paris; talvez no *boulevard* dos Tintureiros ou no *boulevard* da Viela da Neta. E os transeuntes, que ouviam aquela mãe lamentosa, iam cuidar dos seus negócios, dizendo-lhe consoladoramente: «Vá para sua casa, mulherzinha, que o rapaz, em se lhe acabando o bronze, lá o tem.»

Regressou muito desgraçada, muito envelhecida, ao fim de oito dias, quase sem alimento, nem sono, nem descanso. O marido encarou-a espantado: «Que diabo tens tu, mulher?! Parece que trazes da cidade mais vinte anos! Não topaste o filho por lá? Deixa-o, com a breca! O bem que ele te quer a ti é como se vê. Nem uma carta! Pois paga-lhe na mesma moeda, minha laverca! Faz de conta que morreu, que eu há muito que fiz o mesmo.»

– Não falarias assim se ele fosse teu filhos... – diria ela no secreto da sua consciência atribulada.

Daí a pouco entrou pela mística fervorosamente. Ia confessar-se e comungar a outra freguesia todas as semanas. Morava aí um egresso franciscano de muita fama, com a casa sempre, desde o apontar da manhã, num assédio de beatas encapuchadas, com as mãos cruzadas sobre o peito, cabelo à escovinha e o terror do Inferno nos olhos espavoridos. Algumas escabujavam com histeria na igreja; outras, prostradas de borco sobre as campas, faziam pirâmides sem vértice, cones truncados, com o lombo e partes subjacentes. O egresso, Frei Joaquim da Cruz Sagrada, era um virtuoso, inteligente discípulo conventual de Frei Manuel do Cenáculo, valetudinário, austero consigo e indulgente com os outros, muito triste, cheio de saudade do seu cenóbio e da sua pobreza. Vivia como um professo, sempre amortalhado no seu hábito, por baixo do capote de cabeções, para não irritar a lei de Joaquim António de Aguiar que o mandara despir o hábito e morrer nu, de fome e de injúrias. Sofria até às lágrimas, quando as consciências das suas confessadas se abriam como ventres pútridos perfurados por turbilhões de vermes.

Assombrava-o a libertinagem das aldeias, a depravação das adúlteras crucificadas em remorsos quando começavam a envelhecer, estafadas de vício e com as carnes moídas. Esquivava-se, quanto a religião lhe permitia, de ouvi-las, porque duvidava da sinceridade da contrição. Entendia que a corajosa desvergonha de se confessarem era o impulso instantâneo e violento de um terror das penas eternas que não podia permanecer salutarmente. Naquele cérebro e coração cancerados não podia entrar entendimento novo nem alma regenerada. Lembravam-lhe as palavras do Divino Mestre no Evangelho de S. Mateus: *Ninguém deita remendo de pano novo em vestido velho... Nem deitam vinho novo em odres velhos, aliás rebentam os odres e se vai o vinho* (cap. IX, v. 16 e 17). É que algumas pecadoras muito chorosas, rojando a sua penitência em joelhos à volta da igreja, e depois reincidentes com o velho despejo, entibiaram-lhe o zelo ingénuo, afroixaram-lhe a energia com que se arremessara, abroquelado de armas divinas, de encontro ao espírito do mal. Vencido, não duvidou da interferência de Deus nos actos penitenciais; mas viu em si um soldado fraco para tão formidáveis combates. Retirou-se do confessionário algum tempo, e ungiu-se para a peleja com o bálsamo da oração humilde, pedindo a Jesus Cristo unção apostólica. Ora as mulheres não o deixavam. Era um alarido de choradeira à porta do padre e na igreja. Algumas velhas

pediam exorcismos para as filhas possuídas do Demónio. As obsessas eram as filhas; que o ratão do Diabo não se ajujava aos corpos escalavrados das mães, e mais já tinha entrado, por sua própria vontade e a pedido, como é notório, em uma grande vara de porcos que se afogaram de escantilhão no mar – os inocentes porcos! Pois Frei Joaquim não exorcismava, por ter para si que eram suficientes as más paixões humanas para destemperarem os nervos das energúmenas, e rejeitava como supérflua a colaboração sobrenatural dos espíritos rebeldes naquelas doenças mentais.

Havia ali perto, em Romariz, certa mulher dentro da qual falavam as almas dos defuntos. Era a Joana Gaia, a Toqueriné de alcunha, irmã do João Canastreiro. Era um *corpo-aberto* ou *casa-aberta*, como lá chamam a esses domicílios excepcionais, pela fácil entrada que as almas penadas acham naqueles latrinários arcaboços. Os defuntos serviam-se da língua da Toqueriné para reclamarem sufrágios, orações, restituições de roubos e o perdão dos vivos prejudicados na honra ou na fazenda. Seria uma boa instituição social duas destas mulheres em cada freguesia urbana, agregadas ao comissariado da polícia, se os *corpos-abertos* exercessem as suas funções com algum critério; mas a Toqueriné era facciosa, ruim como as cobras, muito venal, e alugava o corpo a qualquer defunto por três ou quatro pintos. O esclarecido egresso nunca admitiu esta mulher ao tribunal da penitência, por considerá-la, não perversa, mas mentecapta, sem a inteligência lúcida requerida para o acto sacrossanto da comunhão; e lastimava que as autoridades civil e eclesiástica não recolhessem aquela pobre criatura sandia a um hospício de alienados. Que boa fé e candura de santo!

*

Entre as suas filhas espirituais havia uma que o confessor admitia todos os sábados e tratava com extremada caridade. Era a Balbina de Val-Redondo.

Nesta mulher vira o egresso a dor sincera justificada pelo remorso do delito com a cumplicidade de um presbítero. O velho franciscano chorava, como se contribuísse, chorando, para a expiação dos crimes da sua classe. Não era a perversão dos nervos vibrados pelo dinamismo da estupidez supersticiosa que atormentava aquela penitente. O filho convertera-se-lhe em expiação, quer o considerasse vivo e cruamente ingrato, quer assassinado ocultamente. Como filho do crime, constituíra-se na mão de Deus o flagelo incessante do seu coração de mãe, ou a tortura sem repouso da sua consciência de mulher casada. Não acreditava que Deus lhe houvesse perdoado enquanto lhe não restituísse o filho. O inferno de o perder queimava-lhe o corpo e a alma; o outro Inferno de além-túmulo quase que a não preocupava. Para esse iria ela voluntariamente, se há estivesse o seu Artur. O frade ouvia isto assombrado, abria os tesouros da misericórdia divina, e garantia-lhe a salvação na outra vida e um resto de velhice sossegada neste mundo, depois das mortificações da penitência. Ela expiava com rezas, com jejuns, cilícios, humildades abjectas ao marido, esmolos excedentes aos seus recursos. Chegava a vender a ocultas do homem rasas de milho e cântaros de vinho para beneficiar santos dos altares com cera para os castiçais e azeite para as lâmpadas. Pagava missas hipotéticas por alma do filho; e achava clérigos que as rezavam condicionalmente, asseverando que, se ele estivesse vivo, nada se perdia antes ganhava, porque *a candeia que vai adiante é a que alumia melhor* – um anexim que desafina bastante da sagrada solenidade do sacrifício incruento.

Começava o egresso a suspeitar da sanidade intelectual da sua confessada, a desconsolar-se, a descrer da eficácia das suas exortações de esperança e confiança na piedade divina. Balbina entrava-lhe espavorida em casa, enxugando as bagas de suor confundidas com o fio das lágrimas, e a bradar que a perseguia uma visão, na

escuridade e à luz do sol, sempre, constantemente um fantasma. E dizia o nome que o fantasma tivera nesta vida. Pedia a gritos hissopadas de água benta, esconjuros, a piedade do seu pai espiritual. E o confessor, pondo as mãos: – Jesus Cristo, tende piedade dela, e amerceai-vos da alma do criminoso, se é compatível com a vossa misericórdia!

O criminoso na mente do confessor tinha provavelmente o nome que a desvairada mulher dera ao fantasma no sigilo da confissão.

E assim, a treva a cerrar-se cada vez mais, a termos que o padre já lhe não dava a hóstia, e meditava na maneira de impedir que ela saísse de casa.

O Roberto Rodrigues andava ralado por ver a mulher naquele preparo. As vezes, era desabrido culpando-lhe a paixão pelo mau filho, que os desprezava a ponto de nem dar notícias suas. Descompunha-a. – Que andava a casa à matroca; que lhe roubavam o milho e o vinho; que não tinha às vezes que comer, nem quem lhe lavasse a roupa branca. Que raios partissem o beatério e mais o frade que lhe dera volta ao miolo da mulher!

Ela então ajoelhava-se diante do marido a pedir-lhe perdão com uns trejeitos de doida; e ele pegava de barregar que não queria comédias. Desde que vira em Arouca a Inês de Castro de joelhos aos pés de D. Afonso, tudo que fosse uma mulher ajoelhada diante de um homem era comédia. E não estava longe de acertar, no seu caso, pela parte cômica que ele tinha representado naquele drama familiar.

*

Num dia de feira de Fermedo, Roberto Rodrigues saiu com duas juntas de bois, a tempo que a mulher partira para o confesso. Aí pelo meio-dia, o lavrador apeteceu-lhe jantar. Estava contente. Tinha vendido bem o seu gado ao marchante Gil, e comprara bezerros para criação. Entrou na estalagem e sentou-se à mesa em que estava comendo o João

Gaio, seu concunhado, e mais o José Rato. Deu-lhes as boas-tardes, e eles não lhe corresponderam.

– Guardem o seu dinheiro e falem aos amigos — disse o Roberto Rodrigues.

– Isso de amigos – replicou o Canastreiro – *tó carocha*. Que leve o diabo amigos que escondem os filhos pra eles não casarem com as raparigas que desonram.

– Apoiado! – abundou o juiz eleito.

– Eu não escondo o filho, ouviste? – contraveio o lavrador. – Se tu não sabes dele, também eu não. – Depois cumprimentou o Gil, de Gaia, um marchante agigantado que lhe comprara os bois; e, sentando-se à mesa, repetia pachorrentamente : – Se não sabes dele, também eu não.

– Lérias, meu amiguinho de Peniche, lérias! Então quem diabo é que o sustenta? Onde está ele metido que vive de ar? Explique lá você, seu Roberto, quem é que lhe dá a chelpa?

O Rato bem sabia que o Artur saíra para a Índia e nunca até ao dia do embarque escrevera para casa; mas, para não comprometer o irmão que subtraíra e lhe dera a carta sob juramento de segredo, nem ao Canastreiro denunciara a maroteira. Além disso, o juiz eleito, cada vez mais cativo e apaixonado da Doroteia, não diria palavra por onde ela conjecturasse a paragem do amante.

E o Canastreiro prosseguia, alternando os insultos com os tragos no copo:

– E bem asno você, se cuida que me come!... Vem de carrinho, seu Roberto do diabo... Olhe, mande-lhe escrever que, se algum dia cá tornar, o pai da sua prima, que ele desonrou, há-de-lhe arrancar os fígados pelas goelas. Percebeu?

– Lá se avenham... quando o encontrares, arranca-lhe os fígados... – murmurou o Rodrigues, e voltado para a criada: – Traz meia posta de carne assada.

– Tanta vergonha tem o pai como o filho... – disse o Canastreiro ao Rato; e, feita uma pausa: – Pai! ele é tão pai de tal malandro como eu. O verdadeiro pai já lá está há mais d'ano a espernear no Inferno. Saiu o pau à racha! Padres!... Eu quando vejo um padre, sinto cá por dentro uns formigueiros de me ir a ele e sangrá-lo pelo pescoço como quem mata um cevado.

E fazia gesticulações suinidas, exorbitando os olhos e arregaçando o queixo de baixo ferozmente.

Roberto Rodrigues escutava-o. Tinha diante de si o prato com a posta do assado e não comia. Empalidecera, e contorcia-se como se o assaltasse uma cólica. Estava muita gente nas outras bancas a ouvir, num pasmo, lavradores seus vizinhos e mais as mulheres que se benziavam escandalizadas dos insultos aos padres: – Santo Nome de Jesus! Credo! que heresias ele deita por aquela boca fora!

– Isso não são termos, homem! – interveio o Gil de Gaia com um volume de voz de Adamastor. – Eu não o conheço nem nunca o vi mais gordo; mas seja lá quem for, você está bêbado, por mais que me digam.

O Canastreiro levantara-se de ímpeto, em atitude agressiva, encarando no Gil. E o outro, sem se mexer:

– Olhe que não me mete medo, patrão! Tenho visto caras piores que a sua... Se está bêbado, coza-a; e, se não está, ouça o que lhe vou dizer, e esteja quedo. Você está aí a desfeitear um velho honrado que não tem culpa nas asneiras do filho; e a fazer como os cães e os porcos que desenterram um morto pra lhe rilharem os ossos. Não mexa na sepultura de quem lá está, e não pode responder-lhe como você merece. Vá com esta que lhe há-de servir de saúde às costelas. Ora agora, se quer alguma coisa, deixe-me pagar o que comi, e apareça-me, se lhe apetecer, aí pela estrada, que o meu caminho sabe você qual é; e, se o não sabe, pergunte, que eu sou bem conhecido.

O Gil levantou-se então em toda a sua altura ciclópica. Era como um gigante de mágica a emergir de um alçapão. Seria difícil problema resolver onde ele tinha recolhidas as pernas infinitas.

E, aproximando-se de Roberto:

– Se não pode comer, venha daí, tio Roberto, venha daí, e faça de conta que um garoto da Porta de Carros lhe atirou com um punhado de lama à cara.

Erguera-se trémulo o marido de Balbina com a mão sobre o lado esquerdo, curvado, e as pálpebras e os lábios a vibrarem na críspação das lágrimas, rebeldes.

O Canastreiro leu no aspecto do auditório o aplauso geral à briosa coragem do Gil, e uma tácita ameaça de o espancarem, se ele remetesse contra o colossal marchante de Gaia. Quedou-se numa imobilidade espavorida de urso amordaçado. Depois, quase ao ouvido do juiz eleito, falou em *facadas e tripas ao sol*.

O Rato admoestava-o: que fosse mais prudente e esperasse melhor ocasião de desforra; que o Rodrigues não tinha culpa; e que andara mal em trazer à baila coisas passadas a respeito do padre Tavares.

– Tivesse você uma filha desonrada! – replicava dramaticamente o João Gaio, vertendo lágrimas de uma sensibilidade vinolenta. E, voltado para o auditório silencioso: – Eu sou pai, senhores! tenho o coração – e batia rijas palmadas no peito às mãos ambas – tenho o coração mais negro que este chapéu! Desonraram-me a minha filha! Estão aqui mulheres que a conheceram mais pura que as próprias estrelas do céu...

– Isso é assim, isso é assim! – confirmava a vizinha que denunciara as escaladas nocturnas do Artur.

– O hominho tem razão! – aplaudia uma lavradeira esmamaçada, com arrotos de

iscas de bacalhau. Ela tinha, momentos antes, lagrimado por conta do Roberto Rodrigues aflito, petrificado na sua desonra.

O sentimentalismo começou a contagiar a outra gente, que rodeou o Canastreiro com uns semblantes bestialmente contristados, a ouvirem miudezas da perdição de Doroteia com o interesse dos saloios que em Lisboa escutam, de graça, a exposição de um caso trágico apregoado por velhos gaiatos vendedores de notícias impressas, *nas quais*, dizem eles, *o caso se acha melhor declarado, por dez réis*.

Ao passo que o declamador baixava na exaltação e o álcool subia esófago acima em eructações avinagradas, a emotividade trágica esfriava. Ele repetia-se muito, feria as mesmas teclas do patético, começava a babar-se e a cuspinhar. Nestas condições nem Sócrates nem Demóstenes prenderiam a atenção daquela canalha. A assembleia rarefez-se. Ficaram afinal três mulheres idosas que também saíram, à sorrelfa, murmurando convencionalmente compungidas umas frases consagradas tanto para a tristeza de um porco doente como para o cadáver de um vizinho furado de facadas. –Valha-nos Deus! Deus nos acuda! tudo são desgraças e poucas-vergonhas neste mundo! Ó gentes, ninguém diga que está bem!...

E ele, sentando-se, outra vez, em frente do Rato, a alimpar as camarinhas de suor, esfalfado de oratória, com a língua muito seca e peganhenta, mandou vir uma garrafa da Companhia. – Mas, rapariga, olha lá, do branco – recomendava com instância de amador.

Dir-se-ia que buscava na cor do bálsamo da Companhia o contraste do seu coração negro como aquele chapéu.

III

Já noite fechada, contra o seu costume, entrou Roberto em casa. Balbina, assustada da demora, estava orando, pedindo à Virgem que desviasse de encontros maus o seu homem.

Ele entrou cambaleando como um ébrio, amparando-se aos trastes e às paredes. Não tinha bebido nem comido em todo o dia. A mulher, com amoroso sobressalto, foi para o abraçar.

– Que tens, Roberto? vens doente?

O marido fez-lhe um trejeito de repulsão e entrou na alcova para se deitar. A mulher seguia-o muito mortificada, e ele, empurrando-a para fora, rodou a chave da porta, que fechou com grande estrondo.

Quando Roberto se levantou, ao amanhecer, encontrou a mulher à porta da alcova, acorada como um embrulho, com a cara entre os joelhos, a tiritar de frio. Ele bem a ouvira soluçar toda a noite. O desgraçado também não tinha pregado olho. Ao sair do quarto, parecia nem sequer encará-la.

Balbina ergueu-se e seguiu-o sem balbuciações gementes, hirta, num apumado silêncio de mártir voluntária. Se não levasse o rosto com os sulcos da velhice precoce cheios de lágrimas, dir-se-ia uma sonâmbula. Entrando num recinto onde se arrumavam os instrumentos agrícolas, Roberto, muito debilitado pelas tonturas da insónia e falta de alimento, amparou-se ao cabo de uma foice de mato. Nesta postura, fitou a mulher que parara à beira dele, mediu-a de alto a baixo com um revés de olhos funestos, e disse pausadamente, com uma naturalidade trágica:

– Não te mato, não! Quem te há-de matar é o remorso.

E ela, consoante o seu costume, desde que o pavor dos pecados a atormentava, genuflectiu diante do marido, e respondeu com firmeza de penitente que se oferece ao suplício:

– Perdoe-te a morte, Roberto. Mata-me.

Note-se de passagem: este homem e esta mulher, que não sabiam ler nem frequentavam teatros, podiam fornecer excelentes finais de actos – o brilhante preto da literatura dramtológica – para as comédias de costumes nacionais. As mais finas jóias da sensibilidade são, como as pérolas, extractos de brutos mariscos. Bem sabem em que parte ignóbil uma certa cabra tem a cápsula do almíscar, deliciosa perfumaria. Também não ignoram de que filtros se nutre o enconchado e verdejante repolho de São Cosme, e em que fedores se gera e embelece a rosa-de-alexandria. E tudo assim, como os finais de actos extraídos pela natureza da dor bruta do Roberto e da Balbina.

O marido voltou-lhe as costas, largou a foice como se a sentisse a queimar-lhe os dedos com uma tentação sanguinária, voltou à alcova, e atirou-se, afogado por soluços, para cima do leito. E Balbina lá foi sentar-se no limiar da porta, a chorar, arrepiada de frio, muito encolhida.

Ele já não podia duvidar do adultério. Daquela negra caverna já não havia saída para a luz que, horas antes, ainda lhe alumiaava a sua alegria honrada; nem réstia de esperança de ver aquela mulher desassombrada da calúnia e a sua dignidade restabelecida. Tudo cerrado. Confrontava a cara do padre Hilário com as feições do Artur. Espantava-se como só agora notava a semelhança que nunca lhe surpreendera o espírito! O corriam-lhe muitas recordações que lhe rasgavam o coração e o endoideciam. A familiaridade do padre em sua casa. Ficava horas sozinho com Balbina, quando ele ia às feiras. O seu amor ao afilhado, e a teima de levá-lo para a sua reitoria onde esteve oito anos gratuitamente. Os legados que lhe deixou, e o propósito de o doutorar à sua custa.

Afora isto, as outras mulheres casadas de quem o padre tinha sido amante, vinham em grupo, e com ar de escárnio, testemunhar a desonra da sua. Apareciam-lhe agora luminosos na escuridão do quarto, com todo o fel do sarcasmo, os sorrisos dos vizinhos quando ele defendia o compadre das aleivosias que lhe assacavam, e se gabava de ter uma virtuosa companheira que dispensava de ser guardada. Depois, subindo a regiões mais problemáticas de psicologia, interrogava-se sobre a aversão que ganhara ao Artur desde certo tempo; e convencia-se que nunca lhe votara o amor que os pais têm aos filhos. Jamais ouvira dentro em si a «voz do sangue». Parecia-lhe que, se fosse pai, o coração lhe estalaria de dor, vendo-o desaparecer, sem lhe saber o destino, sem esperança de tornar a vê-lo vivo ou morto. O Artur estivera oito anos ausente; a mãe sempre a chorar com saudades do filho, e ele nem sequer sentia grande vontade de o trazer para casa. Pelo contrário, logo que chegou com uns ares abandonados de janota, entrou a aborrecê-lo, a detestá-lo, por fim, como se adivinhasse que aquele devasso vadio não era, não podia ser seu filho. Por último, detinha-se a analisar o procedimento de Balbina, desde certa época. O beatério, as confissões, os medos da morte, as suas humildades e carícias, candonguices a que ele não estava afeito – eram remorsos, dizia o cismador atribulado com a penetrante convicção – eram remorsos, terror de Deus, e da minha vingança, se eu viesse a dar na malhoada. – A maneira como ela lhe respondera, de joelhos: «Mata-me, que eu perdoo-te a morte!» foi o golpe de misericórdia que lhe cortou o último fio de esperança. Se ela se revoltasse e exigisse ativamente explicações daquelas palavras incompreensíveis pelo horror da injúria, se fingisse grande espanto de as ouvir, pode ser que Roberto vacilasse em aceitar as conclusões que tirara de dez horas de meditação no seu quarto. Mas não. A resposta dela foi como se dissesse: «Sou criminosa, sou adúltera. Artur não era teu filho; mata-me que eu desejo morrer: não posso com o remorso.»

Pensaria isto, pouco mais ou menos, Roberto. Não o saberia expressar com estas fórmulas penteadas; mas os pensamentos que lhe anavalhavam a alma deviam golpeá-lo no íntimo, com uma excisão profunda até onde não chega a alçada da palavra correcta e amaneirada. Ele revolvía-se na cama esbraseado de febre, e dizia: «Quem me dera acabar!» e comprimia os solavancos do coração onde sentira cravar-se-lhe um ferro de punhal quando o Canastreiro o injuriava. Queria vestir-se, sair, trabalhar, distrair-se, salvar-se; mas não podia, sequer, erguer-se. Mandou um criado da lavoura chamar uma irmã que tinha casada em Covelas. Pediu-lhe que o levasse para a sua companhia, que se sentia muito mal, e não tinha quem lhe fizesse um caldo. Não deu explicações à irmã, nem ela as pediu. A sua desonra era notória; as relações antigas de Balbina com o padre todo o mundo as sabia. A irmã nunca lho dissera, para o não desgraçar sem proveito algum.

Viu Balbina descer o marido ao pátio, amparado pela irmã e pelo criado. Esperava-o a égua aparelhada de cadeirinha para o conduzir a Covelas. A mulher ainda desceu alguns degraus para dizer ao marido... não sabia ela o quê; mas caiu desfalecida a meio da escada e resvalou ao lajedo. Correu a cunhada a levantá-la; e o marido, quando ela abriu os olhos, com uma piedade mais excruciante que o rancor, disse-lhe:

– Deus te perdoe! Deus te perdoe, má mulher!

E afastou-se com o criado e a irmã, deixando a outra em gritos que alvoroçaram o povoado.

*

Horas depois, Balbina relatava ao egresso, em arquejos espasmódicos, a cena da separação. Frei Joaquim ouviu-a consternadamente e disse:

– Infeliz e honrado homem! Permita Deus que a sua dor lhe abra cedo as portas do Céu!

Não era aquela espécie de jaculatória o que ela desejava. Pedia-lhe de mãos postas que falasse ao marido, que o abrandasse e trouxesse para casa. Prometia servir de rastos o seu querido homem, pôr a cara onde ele pusesse os pés; – que a matasse, mas não a abandonasse à chacota do mundo e ao desprezo de toda a gente.

– Minha filha – admoestou o confessor – pense mais nos suplícios da eternidade que na chacota do mundo, e mais no amor de Deus que no desprezo de toda a gente. Salve-se a si pelo arrependimento e pela confiança na divina misericórdia, e deixe lá estar onde está seu marido, deixe-o morrer ou viver sossegado, se isso é possível. Confie que ele há-de perdoar-lhe; mas não espere que a chaga da desonra se feche tão depressa, nem que eu possa fazer milagres.

A beata irrompeu em berros desarticulados, com os olhos fulgurantes, amauróticos, numa paralisia espantadiça. O egresso pedia aflito um púcaro de água, e girava com extraordinária actividade entre a cozinha e a saleta, porque não havia quem lhe chegasse a vasilha da água; e a confessada, caída no sobrado, espojava-se muito descomposta, com o saiote debruado de veludilho e arregaçado até aos joelhos pelas convulsões epilépticas das pernas. Nunca tinha visto semelhante espectáculo o santo homem! Ele não atinava se devia cobrir-lhe as pernas, se fugir.

Recuperados os sentidos e compondo-se muito envergonhada, pediu mil perdões ao seu pai espiritual, exigindo-lhe uma penitência bem grande. Respondeu o padre que não podia impor penitência fora do confessional; mas lhe aconselhava conformar-se com a vontade de Nosso Senhor Jesus Cristo, e pedir-lhe que houvesse com ela sua divina majestade a compaixão que dispensara a Santa Maria Madalena, a Santa Margarida de Cortona e a Santa Maria Egípcíaca. Há santas para todas as situações.

Saiu Balbina de casa do confessor bastante desconfiada da virtude do franciscano. Entendia ela que o dever do ministro do Senhor era ir sem dilação de tempo buscar-lhe o marido para casa e movê-lo evangelicamente a fazer as pazes. Claro é que não funcionava muito escorreita a razão da pobre mulher, posto que alguns exemplos de análogas reconciliações tivessem chegado ao seu conhecimento, representados por pessoas muito sensatas. Lembrava-se de dois. A baronesa da Portelinha, casada, depois de peregrinar pela Europa com um amante, regressara à pátria, e fora restituída ao esposo e aos filhinhos por um padre. A mulher do comendador Felisberto, de Santo Amaro, apanhada em flagrante delito na Foz e enclausurada no Recolhimento do Ferro, volvidos quatro meses, e desencardidas as asas nos lavatórios de água benta, voara, anjo purificado, ao seio do marido, de carruagem, com o seu confessor ao lado. Duas luas-de-mel novo. Ela sabia estes episódios que o Artur lhe contara. O que faltava no seu caso excepcional era um padre com a destreza hípica dos outros que puseram bridão e cabeções religiosos nos dois maridos bravos, rebelões, escamados. Portanto, o seu egresso não prestava para nada.

*

Enquanto Balbina, nas presas da sua dor e vergonha se isolava de toda a convivência em oração interrompida por desmaios e nervosismos, Roberto ia readquirindo força moral, resignando-se; mas a corporal decrescia sem intermissão. Extenuavam-no as hemorragias pela boca, precedidas de pontadas no coração. O clínico da aldeia que o auscultara diagnosticou aquela anormalidade, funcional e não orgânica do coração, de reflexos simpáticos da dispepsia. Mandou-o comer, distrair-se, banhos do mar e vinho do Porto de 1815.

Chegada a estação balnear, foi o dispéptico para Espinho; e, logo ao primeiro banho, sentiu-se abafado e ofegante, um estonteamento com zumbidos nos ouvidos. Consultou outro médico da cidade, muito em dia com os avanços da medicina francesa, e que tinha feito milagres com leite de vaca e *cognac* no curativo das tuberculoses. Era um prodígio em clínica cerebral – o *Doutor Sangrado* do espírito. Este sábio aplicou-lhe à região torácica o estetoscópio, e capitulou de nevropatia a doença. Que continuasse os banhos de choque, uma só onda, meia chávena de café na barraca e uma colher de *cognac*, brometo de potássio três vezes ao dia. De resto, bifés à inglesa, cerveja preta, e um cálice de *cognac*. Ao segundo banho, quando tomava o café, teve Roberto um vágado na barraca, e foi levado em padiola ao quartel. Agravaram-se as dores, a asfixia e as ânsias. As palpitações ouviam-se e contavam-se a distância pelo arfar da camisa. Inculcaram-lhe um grande médico, recentemente chegado de Coimbra a banhos, especialista em doenças de fígado. Este doutor, examinado o enfermo, classificou mentalmente de burros os seus colegas, e que retirasse da beira-mar imediatamente. Receitou-lhe pílulas de digital, comer pouco, caldos, ovos, uma asa de franga, e nada de vinho, nem cerveja, nem bebidas brancas.

Num profundo cepticismo a respeito dos médicos, entrou Roberto a desconfiar que morria. Quis fazer testamento antes de retirar-se. Resolvera deixar quanto pudesse à irmã. Chamou-se um tabelião para redigir o instrumento. Disse-lhe o testador que declarava não ser seu filho um tal Artur Tavares, o qual era adúltero de sua mulher, e como tal o expulsava da herança dos seus bens, embora fosse baptizado como seu filho.

Lá estava a lei com a sua pudentíssima honestidade para desmentir o testador e demonstrar que ele era um pai legítimo. Foi o que lhe disse, pouco mais ou menos, o tabelião. Roberto Rodrigues, pasmadíssimo desta infâmia da lei, sentou-se de salto na cama, com um ataque de ira, bradando que sua mulher trouxera ao casal 400\$000 réis, e que a sua casa não devia ir para o filho do adultério. O tabelião encolhia os ombros: – É a lei, é a lei; não é boa, mas vigora.

– Então eu não posso deixar à minha irmã o que é meu? O que nossos pais ganharam com o suor do seu rosto há-de ir para o filho de uma marafona que se amigou com um padre? – E barafustava sacudindo a roupa. Via-se-lhe o soluçar do coração a saltos contra as costelas descarnadas. – Chamem um doutor! – gritava, bracejando – um doutor, depressa! o senhor escrivão não sabe nada. É impossível que a lei queira roubar minha irmã, e dê os meus bens ao filho da mulher que me matou. Chamem um doutor. Querem-me roubar! Corja de ladrões!

– Sossegue, Sr. Roberto! – linimentava o notário, deixando resvalar a injúria colectiva de «ladrões» no arnês da sua inocente erudição do Código Civil. – Vejamos se há meio de esbulhar da herança esse pretendido seu filho. Talvez uma venda simulada por escritura; porem, para isso seria preciso que sua esposa assinasse. Mas concordará ela em deserdar o filho?

– E se ela não assinar? – perguntou Roberto, arrancando-se da cama para o sobrado num ímpeto galvânico de raiva.

– Nada pode fazer-se legalmente... mas descanse, deite-se, Sr. Roberto – instava o tabelião, e ia à porta chamar gente, «que viesse alguém socorrer o doente», e voltou a abraçar-se nele para o deitar.

– Não quero. Vou vestir-me. Vou pegar fogo à minha casa, quero ver arder tudo, arrasar tudo, tudo, tudo, com dez milheiros de diabos. Deixem-me, deixem-me! – E sacudia a irmã e o tabelião que o agarravam pelos braços.

E no esforço que fez para desatar-se das presas deles, num estorcimento que o dobrou pela cintura sobre o lado esquerdo, expediu

um grito estridente, levando a mão ao peito; e, quando o encostaram sem

resistência à cama, suspirou um flébil gemido e morreu com um esgar de suprema angústia. Pelas comissuras dos lábios espumejava gromos de sangue estriado de pus.

IV

Depois do desaparecimento de Artur, o pai de Doroteia disse à mulher que não consentia a filha em casa com a barriga à boca. Que ia haver um rastolho de mil diabos, se ouvia grunhir crianças de portas adentro; que fosse largar a cria onde quisesse, ao Inferno; mas que se pusesse fora quanto antes. E, ao mesmo tempo, como tinha entranhas regulares de pai, segredava a Quitéria que se entendesse com a irmã dele, a Toqueriné, para a rapariga ir lá arranjar-se. E, depois, veriam.

Joana, a do *corpo-aberto*, era viúva, tinha dois filhos no Brasil, e vivia sozinha, sem nada de seu; mas não passava mal. Tinha bastante prática de parteira – modo de vida honesto e útil que lhe dava menor estipêndio que o arrendamento do seu corpo às almas vagabundas; e além destas duas aptidões mais ou menos produtivas, alugava um dos seus dois aposentos às puérperas envergonhadas que não pudessem esconder a sua desonra de mães em casa da família, e preferissem não assoalhar a sua maternidade ao ar livre. Mas de todos estes aluguéis o que lhe dava maior verba era o do seu próprio corpo aberto para parlamento entre vivos e defuntos. E posto que se arriscasse a quebrarem-lhe o locutório os vivos prejudicados pelas revelações dos mortos, a Toqueriné foi tão feliz que apenas uma vez, estando a falar nela uma alma em assuntos bastante sérios, entrou um vivo, de surpresa, no recinto das hórridas palestras, e foi-se a ela às cacetadas tantas e tamanhas que a própria alma do defunto fugiu, e mais não era, na sua qualidade ultragasosa, tangível ao cacete. Aconteceu, porém, este espancador, passados meses, morrer de icterícia, amarelo como cidra, e toda a gente afirmou que a sua morte era o castigo de bater na Toqueriné. Robusteceram-se então os créditos da mulher, embora o egresso a proibisse de chegar à mesa do pão consagrado. Em compensação da sova, daí a pouco, sem interferência de defuntos, arranjava ela um cento de libras com que resgatou um filho de soldado e pagou a passagem aos dois para o Rio de Janeiro.

Um cento de libras bem merecidas. Foi assim o caso:

Havia ali por perto de Arouca, na casa das Águias, um desembargador aposentado septuagenário, casado com uma sobrinha. A infecundidade da esposa trazia os seus parentes mortificados, porque o marido apenas a dotara cautelosamente com arras insignificantes. Houve ideias vulgares a tal respeito – completar o fenómeno da gestação mediante dinamismos adventícios, impulsos cooperadores de uma trivialidade tal que não merece a pena acentuar-se-lhe grande importância científica na história da propagação social. O marido, porém, não largava de olho a sobrinha, nem a deixava pôr pé em ramo verde. Deitavam-se juntos com a porta fechada à chave – uma chave de catedral, numa porta de batentes refractários ao machado e ao camartelo; erguiam-se juntos, e passavam o dia tão conchegados que, nos actos fisiológicos menos testemunháveis, segundo o código da decência entre cônjuges, ficava a porta aberta, e ele fazia ali o seu quarto de sentinela, desconfiando do altar da deusa romana Cloacina como desconfiaria das seduções de uma sala de baile; e o pior é que, revezando-se, obrigava a esposa a fazer-lhe sentinela a ele, com o lenço almiscarado, anti-séptico, nas narinas irritadas pelos perfumes estonteadores do gerânio e dos lilás-da-pérsia. Aí está uma vítima obscura dos grandes casais dum tio desembargador.

A mãe da esposa e cunhada do antigo magistrado do absolutismo teve com a filha um colóquio na capela, durante a missa, e aí se combinaram coisas que surtiram um desenlace prospérrimo sem laivo de desprimor ou ignomínia para o marido; nem aquela mãe consentiria na desonra material da sua filha. Daí a pouco espalhou-se que a D. Olímpia das Águias andava de esperanças e que o tio, num júbilo palerma, era o

propagador da novidade – somente da novidade, entenda-se. Trajavam-se nesse tempo os guarda-infantes e os merinaques. D. Olímpia usava-os exagerados ao cabo das nove luas. Presumida a semana da crise, transferiu-se, a beneplácito do esposo, para casa da mãe, que era perita nos segredos de Lucina, deusa gentílica das secundinas. Uma noite, ouviram-se gritos, grande rebuliço na casa, velas bentas acesas à Senhora do Parto, cria das a rezar pelos cantos, outras a rir, muitos cochichos larachentos, e o velho, no meio de tudo aquilo, de barrete de algodão com borla, chinelos de ourelo, em ceroulas e robe-de-chambre, com as abas cruzadas no ventre, muito atrapalhado; mas não o deixavam entrar no quarto da parturiente – para não a consternar. Depois ouviu-se um vagir de criança que entrara por uma janela do quarto rente com o jardim. Ora, essa criança fora comprada por cem libras à Toqueriné, que ainda recebeu, *par dessus le marché*, mais quatro libras da mãe para a levar à roda de Aveiro. Enternecia a lágrimas românticas contemplar o ancião com o pimpolho muito rechonchudo nas mãos, trementes de medo que lhe caísse: – O meu menino! o meu bebé! o meu filhinho! o meu biju! – Uma porcaria desta farsa humana, senhores, que muito mais lastimável seria, no personagem do desembargador, se o merinaque de D. Olímpia arredondasse com os seus amplos refegos artificiais uns quadris entumecidos pela natureza, a valer. Oxalá que os maridos senis e os pais honorários, predestinados a semelhantes fraudes, sejam apenas iludidos em sua boa-fé pela barba-de-baleia e pela crinolina.

*

O Gaio determinou obstinadamente que Doroteia enjeitasse o filho, se queria voltar para casa; quando não, fizesse de conta que não tinha pai nem mãe. A Joana Toqueriné votava com o irmão; porém a sobrinha teimava não enjeitar a filha desde o momento em que a tia lha deixou beijar. – Que fazia de conta que não tinha pai nem mãe ; iria pedir esmola para sustentar a sua querida menina, se o trabalho das suas mãos lhe não chegasse para caldo e pão. Replicava a Toqueriné que o pai da criança, quer estivesse morto, quer esquecido, não esperasse ela nada de tal malandro; que tinha de carregar com o peso da criação duma rapariga para lhe dar desgostos, porque filha de tal pai e neta do padre Hilário, devia de ser uma peste – raça excomungada! Que a deixasse ir para a roda com um sinal; e, se a sorte lhe futurasse, que a fosse buscar. E contou, a propósito, o número de enjeitados que tinha levado à roda, e os nomes das mães muito em segredo «entre nós que ninguém nos ouve». Das nomeadas havia umas que depois casaram «puras como as estrelas» e sublinhava dando casquinadas sibilantes por entre três dentes desaprumados que apitavam, quando expediam froixos de riso, no ar esfuziado pelas chanfraduras amarelas. Contava a rica passagem da D. Lúcia, mulher de um capitão de navios que andou pelos Brasis vinte meses sem vir a terra; e que a mulher, se não enjeitasse duas crianças uma atrás da outra, tinha de apresentar ao homem dois filhos duma assentada. – Que era de rebentar de riso. Abaixando a voz – ali entre elas que ninguém as ouvia – contou o caso, isso é que era pagode, da fidalguinha de Vilarandelho. Já lá iam mais de dezoito anos bons. O seu homem, Deus lhe perdoasse, era o sapateiro da casa. Foi então que ela começou a valer às pessoas aflitas, ajudando-as na sua desgraça – dizia com um compungimento untuoso misticamente serviçal de Irmã da Caridade. A fidalguinha, grande fazenda, fresca e vermelha como uma cereja, pagara o tributo. Não sabia dizer se foi o escudeiro, um latagão como uma torre, se o capelão da casa que era muito linda figura de homem, mas levadinho da breca pràs éguas. Fosse quem fosse, a natureza dera de si – resumiu com um traço lacónico de fisiologia inata. Contou que o marido a mandara assistir à fidalga que tinha vindo a ares ali para uma quinta perto, «bem sabes, a Refeiteira». Bons tempos! Doze peças de duas

caras ganhou teu tio e mais eu nessa empreitada. Fui eu levar à roda a menina com uma declaração num saquinho de seda ao pescoço. E que riqueza de enxoval! Credo! Sabes o que sucedeu depois, Doroteia? O pai da fidalga morreu, há-de haver seis anos, a mãe já tinha morrido, e a morgada, que estava ainda solteira, mandou averiguar se a enjeitada ainda vivia e onde parava. Pois toparam-na. Estava a servir em casa de um padeiro lá para os lados de Albergaria. Trouxeram-na para Vilarandelho, e não foi preciso mais nada para a mãe a reconhecer e abraçar-se nela a chorar bagadas como punhos. Era a cara da mãe como quem na pintou. Para lhe não faltar nada até já tinha bigode como a mãe quando a deu à luz – um bigode de homem que se podia ver! Queres agora saber o remate da cantiga? Vais-te rir. A fidalga que tinha muito disto – e esfregava uma na outra as cabeças de dois dedos sem unhas – casou com um maioral da justiça lá de Lisboa, disto dos governos, e para lá está muito contente da sua vida, e mais o homem, benza-os Deus aos dois, e a nós que nos não desampare. Amém. Ora aqui tens. A todo o tempo que apareça o pai da tua filha, e pode aparecer sem ser milagre, se o não levou v Diabo, Deus me perdoe, mandas buscar a rapariga; e, se ele nunca aparecer, não ficas com esse trambolho à perna, vives na casa de teus pais, e casamentos não te hão-de faltar. Tomara o José Rato que tu o quisesses mesmo assim, percebes? Sabes lá como ele anda! Vou-te contar... Olha que já cá veio três vezes para eu lhe deitar as cartas, a ver se tu pensavas nele. E leve o Diabo as cartas, se não falam verdade! Marquei-te na dama de oiros e ele no valete; pois nunca te saiu no pensamento uma só vez! Era sempre o Artur, mal haja o raio do homem; e o Rato triste como a tumba! Se quiseres casar com ele, casas. Diabos me leve se não casas, sobrinha; mas com o empecilho da criança, acho que nenhum homem te pega para o bom fim.

E Doroteia, aconchegando a filha do seio com felina sofreguidão: Eu não quero homem nenhum, quero a minha filha. Não se mate, tia Joana... Eu não largo a minha filha.

*

Um rico industrial portuense que tinha terras em Fermedo lançara inculcas em cata de uma ama de leite, nas mais excelentes condições, e de preferência a desejava nascida e criada naquelas montanhas salubérrimas, geradora de possantes moças de sangue rubro, não infeccionadas das doenças com que a exuberante lascívia do Porto contamina muito além das barreiras, as venais maiatas e as disfarçadas rameiras de Gondomar. Noticiaram-lhe a Doroteia, abonando-a com o seu honesto proceder antes de ser enganada por um primo que fugira à responsabilidade da sua perfídia; mas seria custoso, se não impossível, apartá-la da filha para criar um filho estranho. Estas informações deu-as Frei Joaquim, o egresso que possuía o segredo de todos os vícios e infortúnios do seu concelho.

O industrial autorizou o feitor a remover as dificuldades com a alçaprema do ouro. Pagavam a Doroteia a criação da filha sem regatear o salário, e ofereciam-lhe a ela um ordenado que em três anos perfazia um dote como o das moças bem dotadas daqueles sítios.

Tudo, além do dinheiro, conspirava a puir os atritos que ainda insurgiam do coração maternal. As suas conhecidas, quando a encontravam ou viam à porta, mudavam de caminho, ou baixavam os olhos para a não saudarem. A tia Joana queixava-se da carestia do pão, e dizia-lhe que quem dava de mamar carecia de comer coisas sustanciais, que não eram o triste caldo de feijões-galegos. Que ela não lhe podia dar apresigo, e os pais não lhe mandavam uma de x. Doroteia poderia vencer com o trabalho e com o amor de mãe estas adversidades; mas havia uma terrível ameaça que a

decidiu. O pai prometia arrancar-lhe a filha dos braços e deitá-la à roda ou a um poço. – Vai criar, Doroteia – dizia-lhe a tia reanimando-a na indecisão – que a tua menina cá fica entregue à Maria Lemenha, mulher casada, muito boa criadora que pode aleitar três crianças, e te há-de tratar a tua como se fosse dela, ou melhor. Três quartinhos por mês! credo! a mulher não cabia num sino!

Sucumbiu desculpavelmente Doroteia. Entregou a filha, lavada em lágrimas, com três meses de ordenado, a uma mulher de má cara, peito ressecado, e que tinha à volta de si, num casoto esfumarado e térreo, umas crianças enfezadas, espulgando-se, entanguidas de fome, sujas de petrificações de lama amassada em suor. Quando viu a ama, a casa imunda e as crianças esqueléticas, remordeu-a o remorso; era, porém, tarde para desfazer o contrato. Já a estava esperando em Pé de Moura o barco que havia de conduzi-la ao Porto.

Perto do casebre onde deixara a criancinha em um berço de canastra, viu à porta de sua casa Frei Joaquim da Cruz. Retraiu-se envergonhada, quis retroceder; mas o egresso chamou-a amoravelmente: – Vem cá, rapariga. Já sei que vais hoje ganhar a tua vida.

– É verdade, Sr. Frei Joaquim... São sortes...

– Fazes bem: as más sortes emendam-se com a paciência e com a virtude do trabalho. Deves agenciar o futuro pão de tua filha; mas olha... não escolheste com acerto a casa onde a deixas.

– Também me parece, Sr. Frei Joaquim... Foi a tia Joana que a arranjou; e eu vou bem arrependida.

– Pois não te arrependas que eu cá fico a vigiar a tua *Maria*, não é? Já sei que a baptizaste com o nome santíssimo da Mãe de Jesus Cristo; pois a Virgem Maria vá contigo, e eu cá estou de sentinela à rapariguita. Lá terás notícias minhas e dela, que eu sei a casa para onde vais.

E deu-lhe a mão a beijar. Ela não ousaria, como dantes, beijar-lha, sem ele lha oferecer. Sentia-se outra mulher, acanhada pelo seu desdouro, e muito castigada e abatida pelos insultos das suas amigas, pelo desprezo da sua família, e mais que tudo pelo cruel esquecimento do pai da sua filha.

V

Balbina recebeu, de surpresa, a notícia do falecimento do marido. Arquejou alguns segundos com as mãos na cabeça, bamboleou-se nas oscilações do vágado e perdeu os sentidos como nem sempre as mais virtuosas viúvas os perdem. Foi o peso do remorso que a fez ir ao chão, talvez. Quando a levantaram, rompeu a represa das lágrimas, dos gritos, dos ais estrídulos, que parecia trazerem consigo a alma das entranhas rasgadas. Algumas vizinhas acudiram e choravam oficialmente; outras, no pátio, com as mãos debaixo dos aventais, comentavam: que naquela gritadeira havia muita imposturice; que o Roberto já não fazia vida com ela e até fugira para onde à irmã; que desde a ida embora do Artur, a criatura andava atolambada – e que nunca fora muito escorreita, acrescentavam. «Doida de pedras quando era nova», sentenciava a Bentes. Ressuscitaram o padre Hilário, «o grande pagode chinês, comes e bebes, o diabo, quando o Roberto ia para as feiras». E a viúva em cima em altos clamores: «Ai! meu homem, meu querido Roberto, marido da minha alma, pede ao Senhor que me leve para ti!»

– Pois não levaste! – regougava a Bentes.

– O que tu queres é que ele esteja por lá muito tempo sem ti, grande impostoraça!

Calaram-se, e compuseram-se em duas alas muito reverentes, com os olhos no lajedo. É que entrava Frei Joaquim da Cruz Sagrada.

– Deus nos dê boas tardes – disse o egresso, com o seu velho chapéu alto de seda na mão, e subiu à quadra em que estava Balbina amesendrada no soalho com as carpideiras à volta, de cocarinhas. Tinha estiado um pouco a tempestade do sentimento; porém, quando ela enxergou o confessor, a sua paixão rebramiu em gemidos. Escabujava, a bracejar, a espernear, num sarilho epilético. As vizinhas agarravam-na, compunham-lhe as saias e o decote do jaqué muito esbagachado pelos repêlões. O padre tomou-lhe as mãos com brandura e disse pausadamente:

– As orações em silêncio valem mais às almas dos mortos que os gritos, Sr^a Balbina. O seu primeiro dever de viúva é mandar a Espinho buscar o corpo de seu marido; cuidar-lhe da alma e dos sufrágios; e depois converter a sua paixão em preces constantes ao Altíssimo, oferecendo-lha, como alívio das penas temporárias da alma do seu homem.

– Sim, senhor, sim, senhor – murmurou a viúva, sofrendo o fervor dos soluços.

*

Saíram para Espinho portadores que conduzissem em caixão de chumbo o cadáver até ao Porto e daí Douro acima, até Pé de Moura.

O Canastreiro, como cunhado de Balbina, apresentou-se muito serviçal, com um descaramento inabalável. Ela não sabia que tinha sido o cunhado quem denunciara o adultério. José da Silva Rato Júnior multiplicava a sua actividade intelectual em tudo que dependia de ideias escritas – cartas de convite, avisos aos clérigos, ao mestre da música de Arouca, ao cirieiro, às Confrarias e Irmandades para sufragarem o defunto com as missas dos estatutos e os dobres a finados do estilo. Dobraram em nove freguesias a um tempo; havia muitos garotos empenhados em puxarem à porca dos sinos; por aquelas quebradas de montanhas ulularam soluços do bronze por espaço de três dias.

Era preciso dinheiro para as pompas do enterramento. A viúva mandava que se rezassem missas gerais, a pinto. Esperavam-se legiões de padres de três concelhos. E

não havia dinheiro. Disse Balbina que o seu finado marido tinha muito em ouro e prata num contador de pau-santo no seu quarto, mas levara a chave, e talvez levasse o dinheiro, quando foi para casa da irmã. Não importava. Pediria emprestado até vender terras. Queria gastar tudo, pela palavra, tudo com a alma do seu amado Roberto. José Rato, como autoridade não estranha ao código, opinou que se arrombasse a gaveta, visto que a chave não tinha vindo de Espinho; que a senhora absoluta da sua casa era ela – que arrombasse. Balbina, hesitante, consultou o confessor – se seria pecado arrombar a gaveta.

– Não é pecado nenhum, visto que arromba o que é seu – elucidou o franciscano com a mais prudhomiana teologia jurídica. E foi assistir ao arrombamento, como se os encarregados da missão, o juiz eleito e o Canastreiro, lhe não parecessem idóneos para arrombamentos desinteressados.

Lá estava intacto o tesouro de Roberto Rodrigues. Era forte. Quem sabe se aquele metal lhe pesou, à última hora, no coração, ajudando a esmagá-lo! Havia uma caixa de lata com muitas peças e dobrões, herança de pais e avós. Das economias pessoais dele, no transcurso de vinte e quatro anos, avultavam alguns saquinhos de estopa cogulados de cruzados-novos e mexicanas. Eram lucros do gado que criara, manadas de bois que engordava e vendia aos ingleses. Como ele ia cego de raiva e de paixão, quando saiu de casa, que não viu aquele ouro! Recearia ser roubado em casa alheia, ou, recuperando a saúde, tencionaria regressar à posse ignorada da sua burra? Quando ele, já nas vascas da morte, queria vestir-se, para ir incendiar a casa, não seria antes um artifício para empolgar a lata e os saquitéis? Nunca dissera à mulher que possuía aquele pecúlio com medo que ela instasse pela formatura do filho; porém, Balbina sabia que farte estar o dinheiro no gavetão; e ainda assim nunca se sentiu tentada a dilapidar o tesouro do avaro.

*

Um enterro monumental. Mausóleo, comparativamente, e guardadas as distâncias que separam Fervedo da Grécia antiga, não foi mais honrado na morte por Artemisa, a legendária viúva lacrimosa. Missas gerais, dois dias áfios, desde o alvorecer da manhã até ao meio-dia. Ofício de cinquenta padres – a máxima gritaria que pode fazer-se com a língua latina degenerada. Armadores do Porto, a igreja toda de crepe, e catafalco, galões de prata franjada, tocheiras de casquinha fornecidas pelas igrejas do concelho. Todas as Confrarias de que o defunto era irmão, com bandeira alçada, nos pulsos cabeludos de homens valentes em mangas de camisa por debaixo das opas pegajosas de surro. Bastantemente bêbados alguns. A banda musical de Arouca gemia marchas fúnebres, a *Sombra de Nino*, da Semíramis – música de Rossini em Arouca! – faziam os funerais de Roberto e da Arte assassinada. Os sinos a dobrarem até à meia-noite, e a recomeçarem no dia seguinte ao amanhecer. Um terror da natureza animal! Os cães, numa aflição lamentosa, uivavam com os focinhos altos e os olhos fechados; as rãs deixavam de coaxar alegremente e mergulhavam espavoridas as cabeças nos limos dos seus pântanos; revoadas de pardais esfuziavam, estridentes das sebes enfolhadas, gotejantes de orvalho; e os gaios, esvoaçando-se escorraçados, gralheavam nos pinheirais.

Aquelas badaladas fúnebres pulsavam no coração da viúva como rebates à penitência. Nunca lhe travara tanto o amargor da sua culpa. O seu homem morrera de paixão, de vergonha – gritava-lhe a consciência. E tão bom, tão santo que lhe deixara tudo quanto tinha, tudo! Ela ignorava os pormenores da agonia do marido, aquele estalar do coração entalado entre o seu rancor à mulher e entre a lei que o forçava a galardoar-lhe a infâmia com todos os seus haveres.

Formavam dela muito falso juízo os vizinhos. Esperavam que, passados alguns dias de inconsolável luto fingido, livre de peias e senhora de um grande casal, aparecesse tristonha, mas resignada, e daí a pouco satisfeita e submissa à vontade do Criador.

Dizia o José Rato ao mano tabelião que, se o Artur tivesse morrido lá pela Índia, a Balbina era um bom casamento. Andaria nos quarenta e oito anos; os atritos do sofrimento não lhe adelgaçaram as curvas untuosas das espáduas, roendo-lhe a musculatura, a carne fresca e purpurina da juventude. Raros cabelos brancos, e muitos vestígios de beleza nas feições maceradas. O misticismo pusera-lhe no dorso a curvatura artificial da humildade; derreava-se para não alçar os olhos da terra; mas, se ela quisesse, poderia, endireitando-se, compondo-se, representar dez anos menos. Não queria. Estava um pouco mentecapta para poder ser uma viúva trivial. Faltava-lhe o juízo necessário para refazer a sua vida no gozo da riqueza independente, e liberta de um marido importuno.

Pois o José Rato chegou a confidenciar ao mano tabelião: – Quem se habilitava para casar com a Balbina era eu, se o Artur estivesse a fazer tijolo nas partes do remoto Oriente. Pode-se-lhe dar cem mil cruzados pela fortuna. As peças que saíram da gaveta arrombada deitavam aí para dez contos e pico... E as quintas!... Um casamentão! Assim é que eu me vingava da Doroteia.

– Qualquer dia – atenuava o mano – aparece aí o Artur. Onde quer que está, em sabendo que morreu o pai, ele aí vem liquidar o património paterno.

O tabelião entrara no segredo da subtracção das cartas. Apenas se havia recebido e devassado uma que Artur escrevia de Goa à mãe. Nessa carta, escrita nas margens poéticas do Mandovi, havia traços de saudades da pátria e da mãe, arrependimento do precipitado passo que dera, abandonando a família, queixumes de doença, febres, falta de apetite, e pressentimento de morrer na soledade daquela terra erma e melancólica como um cemitério. Não voltaria mais a vê-la, dizia-lhe o coração, porque se sujeitara, jurando a bandeira, a sofrer até cair morto à sombra dela.

Não falava do pai; nem sequer recados; e, a respeito da prima, exprimia-se, em confidência misteriosa com a mãe rústica, como se estivesse carteando-se com *madame* de Staël ou com a portuguesa Alcipe:

Perpassa-me no espírito essa visão dos meus enleios devaneadores e desencantados; mas o meu coração, oco e frio como um antigo sepulcro com algumas cinzas, não reflecte imagem luminosa que me chame pela voz da saudade. Estou gasto. Aos vinte anos, morto! Triste! porque a saciedade é uma agonia sem fim da alma, e a alma é imortal. Staël e a Alcipe ririam deste *blasé* que principiara, aos dezassete anos, com as Lais e Aspásias da voluptuosa Rasa a desfibrar o coração, às unhas daquelas mulheres fatais que costumavam prejudicar os organismos dos homens simplesmente forçando-os a excessos de sublimado corrosivo. Artur saíra extenuado e céptico da Rasa como *lord* Byron de Veneza para Missolonghi, e o duque de Morny dos salões de Napoleão III para o Père-Lachaise. Depois, os amores com a prima Doroteia remataram a sua destruição. Está explicado e autopsiado aquele morto aos vinte anos!

Não mo recebam como inverosímil este Artur.

Há quarenta anos era assim o comum dos rapazes, cristalinamente parvoeirões; mas já era forçoso aceitá-los como naturezas inconscientes, depravadas pelo contágio de meia dúzia de excêntricos realmente desgraçados por temperamento ou por infiltrações da podridão literariamente romântica de Arlincourt, de Sue, de Paul Féval e de Sand.

Pois a mãe, se ouvisse ler aquelas frases, choraria o mais ingénuo soro da sua comiseração. Os patifes que as leram, o Rato e os irmãos, pasmavam dos nevoeiros do estilo, e inferiam alegremente que o homem estava com certeza a morrer e daria a casca

mais mês menos mês. José Rato, receando que ele regressasse, lembrou que se lhe respondesse, em nome da mãe, visto que ela não sabia escrever, a pedir-lhe que se deixasse lá estar, e não viesse atormentá-la mais do que ela estava pelo marido, à conta dele. Os manos reprovaram o alvitre. Não queria mais comprometimentos o administrador do correio. As cartas subtraídas podiam considerar-se desviadas da sua direcção em Lisboa ou em Goa – não havia prova criminal para processo; mas, desde que fossem respondidas dali mesmo, o Artur, dando pelo engano, poderia chamá-lo a juízo e fazê-lo demitir e encarcerar. Que era preciso muita cautela com o tal bestinha do filho do padre Hilário, se ele voltasse à terra. O juiz eleito apostava dez moedas contra uma que o Artur não tornava a Portugal e que morreria ou já tinha morrido de febre-amarela ou da carneirada. Ele não se lhe importava de estragar a geografia das epidemias; tanto lhe fazia que houvesse febre-amarela em Goa como a carneirada em Paris. O que ele desejava é que o amante de Doroteia morresse de uma das pestes mais assoladoras, ou de todas.

Mas o sargento Artur Tavares estava vivedouro e são como um pêro, em Damão, comandando um destacamento e cevando de amor o coração de uma goesa, viúva, possuidora de muitos pardaus e rupias, que o acompanhara. Quando Luís de Camões esteve em Goa, as portuguesas *caíam de maduras*, disse o poeta em uma carta para o reino. E natural que, no transcurso de três séculos dissolventes, elas *caíssem de podres*. A carta à mãe era uma mistificação. E talvez não fosse. O romantismo adensava aquelas escuridões poéticas nos espíritos mais relesmente prosaicos. A própria libertinagem sopitada nos seus letargos de estafada devassidade, tem sonhos melancólicos, saudades das impecáveis alegrias da infância. De resto, a factura do estilo de Artur era a irrefragável asneira da época.

A tal goesa parecia ter saído do gineceu da Rasa, geração das lúbricas bailadeiras do ciclo pomposo dos vice-reis. Tez cobreada, o artelho fino, e o peito viril ressequido, como tisonado do fogo interior. Embelezaram-no estes filtros, estes

mil feitiços

das raparigas, filhas dos

pardais castiços,

que o Bocage cantara em Goa e não soubera aproveitar. ¹

¹ O soneto de Manuel Maria Barbosa du Bocage é bastante conhecido; mas não será desperdício de tempo repeti-lo:

Lusos heróis, cadáveres sediços,
Erguei-vos dentre o pó! Sombras honradas,
Surgi! vinde exercer as mãos mirradas
Nestes vis, nestes cães, nestes mestiços.

Vinde salvar destes pardais castiços
As searas do arroz por vós ganhadas...
Mas ah! poupai-lhe as filhas delicadas,
Que elas culpa não tem, tem mil feitiços.

De pavor ante vós no chão se deite
Tanto fusco rajá, tanto nababo,
E as vossas ordens trémulo respeite.

Artur nascera em melhores condições que o vate Elmano, seu antecessor na milícia de Goa. Não queria saber de musas na prosa da vida. Seu padrinho, o padre Hilário, chamava aos poetas «asneirões laureados por asnos subalternos»; e, sabendo fazer versos, contava que uma só vez fizera um soneto em um outeiro de freiras, por não achar outro expediente com que arranjar uma garrafa de vinho velho e uns pastéis das monjas de Arouca. Em todas as suas proezas cupidíneas, Apoio não intervieria com uma copia. Ele, por dignidade, não o dizia ao discípulo; mas era verdade, e o afilhado sabia-o, adivinhava-o nos sorrisos fátuos do D. Juan tonsurado, e na comiseração cómica com que lamentava o cantor de Catarina de Ataíde, reclinada langorosamente nos braços dum marido Borges, aí perto de Aveiro. «Misérrimos poetas! – exclamava melodramaticamente o reitor – triste destino seria o vosso, se não houvesse o limbo católico para os inocentes e um *paraíso* para os *tolos*, segundo Milton!»

Enquanto, pois, o José Rato fazia votos

porque um ramo de peste eliminasse o amado de Doroteia, estava ele nos palmares de Damão enroscado no amor serpentino da abastada goesa que o amava até ao apetite antropófago de o mastigar e esmoer no seu coração.

VI

Quando Balbina viuvou, ia em dois meses a filha de Doroteia. A criança passava fome, frio e desamparo, vagindo e perneando na sua canastra. Frei Joaquim tinha previsto a sorte da criancinha, pelos maus tratos que a Lemenha dava aos próprios filhos. As vizinhas acusavam-na de se embebedar e mais o homem com os três quartinhos mensais da cria; que ficava na taverna por essa noite fora a ver jogar a bisca a quartilhos de aguardente, e que era uma dor de coração ouvir chorar as crianças às escuras, e arrepiadas com a ventania que entrava pelas frestas do tabique.

O egresso entrou na casa da Lemenha, uma tarde, e achou-a a meter na boca da criança migas de pão de milho e feijões mastigados, resto de uma tigela de caldo de couves.

– Vejo que vossemecê não tem leite que dar à pequenita – disse o padre. – Nesta idade as crianças não se alimentam com boroa e feijões mastigados, penso eu.

A Lemenha, muito mal-encarada: – O Senhor Padre Joaquim poderá entender muito lá da missa; cá de criar crianças não percebe nada, digo-lho eu. Deixe-me cá, que eu bem sei o que faço; e, se não faço bem, a criança aí está; a mãe, quando quiser, que a venha buscar. Graças a Deus, não preciso de criar filhos alheios que, demais a mais, não têm pai. – E pôs com arremesso a menina na canastra sobre o enxergão nu, molhado, com nódoas escuras que alastravam pela palha apodrecida.

– Não se arrenege, não se arrenege, e fique com Deus – dizia o egresso mansamente, retirando-se, quando lhe soou de um canto escuro do recinto um cicciar de respiração ansiada. Quedou-se a penetrar com a vista a escuridade, e, aproximando-se, divisou uma enxerga no tabuado, arrumada contra o tabique eriçado de motreco de palha abetumada de barro amarelo. Sobre a enxerga estavam dois rapazinhos meio nus. Um, lançado para fora do colchão, sobre o lado esquerdo, estendia os braços esqueléticos pelo soalho húmido, como se a sensação da frescura lhe mitigasse o ardor febril. Tinha os olhos abertos, afogueados e fixos no padre. O outro, sobre o dorso, com a boca escancarada, e as faces incendidas de uma rubidez roxa, arquejava, e com a ponta da língua denegrida e seca roçava no beíço superior.

– Que têm estes pequenos? – perguntou.

– Acho que são bexigas – respondeu a mãe serenamente.

– Bexigas! Olhe que esta doença é contagiosa, pega-se...

– Tenho aí mais dois rapazes que estão bons; e, se Deus mos levasse todos, fazia-me uma grande esmola.

– E a eles ainda maior... – disse o padre, contemplando os doentinhos com muita pena.

– É de esperar que esta criança também seja atacada... – Apontava para o berço da filha de Doroteia.

– O que Deus quiser.

– Sim, o que Deus quiser; mas...

– Olhe – interrompeu a Lemenha com autoridade – se ela morrer, vai muito bem, Senhor Padre Joaquim; vai para o Céu direitinha como um fuso. Oxalá que nós fôssemos na idade dela, não é assim?

– Diz vossemecê muito bem, Sr. a Maria... Felizes os que nesta idade são resgatados do degredo da vida; porém, temos obrigação de conservar a nossa e de conservar a vida às crianças e esperar que Deus lhes dê melhor destino.

– Então que quer o senhor padre que eu faça? – volveu ela abespinhada. – Que eu vá por aí além com esta menina e que deixe os meus filhos aqui desamparados até

morrerem? Acho que a religião cristã não manda isso... parece-me.

– Não manda, não... e eu não lhe disse ainda o que queria. Vossemecê chamou cirurgião ou boticário?

– Mandei o meu homem chamar o cirurgião antes de ontem; mas não veio, porque há por essas freguesias muitos lavradores com os filhos doentes de bexigas: esses pagam bem, e eu não posso pagar. Recebi o dinheiro de três meses quando tomei conta da pequena, mas não cheguei a ver-lhe as cruces. O meu homem lá o bebeu e jogou como quis... Esta vida não se pode aturar... que ma leve o Diabo, Deus me perdoe...

– Mulher!... – atalhou o egresso.

– É como lhe digo... Que Deus me leve todos os filhos duma vez...

– Há muitas mães pobres com muitos filhos, e mais pedem a Deus que lhes não leve nenhum.

– Sim? não duvido... pois quem me invejar a vida, Deus ou o Diabo lha dê.

– Tenha paciência... A desesperação não remedeia nada... Eu vou escrever ao cirurgião e prevenir o boticário. Vossemecê não tem nada a pagar; e o mais que lhe for preciso, mande lá a casa, que eu lá converso com a minha irmã... – E saiu.

O padre ia cogitando consigo: «Se Deus levasse também a criancinha da Doroteia... Se Deus levasse todas as criancinhas infelizes pela miséria e pela vida pecaminosa dos pais...»

Este egresso, discípulo de Frei Manuel do Cenáculo, o arcebispo-filósofo, tinha às vezes umas reticências nas suas meditações ascéticas que faziam muito lembrar as tibiezas de fé que assalteavam o seu ilustradíssimo mestre, o dilecto do Marquês de Pombal, e seu dócil instrumento em algumas rebeliões reformadoras da Igreja lusitana contra as prescrições de Roma. Deslumbravam-no, de vez em quando, uns raios de luz mortificativos. Esses funestos lampejos de raciocínio tentador surpreendiam-no principalmente quando contemplava crianças lívidas de fome, andrajosas, trémulas de frio, vergastadas pela chuva e pelo norte, expiando sem culpa a vida crapulosa dos pais, ou compartilhando a miséria deles também irresponsável. Não podia duvidar que o Criador via estas crianças, num recolhimento de medo, estarrecidas e escarmentadas pelo desprezo, à porta dos abastados, à espera de um

bocado de pão três vezes suplicado. Mas esse pão nem sempre, à terceira vez, descia dos opulentos celeiros do lavrador rico; enquanto que os filhos do opulento, nédios e fartos, passeavam muito alegres debaixo dos olhos do Senhor, misterioso nos seus desígnios. Era aquele augusto predicado «misterioso» que lhe abria no espírito intercadências de tristeza, como se o seu anjo da Fé chorasse. Depois, vinha a reacção – o incessante milagre da reacção do dogma – a crença incondicional nos incompreensíveis desígnios do Senhor...

*

Dadas as providências, Frei Joaquim seguiu para Val-Redondo. Ia ver a sua confessada, a viúva que já o não procurava e se escondia de toda a gente, fechando-se no seu quarto. Não era já o avejão do marido que, a cada passo, lhe surgia dos cantos escuros da casa, o que mais a perseguia. O fantasma do padre Hilário era pior a insurgir das profundezas do abismo; e, às vezes, também via deplorativa, de asas brancas, como o anjo marmóreo dos mausoléus, perpassar a imagem do seu Artur, exprobrando-lhe o crime de o atirar a este mundo com o ferrete de adúltero e de sacrílego. Como se estas visões não sobejassem para atormentá-la, imaginava que a perseguiram com o fim de a estrangularem, a irmã Quitéria, a Doroteia desonrada pelo filho, a cunhada que lhe mandara escrever por um mestre-escola romântico de Covelas, contando-lhe

miudamente os trágicos paroxismos de Roberto, e acrescentava de sua fantasia que ele, à hora da morte, a amaldiçoara em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo. Fora o José Rato quem lera a carta descabelada com ênfase proclamatória, abemolando a voz fremente quando as ideias exigiam uma toada soturna, e trovejando-a, nos mugidos dramatológicos daquele tempo, quando a imagem requeria força. Havia, com certeza, intenções canalhas nos vários diapasões da leitura da carta. Logo veremos que vulcões de lama estuavam nos intestinais arcanos daquele funcionário de Fermedo, radicalmente patife.

O egresso tivera notícia da carta e do leitor. Lamentou que a viúva o não convidasse a ele para ler essa carta, cujo conteúdo já se repetia em todo o concelho. Esforçou-se debalde por aplacar-lhe os terrores; mas não podia desmentir o horrível quadro da morte de Roberto, já pintado espectacularmente em um periódico do Porto com as mais negras tintas, e lido por toda a gente que se apascenta com deleite nos escândalos e nas sátiras estéreis. Ela já tinha ouvido dizer *que andava nas folhas*. Mais este suplício: «andar nas folhas.» O juiz eleito quisera declamar-lhe o folhetim; mas ela enfiara os dedos pelas orelhas e desatara a fugir invocando as almas santas.

O relator dos paroxismos de Roberto Rodrigues estava em Espinho quando o esquife do defunto lhe passou à porta; e, a respeito da viúva, escrevia: *Ela mandou buscar o cadáver para ter a evidência de que o marido morreu. Quer estar sossegada.* Tudo o mais do folhetim era pior; e o José da Silva Rato queria gargantear-lhe a tosa inteira que a infeliz mulher apanhara na *Coalizão*. Um folhetim de ambos os lados, que ainda teremos ensejo de ver entre os estilhaços destes vulcões.

Os pródromos da loucura manifestavam-se com decisiva e progressiva violência. Fechava-se no seu quarto, punha ao pé de si um berço de pau-preto em que fora criado Artur, ajoelhava ao pé do berço a chorar, e às vezes embalava-o cantando as cantilenas com que o adormecia. Um perfeito juízo de mãe não seria capaz daquela excentricidade que emociona estranha compaixão. Nos cérebros transtornados pela insânia fulguram lampejos de tão levantado, tão poético e trágico sentimento que, se a razão dos entes normais pudesse senti-los, a vida seria uma corrente de lágrimas a desaguar num permanente inferno. Ainda bem que à dor atroz de chorar saudades de uma criança sobre um berço vazio só estão condenadas as mães feridas de demência. Ainda bem.

*

Quando o egresso entrou na casa de Val-Redondo, estava Balbina sentada à beira do berço, correndo maciamente as mãos por sobre uns coturnos de escócia, desdobrados sobre uma coberta de chita vermelha franjada e muito desbotada que já tinha servido na puerícia de Artur. As meias eram do menino, ainda novas, que ele não chegara a usar. O padrinho padre Hilário dera-lhe grande enxoval e estava sempre a presentear o afilhado com fatiotas caras. O pai Roberto não despendia nada em roupa com o pequerrucho, e, imparcialmente falando, gostava disso. Balbina conservava em um baú de folha todas as peças de vestuário que sobejara à infância do filho por já lhe não servir, quando ele ia espigando. Às temporadas, assoalhava as calcinhas, as peúgas, as camisas de recortes e rendas, as faixas, os panos e as carapucinhas. Depois, redobrava tudo pelos vincos já marcados e encaixotava-o cobrindo-o de reseda e limonete. Estava, pois, neste doloroso enlevo, quando o confessor fez sinal na porta do quarto, sempre fechada.

– Cá temos o berço – disse o padre muito agraciado. – Já vejo um objecto que muito preciso se me faz. Graças a Deus! Tenho uma criancinha de três meses a meu cargo. A criança é muito pobre, e eu pouco menos. Ela dorme em uma canastra, sobre uma enxerga de palha remoída e podre. Coitadinho do anjo! Este berço é magnífico para

a nossa criança. Chamo-lhe *nossa* porque a pequena é a neta da Sr^a Balbina, é a filha do Artur...

– A filha da Doroteia, bem sei... – atalhou a viúva com uma frialdade desdenhosa.

– Então ela não tem lá a mãe?!

– Não tem. Está no Porto a criar, porque os pais não a deixam voltar para casa sem ela enjeitar a filha; e a pobre mãe preferiu ir servir para não enjeitar a criança.

Contou por menores o que se passara – o encargo que ele espontaneamente aceitara de vigiar a criação da menina, muito infeliz com a ama que lhe deram. Descreveu o casebre da Lemenha, a doença contagiosa dos filhos, a alimentação de feijões mastigados que ela dava a uma criancinha de três meses que ainda não sabia engolir. Sabia o egresso impressionar corações, conhecia o *si vis me flere...* «se queres que eu chore pelo que dizes, chora tu primeiro.» – Lagrimava primeiro; dava o exemplo da sensibilidade; electrizava-se nuns raptos compungidos – a poderosa poesia dos que têm na palavra o estremecimento nervoso da dor que ela exprime. Pois, desta vez, a viúva ouviu-o na mais estúpida impassibilidade; e ele, não avezado a derrotas daquela espécie, dizia entre si: «Estará ela de todo mentecapta? Se está, vim tarde...»

Passados alguns segundos, Balbina emergiu da sua concentração, e disse numa toada aflita precipitando as palavras:

– Tudo quanto tenho hei-de gastá-lo em missas por alma do meu Roberto. O meu filho morreu. Acabou-se... não quero saber de mais nada, não tenho mais ninguém neste mundo. É a alma do meu Roberto e mais nada. Hei-de gastar tudo até à camisa que trago vestida, em missas por alma dele.

– A Sr^a Balbina – objectou o egresso – não sabe se seu filho é morto; e, quando o seja, deixou-lhe como obrigação de avó e de cristã amparar-lhe a filha. As missas por alma de seu marido são louváveis; mas para que o santo sacrifício seja agradável a Nosso Senhor Jesus Cristo é preciso que a senhora não sacrifique os necessitados de pão. O Divino Redentor falou muito em esmola, e jamais exortou os discípulos a que negassem aos vivos o pão para o converterem em sufrágios pelos defuntos. O Salvador lá tinha os mananciais da sua misericórdia para as almas dos mortos. Além disso, a Sr. a Balbina não pode despender o que não é seu enquanto não se verificar a notícia do falecimento de seu filho; e não temos sequer uma só probabilidade de que ele não esteja vivo.

– Estará vivo? – exclamou muito alvoroçada, numa alacridade de mãe ao despertar feliz de um sonho aflitivo. – Estará vivo o meu Artur?!

– Porque não? Como seria possível ter ele morrido, sem que ninguém o soubesse? A ter falecido em Portugal de doença ou de desastre, sabê-lo-iam as gazetas ou as averiguações da polícia. Se tivesse falecido no Brasil, para onde dizem que foi, os jornais onde se publicam listas dos que lá morrem, teriam dado a notícia. Ninguém viu o nome do seu filho nos obituários do Brasil.

– Diz bem, Sr. Frei Joaquim, diz bem! O meu Artur não morreu, pois não? Hei-de vê-lo ainda, pois não hei-de? – E friccionava os joelhos com as mãos, bamboando-se na cadeira com uma jovialidade pueril. – Dá-me a sua palavra de que o hei-de tornar a ver?

– Verá! – respondeu o padre com solenidade, como se escutasse a resposta vinda do futuro misterioso. E a firmeza da palavra, proferida num tom transcendente de profecia, arraiou no semblante de Balbina uma claridade instantânea em que a sua razão transluzia. Erecta, em transporte de fé, voltou-se para o Senhor crucificado com as mãos postas, e as pontas dos dedos na barba, em oração mental.

E o egresso, antes que aquela lucidez desmaiasse, prosseguiu na missão de instalar ali a criancinha.

– Com que alegria o Artur há-de curvar-se sobre este berço se aqui vir a menina,

quando vier! E com que ternura abraçará a sua boa mãe que o amou em dobro, protegendo-lhe a filha arriscada a morrer de fome, de frio e das doenças inseparáveis da miséria? Ora, imagine, Sr. a Balbina, imagine o seu filho a entrar neste quarto, e vossemecê a dizer-lhe: «Aqui tens a tua filha no mesmo berço em que eu te acalentava quando tu eras assim pequenino.» Imagine...

Frei Joaquim ia desdobrar-lhe panoramas sentimentais à imaginação, quando Balbina o encarou muito a fito, como espantada, com uma vista já fulgurante doutros lampejos, e a espreitar em roda como a rezear que alguém a ouvisse. Depois, aproximando-se-lhe do ouvido, a passos muito subtis, com um grande recato, e fazendo gestos de silêncio no nariz com o dedo indicador:

– Olhe, Sr. Frei Joaquim... Repare bem no que lhe digo. Esta casa não é do meu filho. Ele não tem aqui nada, e eu só tenho 400\$000 réis que trouxe de dote. Ali está naquela cruz Nosso Senhor Jesus Cristo que sabe que isto é verdade. O Sr. Frei Joaquim também sabe, pois não? O meu Artur não herda nada. Tem só os 400\$000 réis que eu trouxe. Meu marido morreu a gritar que o Artur não era seu filho; que não era seu herdeiro; que vinha deitar fogo a esta casa; que me amaldiçoava em nome do Padre, e do Filho e do Espírito Santo; e, nestes arrancos, é que ele morreu e lá foi gritar contra mim diante do trono de Deus para que eu seja castigada neste mundo e no outro. É por isso que eu quero vender tudo para mandar rezar missas por alma do meu homem. Vou dar tudo às confrarias; quero que se digam missas por alma dele enquanto o mundo for mundo!

Sinceramente, o egresso não atinava, de improviso, com uma refutação bem cristã dos argumentos místicos daquela mãe adúltera. Se ela tinha e franqueava a consciência da sua culpa, como poderia ele delir-lha e expungir dessa alma obsessa de remorsos o escrúpulo do enorme pecado? Como é que ele, padre e medianeiro entre a justiça divina e a ré confessa, poderia catolicamente persuadi-la da tolerância e indiferença do Supremo Juiz, de modo que nos bens de Roberto Rodrigues sucedesse com legítimo direito o filho espúrio do padre Hilário Tavares? Angustiosa conjuntura em que, às vezes, se encontram embaraçadas as mais sãs e ilustradas e rectas consciências dos directores espirituais!

Porém, como era hábil e destro em conflitos desta natureza, o padre evadiu-se casuisticamente por um subterfúgio digno do padre Laynez e do padre Simão Rodrigues, da Companhia de Jesus. Uma feliz sugestão:

– Se seu filho não pode herdar a casa de Roberto, porque era filho de outro homem, a Sr. a Balbina, sabendo que seu marido morreu na desesperação de a não poder deserdar... sabe ou não?

– Sei, sim, senhor. É verdade.

– Pois, se é verdade, tem de restituir aos parentes de seu marido os bens que possui contra vontade dele – vontade que seu marido mostrou com tamanha violência que morreu de paixão por lha não satisfazerem.

– Valha-me o Céu! valha-me Nossa Senhora! – exclamou ela no perfeito juízo de quem se vê em crise de restituir cento e tantos mil cruzados, destinados a missas.

Pelos lábios de Frei Joaquim da Cruz Sagrada volitou então um sorriso indescritível entre a ironia e a comiseração desta lama que está sempre revendo à flor da mais católica alma. Depois, sentando-se em uma cadeira, como no confessionário, persignou-se e mandou ajoelhar a viúva. Ela, curvada, de rojo, soluçando a intervalos, ouviu-o submissa, fez actos de contrição e protestos de obediência ao seu pai espiritual. O egresso absolveu-a, ergueu-se, mandou-a levantar, e com aspecto a um tempo austero e benigno, apontando para o berço:

– É preciso que venha para ali o anjo a quem eu hei-de ensinar a pedir a Deus por

nós. Dir-lhe-ei que há uma alma muito necessitada de orações; e, orando ela connosco, seremos três a pedir à misericórdia divina a salvação de um grande pecador, responsável da morte de seu marido e das suas imensas dores, Sr^a Balbina.

Ela escutava-o, de olhos cerrados, com os braços em cruz sobre o seio, e a ponta da barba apoiada nas mãos. O espectro do padre Hilário ia passando por diante do seu cérebro, a retrair-se percutido pela refração de uma auréola de luz sulfurosa que faiscava da frente do condenado a penas eternas.

*

Não havia tempo a perder. O padre seguia de perto a cerração veloz do espírito de Balbina. Por vezes, escrupulizara em a submeter aos sacramentos, pela irresponsabilidade do pecado e dos protestos de obediência transgredidos; ainda assim, confiava em Deus e nos seus esforços ir amparando aquela alma num crepúsculo de noite infinita. Apressava-se, pois, em trazer para a casa de Val-Redondo a filha de Artur. Quer a avó enlouquecesse, quer se finasse a neta ficaria ali esperando o pai; e, quando ele voltasse mais libertino do que saíra, a sua regeneração começaria ao pé daquele berço. Há na religião de Jesus, e em todas as religiões amoráveis com as crianças, caudais de santíssima poesia.

O seu primeiro passo foi deitar inculcas em cata de uma ama de leite; mas, se ela não aparecesse, havia de remediar-se a criação da menina com o artifício das mamadeiras. Como lhe ficasse em caminho, foi perguntar ao médico se os dois pequenos da Lemenha estavam perigosos. O doutor, quanto aos pequenos, disse que não só os dois, mas todos cinco estavam mortalmente atacados de varíola; e que o mais novo, uma menina de poucos meses, já estava febril, e a erupção tinha começado. Enfim, não esperava que algum dos cinco se salvasse, atendendo às péssimas condições do cardenho em que estavam empilhados e mal cobertos de fétidos farrapos; que o vento esfuziava pelas gretas mal barradas do tabique e não havia o agasalho indispensável, nem a provocação aos suores copiosos.

Este velho doutor saíra das antigas enfermarias do Hospital de Santo António com os sedícios preconceitos diaforéticos. Queria que se abafassem os doentes de bexigas com grossos cobertores, em recintos muito quentes, num suadoiro de estufa, e não se renovasse o ambiente. Com este sistema conseguiu devastar a população de muitas freguesias, onde os pais dos pequenos contagiados possuíam muitos cobertores, por desgraça.

Em vista desta informação, sobreestive o egresso na diligência de descobrir ama e passou a casa da Lemenha. Os quatro filhos estavam sobre a enxerga, a pequenita na canastra, e a ama rogava pragas, maldizia o dia em que nasceu, e que a levasse o Diabo naquela santa hora. Ela tinha pedido a Deus que lhe matasse todos os filhos, quando os feridos eram dois; agora, revoltava-se contra o Deus condescendente que abria uma sepultura para todos. A menina não pegava no seio, espumava vômitos, parecia muito aflita, queimava como brasas e arquejava com grande cansaço. Quando o padre a examinava com muita pena, disse a Libânia desenganadamente: – Está pronta! O doutor disse que ia tudo de cambulhada para debaixo da terra... Que raio de vida a minha!

– Foi isso mesmo que vossemecê ontem pediu a Deus como grande esmola. Agora, sofra com paciência, ou peça a Deus o contrário do que ontem lhe pediu.

– Lérias! – atalhou a mulher exasperada.

– Lérias, meu amiguinho! Tanto se lhe importa Deus comigo como aquele cão que ali vai a ganir. Quem tem de morrer, morre, Sr. Padre Joaquim. Escreva lá!

– Assim é. Todos temos de morrer, pobre mulher. A sua vida é triste, bem vejo; e,

melhor do que eu, a vê o Altíssimo que há-de ter piedade das suas mortificações. Não se impaciente. Eu vou mandar-lhe alguma roupa. Cubra estes doentinhos. O doutor disse que era preciso muito agasalho. Mande a casa de minha irmã buscar o que lhe for preciso, e entregue a Deus a sua sorte e mais a deles.

*

Ia o padre diariamente visitar a filha de Doroteia. Ao sétimo dia, morreram os dois primeiros atacados. Tinham a cara escoriada, pustulosa a pele dos braços e o peito com escamas, *pele de lixa*, que é o nome das bexigas fatais. Os outros dois deliravam, amodorrados, com as costelas negras. Morreram daí a dois dias. A neta de Balbina, coberta de nódoas roxas, parecia morta, em começo de putrefacção; apenas dava sinais de vida pelas hemorragias de um sangue esbranquiçado com laivos filamentosos. Ao sétimo dia, expirou, quando as bolhas esvurmavam pus amarelado.

O egresso, que estava presente à última expiração da criança, disse com a serenidade augusta da fé: «Melhor está ela na vossa guarda do que na minha, meu Deus! Bem sabíeis que eu não poderia livrá-la dos precipícios da avó e da mãe. Bendito sejais, Senhor!»

VII

Foi aviso a Doroteia do falecimento da filha. O Canastreiro jubilou com a morte da neta, e o José Rato sentiu-se aliviado de um peso que molestava a sua dignidade interessada em futuros projectos complicadíssimos.

A Doroteia estava a criar em casa do rico industrial, fabricante de seda, Ladislau Melitão, sócio do Flórido Sanches. Firma da fábrica – *Melitão & Flórido*. Eram duas famílias abastadas que se tratavam com bastante luxo relativo. Em Abril iam primavera na quinta do Flórido, em Campanhã. Merendas de peixe frito e alface nos caramanchéis tecidos de baunilhas e jasmineiros. No Estio, banhos no Douro, no Areinho, defronte da Pedra Salgada. No Outono, tinham casa balneária em Matosinhos. No Inverno, frequentavam o teatro nacional aos domingos de tarde. As duas famílias, em que floreciam madamas muito estimadas na alta burguesia, choravam quando se representava *Trinta anos ou a vida de um jogador e Carlos III ou a inquisição de Espanha*, e outros espectáculos em que a Grata e o Gusmão arrancavam soluções dos camarotes. As senhoras também se esbandalhavam a rir no *Rachador escocês*, representado pelo *Grilo-Coxo*, um gracioso, rival do *Fontainhas*, que era a erva sardónica dos portuenses, e ainda hoje se faz lembrar saudosamente nas *soirées* das damas arqueológicas, reduzidas à sueca, ao quino e às reminiscências de meio século. Além destas regalias, as duas famílias consociadas, *Melitão & Flórido*, possuíam carroção tirado por vacas, e a libré privativa desta equipagem – um garoto descalço, de carapuça azul, com uma agulhada de lodo e faixa vermelha. Pompeavam a vida faustosamente *Melitão & Flórido*.

Ladislau, sujeito de quarenta anos, espáduas quadradas, tórax leonino, sedoso e polpudo, gorja de toiro barrosão, temperamento de califa nos ardores da Líbia, casara com D. Anatilde Flórida, filha do Flórido Sanches, donzela de dezassete primaveras; e desse enlace não auspicioso lhe adviera a sociedade com o sogro e a riqueza. A menina Anatilde era de uma magreza histórica – a das primeiras vacas do sonho de Faraó. Desde os treze anos que a abeberavam de óleo de fígados de bacalhau e ferro chocolateado, sem conseguirem embaciar-lhe a transparência com as gorduras oleosas da terapêutica. Quando casou, lembrava uma múmia roubada às pirâmides do Egipto. As proeminências molares davam-lhe jeitos de um cinocéfalo-fêmea; a maxila inferior parecia retraída pelas cordoveias nodosas do colo, e as orelhas diáfanas, pênseis, destacavam-se do rochedo como duas grandes cascas abertas de favas secas. As ciências médicas vaticinaram que ela, se casasse, engordaria; e, se concebesse, melhor. Casou e concebeu prosperramente, mas o prognóstico da nutrição falhou. Cada vez mais descelulada de chorume, os músculos lixados e pergaminháceos, o peito escadeado, a cintura mais larga que os quadris. Tinha atingido o vaporoso dos poetas daquele tempo. Era o Ideal corporalizado na Parca.

O menino que ela deu à luz, por um desses vulgares desconcertos da natureza, saiu robusto. Era o pai genuíno, refractário a dúvidas e suspeitas; e, para bem o digamos, ninguém suspeitaria, ainda que o menino saísse monstruoso. D. Anatilde Flórida gozava de ressalva no âmago da mais corrompida sociedade. Era anestésica o mais que se pode, depois da cânfora.

A Doroteia, pois, criava este menino que raras vezes ia aos braços anémicos da mãe, incapazes de o sustentarem.

A sobrinha de Balbina recuperara a beleza quebrantada pelas paixões e alimentos pouco fibrinosos da tia Toqueriné. Estava gorda, desempenada, com umas ilhargas de maiata, e uns braços torneados, penugentos, de refegos rosados nos cotovelos que não

tinham coisa que os rivalizasse em bizzarria a não ser as pernas pouco cautelosas de Doroteia. Ela deixava-se adivinhar, na totalidade, quando punha o pé na borda de uma cadeira para ajeitar o menino aos seios túmidos, na apoiadura.

E Melitão reparara muito, de mais talvez, ele, o sanguíneo, de espáduas quadradas, marido da conjunção hipostática de uma brisa com um perióstéo. Confrontara com a possante Doroteia a langorosa Anatilde, num desfalecimento hipnótico, sempre reclinada na *chaise-longue*, a ler romances dissolventes da *Biblioteca das Damas*, e a chorar por conta dos personagens infelizes. Raro saía do seu *boudoir*, forrado de papel caro, estampado de sultões e odaliscas, com gravuras molduradas a ouro, pendentes de cordões escarlates, representando Dido a morrer de amor, posto que o autorizado Virgílio nos conte na *Eneida* que ela faleceu de hemorragia. Havia mais o suicídio de Bruto; Cornélia, mãe dos Gracos, mostrando as suas jóias nas pessoas de seus filhos; Coriolano e sua mãe Vetúria; mas o Melitão, indiferente à história romana litografada, olhava de soslaio para Doroteia com o dorso coriscado de picadelas muito quentes, e dizia consigo: «Assim é que eu precisava de uma mulher, palavra de honra!»

Começou a vir da fábrica; mais vezes que o costume, ver a sua consorte e o seu Alvarozinho. Entrou na crise de palerma, a dizer graçolas, a atacar os efeitos cómicos das malogradas sensaborias, a procurá-los na cara da ama. Ela, às vezes, sorria-se por condescendência, e Melitão rejubilava. A lânguida Anatilde sempre a tosquenejar, se o marido se detinha nas trivialidades do seu cavaco; outras vezes, enquanto ele latia de cão e grugrulejava de peru ou miava de gato ao pequeno, nos braços da ama, a esposa, enojada do grotesco brutal daquelas mimalhices, pegava do volume da *Biblioteca das Damas* e continuava a novela interrompida, desdobrando a página. Mas começava a desconfiar da honestidade conjugal do marido – a espreitá-lo disfarçadamente.

Na correnteza destas coisas, recebeu Doroteia a notícia da morte da filha, perdeu a vontade de comer, sentiu-se adoentada, e disse à senhora que se retirava para a sua terra, para a companhia de seus pais. O José Rato escrevia-lhe todas as semanas, no tom apaixonado que a sua saudade lhe ditava. Ela não ousava responder-lhe na mesma afinação; mas, no íntimo de seu peito, agradecia-lhe aquele amor inabalável por ela, tão ingrata para quem a quisera para esposa, e tão cegamente escrava do pérfido primo que a perdera e abandonara. Respondia-lhe com modéstia de infeliz, indigna do seu amor, fazendo sempre votos aos Céus para que José Rato encontrasse criatura que o merecesse. Ah! ele tinha sido a sua primeira paixão!

Fez-lhe saber o Rato que tendo morrido a criança, os pais a receberiam com a melhor vontade. Que a mãe chorava sempre por ela, e o pai lhe tinha dito a ele que as nódoas caíam no melhor pano; e que, se a filha ganhasse juízo, não se lhe importava que ela viesse para casa, porque não tinha outra, e a alguém havia de deixar uns dois mil cruzados que arranjava com muito trabalho.

D. Anatilde não podia suportar a perda de tão boa ama, e pediu-lhe que ficasse, que não lhe deixasse o seu filho, sem ter achado quem a substituísse. O estado moral de Melitão era um desalento, uma tristeza mal dissimulada que espicaçava as desconfianças da esposa.

Incidiu este desastre com o máximo fervor da sua apaixonada cegueira pela moça. Desafogava em lástimas decentes pretextadas com a desgraça de seu filhinho perder tão boa ama. Pedia-lhe que não os abandonasse. Aumentava o dobro do salário; e, com as lágrimas a envidraçarem-lhe os olhos, dizia: «Meu querido Alvarozinho, pensei que, em vez de uma ama, adquiriras uma amiga para todo sempre!»

Tinha lábia o velhaco; e, como diz o anexam, «punha o ramo em uma porta e vendia o vinho na outra». Os olhos no pequerrucho, e o coração na ama.

E D. Anatilde Flórida a desconfiar, pedra no sapato, e a Doroteia a teimar que pro-

curassem ama quanto antes.

Aconteceu encontrar-se Melitão, a sós, com Doroteia, quando a esposa passeava o seu leite de burra no jardim. Aproximou-se dela, bastante inflamado, com os olhos a espirrar lascívia e a face retinta dum colorido pudibundo. Assim mesmo, a ama tomou-lhe medo, um susto virginal, e fez pé atrás, aconchegando do seio o menino como uma defesa a brutos apalhões. Ele então sacou da algibeira das pantalonas uma bocetinha de veludo escarlate, abriu-a premindo a mola, expôs aos olhos fascinados da rapariga um bom diamante encravado em anel de ouro, e disse balbuciantemente:

– Doroteia, aceite-me esta lembrança; peço-lhe segredo, e rogo-lhe por alma da sua filha que não se vá embora.

Muito atrapalhado, bem se vê pelo tópico da alma da menina que morrera com quatro meses de idade! O caso é que Doroteia estendeu o braço horizontalmente, abriu a mão, recebeu a boceta, fechou a mão, e meteu-a na algibeira do paletó de alpaca.

Melitão, de orelha fita para o lado do jardim, deu tento das passadas da mulher, ringindo as botinas denunciando pela escada acima, e safou-se pé ante pé.

D. Anátide tinha o olfacto subtilíssimo das tísicas, a membrana pituitária tão dessorada que todos os eflúvios lhe penetravam nos poros permeáveis. O marido exalava um cheiro particular a drogas de fábrica de tecidos, um perfume amoniacal que o anunciava a distância. Quando entrou na saleta em que a ama, numa atarantação de comprometida, estava aleitando a criança, Anátide pôs-se a fariscar o ambiente, piorando o formato do órgão olfactório no arregaçado e franzido das asas nasais.

– O Sr. Melitão esteve aqui? – perguntou azedamente.

– Esteve sim, minha senhora – respondeu a ama, empalidecendo, muito enfiada.

– Ele que queria?

– Nada, acho eu. Fez mimos ao menino e foi-se embora.

– Ah! bem.

Desceu para a casa do almoço. Ia fula numa irritação de suspeita confirmada, ferida no seu coração de esposa, e mais ainda na consciência de sua fealdade original, comparada com a bonita mulher em que muitas vezes vira embasbacados os olhos do marido.

Aquele espécimen de colegial franzina, mortiça, álgida, e como indiferente para tudo, agora apunhalada pelo ciúme ou pela vaidade, transforma-se, transfigura-se, vibra em convulsões de raiva, e desce as escadas muito apumada, batendo o tacão nos degraus e agitando os braços como quem os sente capazes de esganar um marido infiel. Ninguém diria que aquele galvanizado fenómeno osteológico pertencia ao sexo tímido! Cuidar-se-ia antes que bebera naquela manhã o sangue irascível de leoa, e não o calmante leite de jumenta. As artérias frontais, em alto-relevo azul, papejavam muito grossas de calibre. O nariz, como espiráculo da cratera interna, fumegava. De vez em quando, tirava da abóbada palatina com a ponta da língua uns estalidos como as cegonhas. Feia e escamada senhora!

Quando se assentou à mesa a trincar um bife de grelha, dava facadas no prato, e por baixo da banca raspava no tabuado com as botinas num frenesi cancanista de pernas que habitualmente, pela fraqueza, pareciam uns suspensórios milagrosos. Melitão estava espantado, e não sabia o que era aquilo, a menos que Doroteia estupidamente denunciasse o segredo do anel. Parecia-lhe impossível tamanha brutalidade! Ou daria sua esposa fé que ele subiu, à sorrelfa, do escritório ao segundo andar?

– O ama! – chamou Anátide – traga cá o menino para ver o papá, que ainda hoje o não viu. Pois não é verdade? tu ainda hoje não viste o Álvaro, pois não?

Melitão açafroava-se até aos lóbulos das orelhas e gaguejou:

– Sim... eu já o vi de passagem...

- Onde?
- Lá em cima.
- Que foi o senhor fazer lá a cima, não me dirá?
- Ia ver o menino.
- Mas o seu costume é vê-lo pela primeira vez ao almoço.
- Cuidei que estaria contigo...
- Comigo! ora essa! pois você deixou-me no jardim a passear o leite e foi-me procurar ao segundo andar! Que trapalhão!

Doroteia ouvira este diálogo, e em vez de entrar desembaraçadamente para auxiliar a inocência do patrão, fugiu com o menino, protestando ir-se logo embora.

– Ela tem mais vergonha que o senhor. Não quis entrar... – notou Anatilde dando fé que a ama se retirara. – Tenha também vergonha você que é um homem velho. Já era tempo de ter juízo nesse miolo.

Melitão assanhou-se, levantou-se de salto, atirou com o talher de encontro ao *plateau* e vociferou:

– Sabes que mais? Vai para o diabo que te carregue que eu não estou para te aturar, ouviste?

E safou-se para a fábrica, golfando fumaradas pela Rua do Bonfim acima.

Sem interpor tempo nem reflexão, D. Anatilde chamou o criado de mesa, e mandou-o a todas as inculcadeiras procurar uma ama, e que trouxesse a primeira que encontrasse. Movia-se por toda a casa, de alto a baixo, galgando as escadas como um andarilho. Os arames arqueados do merinaque raspavam sonidos metálicos nas pernas das cadeiras e nas arestas dos degraus. As saias ruflavam. Um turbilhão de musselina, uma tempestade magnética formada num agulheiro de ossos. Abria e fechava gavetas e baús e guarda-roupas. Acamava vestidos e encofrava jóias nos escrínios. Fazia e desfazia. Atirava as *toilettes* de baile ao chão, e removia-as a pontapés. Nem uma lágrima, nem um insulto histérico. Não perguntava pelo filho nem pela ama, que subira ao terceiro andar, e estava também entroixando à pressa as suas coisas em uma caixa de pinho que trouxera da aldeia.

Doroteia resolvera sair, quer a substituíssem, quer não. Nessa manhã tinha lido a última e mais desorganizadora carta de José da Silva Rato Júnior. Dava-lhe parte que havia morrido, enfim, o juiz do Supremo Tribunal com quem estava a sua tia Tomásia, e que lhe deixara a ela o melhor de quinze mil cruzados em propriedades rústicas. Esperava ser com toda a certeza o herdeiro da tia Tomásia, e concluía com estas frases penetrantes: *Serei brevemente rico; mas, ai de mim! a felicidade do coração que me mataste, Doroteia, essa nunca jamais a terei!!!* Ela sentia-se impulsionada pelo remorso a ir chorar sobre o coração morto daquele homem, futuro herdeiro da tia Tomásia, e todavia condenado a uma eterna viuvez! Matara-o ela; e ele, tão bom, perdoava-lhe! Um anjo, o seu Rato!

*

O criado demorara-se pouco. Entrou com uma ama chegada, havia pouco, de Amarante – um alfobre de amas, grande exportadora para os alcouces. Era uma mulherça pujante e barbaçuda.

– Vai chamar a ama – ordenou D. Anatilde à criada de sala – e que traga o Sr. Álvaro ainda que ele esteja a dormir.

Desceu Doroteia com o menino, timorata e receosa de pancadaria, morta por esgueirar-se.

– Entregue o menino a esta ama – disse a senhora, sem a encarar. – Eu vou sair

com ela para casa de meus pais, e você fique no meu lugar.

– Isso é que não! – acudiu Doroteia gesticulando com os dois braços, com a cabeça, com os quadris, com tudo. – Isso é que não! Eu hei-de sair primeiro, e é já, e é já!

– Quanto se lhe deve? – perguntou Anilde já modificada.

– Não sei, nem me importa. Se nada me quiserem dar, também vou contente – e retirava-se muito peneirada.

– Espere aí, mulher!

A senhora fez as contas mentalmente, tirou pelo puxador de uma gavetinha de *toilette*, e entregou-lhe em soberanos o ordenado de um ano.

– Isto é de mais... – obviou Doroteia. – Eu só cá estive seis meses, e já recebi três moedas por conta.

– Fique com o resto, visto que você é mais honesta do que eu supunha e era de esperar. A culpa não a tem você. Pode ir, e adeus, seja feliz.

– A mesma sorte lhe desejo. Passe muito bem, minha senhora.

Quando um galego descia com a caixa de pinho às costas entrava Ladislau Melitão, adivinhando o cataclismo. – Que caixa é essa?! – perguntou. – Que a dona vinha aí atrás, explicou o galego.

Doroteia apareceu no patamar, muito desengonçada, muito vermelha, mais espectacular do que nunca.

– Você onde vai! onde vai? – perguntou o fabricante estupefacto, com os olhos espipados.

– Vou para minha casa. Passe V. S^a muito bem.

Mas o melhor da passagem, como diria o Sr. António de Serpa, é que Doroteia não restituiu o anel a Melitão. O esquecimento é desculpável pela atrapalhão da saída. – Que espiga! – dizia ele esmagado na alma sob o peso da catástrofe, e demais a mais com a perspectiva das borrascas domésticas, bravas lutas com a esposa – o osso da sua carne!...

– Que espiga!

*

Neste tempo, chegaram ao correio de Fervedo cartas vindas da Índia, uma para *Balbina Cândida Rodrigues*, outra para *Alexandre de Pinho*. Este Alexandre era o juiz ordinário do concelho, antigo amigo e parente dos Rodrigues de Val-Redondo. Como a caligrafia dos sobrescritos fosse idêntica, Rato e o irmão subtraíram as duas cartas. Na de Balbina dizia Artur à mãe que estava espantado do seu silêncio – que nunca recebera de sua família uma só carta, havendo escrito três. Participava-lhe que já era alferes, e tencionava pedir licença para vir visitá-la tão depressa realizasse o seu casamento com uma rica viúva a quem amava e devia grandes finezas e provas de amor, velando-o nas suas enfermidades, e cicatrizando-lhe as chagas da saudade da pátria e da família. Para isso, pedia que lhe remetesse a sua certidão de idade e outra do pároco a certificar que não havia impedimento canónico para poder casar. Instava muito pelos dois documentos e perguntava pela saúde do pai a quem enviava muitas recomendações.

Na carta ao seu parente Alexandre de Pinho rogava-lhe que fosse a Val-Redondo, e visse a carta que ele, na mesma data, enviava a sua mãe, e apressasse o conseguimento das certidões que pedia; e, na hipótese de que a mãe não houvesse recebido a carta, ou não quisesse responder-lhe, como fizera a outras, explicava-lhe quais eram os documentos pedidos. Falando da mulher com quem ia casar, esclarecia que era uma viúva com 8\$000 rupias de renda pouco mais ou menos, dois contos de réis, moeda

portuguesa; muito galante senhora, de quem já tinha um filho que era um encanto.

Nenhuma das cartas chegou aos destinatários. José Rato fermentava, nas suas vigílias, uma enorme ribaldaria, que não era singular, nem rara naquelas terras.

Sabia-se que ele frequentava muito a casa da Joana Toqueriné; –já o egresso, que tivera a denúncia de tais conciliábulos no latíbulo da *corpo-aberto*, estava preparado para qualquer canalhice maior da marca.

Ao mesmo tempo constava-lhe que o Rato Júnior voltara a visitar miudamente o João Gaio depois que a filha regressara do Porto. Uns diziam que ele era o *amigo* da Doroteia; outros asseveravam que o Rato namorava a rapariga como antes do erro, e vinha a casar com ela como dois e dois serem quatro. O egresso achava possível qualquer das hipóteses, e andava triste. Ele tinha imaginado aproximar Doroteia da tia Balbina, já que Deus levara a criança, o anjo de paz, o reconciliador daquela pobre velha com as alucinações da sua consciência. Chegara a tentar, por longe, a empresa, sondando o coração da viúva. Achou-a rebelde. Não perdoava a Doroteia ser filha de sua irmã Quitéria; e, interrogada pela razão de tamanho ódio, tartamudeava, engasgava-se, e acabava por bradar que a queriam matar. Não obstante, o confessor ainda esperava abrandá-la nas intermitências lúcidas; mas essas eram já tão raras e fugidias que nem para o acto da confissão deixavam clareira. Por outro lado, Frei Joaquim desanimava do seu propósito, ao passo que as atoardas da segunda queda de Doroteia ganhavam muitas probabilidades. A verdade era que José Rato entrava com a antiga franqueza de noivo em casa do João Gaio; mas a cauta Quitéria não se apartava da filha, de dia nem de noite, porque dormiam juntas. Estava escaldada.

Nisto, sem se lhe conhecer a procedência, divulgou-se a notícia da morte do Artur no Rio de Janeiro onde fora ajudante de guarda-livros. A mentira não promanara de José Rato. Repetiam-na todos, citando dezenas de pessoas bem informadas que a tinham espalhado nas feiras e nos adros à missa do dia. Balbina recebeu a nova comunicada pelo vigário que já tinha rezado por alma do Artur, no decurso de dois anos, uns três centos de missas, a cruzado. Desta vez, o pastor vinha lembrar àquela ovelha ligeiramente tosquiada e com espessa lã para muitas tosquiias, a necessidade de ofícios e sufrágios, a verificar-se a triste notícia.

Balbina já não chorava. As lágrimas são o desafogo das dores que vibram o cérebro normal. Essa expansão sorosa não é uma necessidade para os dementados, nem as aflições irracionais espertam vitalidade no dueto das lágrimas. A lava do cérebro queimou tudo isso.

Ela ouviu o vigário com uma fixidez de olhos áridos que não davam de si algum sinal de surpresa nem de angústia. Passados minutos, dizia que lhe trouxessem o corpo do filho para o amortilhar por suas mãos. O clérigo dava explicações: que o Artur, tendo morrido no Brasil, já devia estar enterrado há muito tempo; que o mais que poderia vir de lá eram os ossos. E questionavam a este respeito: ela insistindo, como louca, na exigência do cadáver do seu querido filho; ele, elucidando com a mais estúpida boa-fé a impossibilidade da exumação do defunto em decomposição. Quanto a sufrágios, nada se decidiu. Afinal, o reitor foi dizer lá fora que Balbina, se não estava de todo azoratada do miolo, estava muito telhuda.

*

Frei Joaquim ouvira a notícia repetida por centenas de pessoas, e não acreditava. Resolveu, de indagação em indagação, chegar à fonte donde promanara o boato. Pôde descobrir que numa feira mensal de Arouca o primeiro que dera a notícia do falecimento do Artur no Brasil fora o brasileiro da casa amarela das Quintãs. Montou-se na égua do

cunhado e foi às Quintãs. O brasileiro disse-lhe que a notícia lhe fora dada pelo Pinto Rocha, outro brasileiro que morava dali distante légua e meia; mas que tinha ido para o Rio três dias antes; ainda assim, como na casa havia um padre, irmão do brasileiro ausente, esse poderia ministrar esclarecimentos bastantes. Frei Joaquim foi pernoitar a casa do padre seu conhecido. Então soube que efectivamente seu irmão trouxera a tal notícia de Oliveira de Azeméis onde a lera no *Diário do Governo*, em casa do deputado do círculo. O egresso começou a acreditar que Artur tivesse morrido, visto que a notícia saiu no *Diário do Governo*; porém, como queria retirar-se com a certeza para dirigir os actos da viúva como cristã e mãe, saiu dali para Oliveira, com uma carta de apresentação ao deputado, que felizmente estava em casa. Lembrava-se muito bem o legislador. Tinha lido essa notícia, quinze dias antes, no *Diário do Governo*. Foi buscar os números correspondentes aos dias prováveis em que a lera; e, examinando um desses números nas listas dos óbitos enviadas pelo consulado, exclamou:

– Aqui está!

– Então é certo... – disse o egresso.

O deputado leu: *Falecimentos no dia 17. Artur Gonçalves, guarda-livros, idade 29 anos, febre-amarela...*

– Não pode ser – objectou Frei Joaquim.

– O meu vizinho chama-se *Artur Rodrigues Tavares*; esse que morreu tinha 29 anos; o meu vizinho deve ter, quando muito, 22. Aqui tem V. Ex^a como se arma e propaga uma falsidade, sem má intenção. Pode ser que Artur Rodrigues haja morrido; mas com certeza não era Artur Gonçalves, que Deus tenha em sua presença.

*

Frei Joaquim desmentiu a notícia, contando o processo trabalhoso de que se servira; mas a opinião pública não prescindia da morte do Artur Tavares. Balbina manteve-se indiferente ao desmentido como à veracidade da balela; mas, uma vez por outra, pedia ao seu director espiritual que mandasse vir o cadáver de seu filho para o sepultar em um jazigo que mandara fazer na sua capela. Balbina Cândida não tinha capela nem mandara fazer jazigo algum.

– Está perdida! – dizia o padre, vendo malogar-se todo o esforço que empregara para ir amparando aquela froixa luz vasquejante, com o amor de alguém que tomasse à sua conta restaurar o coração da desgraçada pecadora. A netinha morrera, fugira como um anjo que não queria manchar as suas asas na torpitude daquela família. A Doroteia provavelmente atirava-se outra vez às garras do vício. O Artur, se fosse vivo, era um monstro desprezando a mãe; se era morto, nunca mais poderia vir tentar um milagre em que o poder divino não queria intervir, apesar das suas reiteradas súplicas diante do altar.

Voltou-se para a medicina. O cirurgião que tinha mandado calafetar as portas e frestas para que o ar não entrasse no ergástulo dos filhos da Lemenha, agasalhados em cobertores grossos, foi examinar Balbina. Interrogou-a sobre dores de cabeça; sobre cheiros, se sentia cheiros ou sabores extraordinários, se ouvia vozes, se umas pessoas se lhe figuravam outras; se tinha apetite e se dormia. – Que comia muito bem, e dormia até de manhã; e, quando acordava de noite, rezava ao seu Anjo da Guarda, e tornava a adormecer. Que só comia sopas de leite e caldo, porque estava muito pobre, e não podia comprar mais nada; que assim que lhe levassem as vacas de leite e a horta, morreria de fome. Tudo que havia naquela casa era dos parentes do seu defunto Roberto; que trouxera 400\$000 réis; mas esses que já os gastara em missas por alma de seu filho, que a estava esperando à porta do Céu.

O cirurgião tinha percebido: não precisava de diagnosticar a doença orientado pelos cheiros. Retirou-se encolhendo os ombros: que não havia nada que lhe fazer.

Veio um médico do Porto, o Fortunato Martins da Cruz. Esse, sem a interrogar, depois de ouvir a exposição do colega, disse ao egresso que a mandassem para Rilhafoles, onde ela iria receber algumas sangrias, alguns cáusticos na nuca, emborcações frias à cabeça, uma camisola-de-força e algumas chicotadas, se não estivesse quieta. Que podia talvez curar-se, por não haver lesão sensível, nem desconformidade craniana, nem talvez herança de alienados na geração de Balbina. Como se dera um forte repuxão àquele cérebro fraco, poderia ser que uma reacção salutar se operasse com o auxílio terapêutico, com as distrações e o afastamento da localidade em que se manifestou a loucura.

– Mas sobretudo, Sr. Padre Joaquim – acrescentou o doutor – muito cuidado com a religião, nada de fanatismo, nada de lhe inculcar que o filho está à espera dela à porta do Céu. Desculpe...

– Está desculpado, senhor doutor – obtemperou o egresso. – A religião que eu tenho empregado no curativo desta pobre alma é santíssima e estreme de fanatismo. Andei a ver se pelas veredas luminosas da caridade a levava à quietação da alma perturbada por amarguras que a minha obrigação de confessor me manda calar. Nada consegui. A religião sacratíssima de Jesus poderia produzir melhores frutos espirituais, ministrada por outro sacerdote; mas eu não pude sequer colocar ao lado daquela pobre enferma uma parenta, uma amiga que lhe amparasse a cabeça nas ânsias da agonia. Enfim, não há que esperar. É deixá-la sofrer e morrer.

– Morrer, sim; ora agora, quanto a sofrer, ela não sofre nada. Convença-se de que a massa cerebral desorganizada não tem a sensibilidade dos órgãos sadios. Tem sonhos. Sabe o que é um doido? é um sonhador permanente. Deixe-a sonhar, no seu sepulcro, viva, até que acorde no turbilhão eterno da matéria desagregada.

– Eis aqui um sincero materialista! – disse entre si o egresso. – Praza a Deus que seja verdade o que ele diz – que a pobre mulher sonhe sem sofrer; e não acorde jamais, se a razão lhe há-de ser um flagelo como foi até a dementar. Praza a Deus!...

VIII

O amor tirano devastara a zona psicológica de José da Silva Rato. Dia a dia, a paixão inexorável foi desabando os pilares que o exalçaram a juiz eleito, delindo-lhe os predicados dignos dessa magistratura entre os seus concidadãos. Perdera inteiramente a vergonha, e atapulhara na consciência, como em uma latrina, todas as imundícies precisas para germinar lá dentro as flores da grinalda nupcial de Doroteia. Os irmãos, gente de gravata e bem relacionada, insultaram-no quando souberam que ele premeditava casar com a filha do Gaio, notoriamente desonrada. Ele não repeliu a afronta, resvalando o golpe da calúnia. Confessou altivamente a sua paixão; e gloriosa ou infame que ela fosse, da sua sorte era ele o árbitro, e não admitia chalaças críticas, nem dava satisfações à canalha. Alegou em sua defesa que um herói romano – parecia-lhe que era Bruto – muito mais sábio de que ele, dissera que a honra não passava de uma palavra. Ajuntou eruditamente que em algumas nacionalidades citadas pelos geógrafos a honra correspondia à desonra de outros países; e que entre os homens se dava a mesma desigualdade na vaga e arbitrária qualificação de tal honra. Os irmãos inconvictos chamavam-lhe besta, cínico, e estigma indelével de uma família que contava, desde os Ratos do século XIV, doze gerações de homens de bem. O administrador do correio de Fermedo, que abrira as cartas do Artur, era um dos membros da duodécima geração, e a tia D. Tomásia Rato, a Egira do defunto juiz do Supremo Tribunal de Justiça, também era da duodécima, e ambos participariam do ferrete da infâmia, se a degenerada vergôntea se enxertasse no tronco pelintra do Canastreiro. Muitas famílias ilustres se tinham perdido assim.

Nem as injúrias nem as ameaças dos seus desorientaram o juiz eleito. Porém, uma ervada frecha do destino lhe estava apontada ao forte peito.

A tia Tomásia, de quem ele esperava evidencialmente herdar os 15\$000 cruzados, e de cuja saúde se informava a miúdo para estar em dia com as moléstias que lhe destroçavam os setenta anos, a infame Tomásia casara com o barbeiro do falecido magistrado, dotando-o com todos os seus bens. Ela havia prometido ao sobrinho a herança, quando se julgava intangível a Cupido, depois de meio século de activo amor, em cujos anais contava abades, alferes e até capitães de ordenanças, jurisconsultos bastantes, e afinal o seu último defunto juiz que pagara por todos. Era seu firme propósito dispor de tudo a favor do sobrinho José, que nunca a desfeiteara por causa do seu obscuro comportamento; mas um Fígaro das Portas de Santo Antão, um escanhoador fadista, logo que o ex-juiz transpôs os umbrais da porta da rua e os da eternidade, meteu-se dentro da casa do defunto, violou Tomásia, acendeu a chama antiga que pegou na velha como em retraço de palha seca, e vai depois casou com ela, fazendo-se previamente dotar. Uma pechincha que o indemnizou de muitas decepções que sofrera na política, sempre fiel aos setembristas e sempre vítima do cacete cabralista nas eleições.

Este desastre afervorou intensamente o amor de José Rato. Doroteia era já agora a sua única tábua de salvação; acolhia-se ao amor da moça numa timidez de infeliz pupilo escorraçado pela família. Era o seu refúgio derradeiro e único aquele semblante aberto em que via arraiar-se-lhe um sorriso confortativo. E, todavia, certo que Doroteia ignorava o casamento da tia Tomásia; e não pôde, portanto, acentuar-se irrefragavelmente a dedicação desinteressada da rapariga ao seu deserdado amador.

Que irá fazer tanto a miúdo o Rato a casa da Joana Toqueriné? – perguntava-se. As línguas perversas intrigavam que a casota da Toqueriné era o ninho em que a sobrinha largava uns filhos e chocava os ovos dos outros. *Era a casa da tia*, calemburizava o povo, jogando de vocábulo maliciosamente.

Depois da catástrofe do casamento da violada Tomásia, o Canastreiro acompanhava o juiz eleito à choupana da irmã, por horas mortas, e aí passavam horas a portas fechadas. O mistério ia estoirar.

Um dia, estalou a notícia de que a alma do defunto Artur falava no *corpo-aberto* da Toqueriné, e pedia a brados aflitos que lhe falasse a mãe, e que não podia entrar no Purgatório enquanto não falasse com ela. O primeiro intruso em Val-Redondo a levar a notícia a Balbina foi o vigário, o das trezentas missas adiantadas a cruzado, e promotor das malogradas exéquias. Este padre Leonardo não podia consolar-se das inúteis avançadas que fizera para explorar a viúva, sempre vigiada pelo egresso, a quem o prior odiava entranhadamente. Tamanho ódio exulcerava-se na invulnerabilidade dos créditos de Frei Joaquim, um santo que nada tinha de seu; que mendigava aos ricos para dar aos pobres; que esmolava os doze vinténs que recebia nos enterros e nas missas, e deteriorava as rendas da irmã – que o agasalhara expulso do seu convento – induzindo-a a demasias de caridade superiores às suas posses.

Balbina, desde que os médicos a visitaram conduzidos pelo confessor, começara a desconfiar dele, a suspeitar que, para certos fins, o egresso e os facultativos a queriam matar, envenenando-lhe o leite. Figurava-se-lhe que ele e os médicos e a irmã do marido se conchavaram para a vindimarem com peçonha. Era ela quem ia à corte mungir as vacas, e levava a pichorra cheia ao vigário para que lha benzesse. O exorcista do leite, em breve trecho, conseguiu avantajá-lo ao frade no predomínio sobre o espírito de Balbina; e, como o outro não queria já confessá-la, pela sua irresponsabilidade de mentecapta, a viúva sentiu-se muito consolada aos pés do novo confessor, e mandou-lhe quarenta alqueires de milho e um cevado de presente. Estava, pois, o vigário no veio do minério.

Quando ele foi contar-lhe o que se dizia a respeito do espírito do filho, domiciliado interinamente no corpo da irmã do Canastreiro, e referiu as lamentações que a alma penada fazia, Balbina, exagitada num desassossego inaplacável, gritava que queria ouvir a alma do seu – que lhe fossem chamar a Toquerine. O vigário, quanto a estupidez, estava aquém da crença nos *corpos-abertos*; ria-se da velhacaria da Toqueriné e muitas vezes dissera que ela merecia que lhe abrissem deveras o corpo a pontapés, dando-lhos na barriga até que a alma do defunto saísse pelo lado oposto. Muito mais porco nos seus dizeres o padre Leonardo. Era um Zola iliterato, incapaz da propaganda de vocabulários sulfúricos para uso das famílias orientadas; mas tinha lido o *Homem dos Três Calções* de Paul de Kock, e achava-o mais delicado que o profeta Ezequiel, no Velho Testamento.

Contraveio o padre com algumas razões a fim de despersuadir Balbina da crença nas almas dos mortos a falarem nos corpos dos vivos; mas, como não conseguisse dissuadi-la e lhe não conviesse contradizê-la, avisou o Gaio de que a sua cunhada queria falar com a irmã – que lha trouxesse quanto antes.

Frei Joaquim seguia de perto a peugada da trampolina; mas não lhe aventava o alcance. Apesar de mal recebido e quase expulso de Val-Redondo, tencionava expor-se aos últimos ultrajes de palavras e até aos insultos de pancada com que o ameaçava o José Rato, por saber que ele planeava meter em casa da avó a filha do Artur. A criadagem da Balbina confederara-se a favor do vigário contra o egresso; de modo que, sem participarem à ama a vinda do antigo confessor, respondiam-lhe que a patroa não falava a ninguém.

Uma tarde, já noite cerrada, entrou a Joana Toqueriné com o irmão e mais o pároco em casa da viúva. Era chegado o tremendo conflito. Balbina ia ouvir as petições da alma penada do filho. O vigário dava-lhe alento – que não tivesse medo; que aquilo não era objecto para sustos; que tanto montava falar com o morto como com a tia Joana. E piscava o olho ao João Canastreiro, querendo assim mostrar-lhe que não era asno, e que ia feito na geringonça, fosse ela qual fosse.

Vinha muito bem ensaiada a Toqueriné. Logo que chegou em frente de Balbina, caiu em joelhos; e, ferindo silabicamente as palavras numa toada terrorizante, lamentosa, clamou:

– Posso falar, minha mãe?

– Ai Jesus! ai Jesus! quem me acode! –exclamou Balbina, apertando os ossos parietais nas mãos crispadas de pavor.

– Diga-lhe que pode falar, na Balbina – insinuou o João Gaio, como velho mestre-de-cerimónias naqueles ritos.

– Posso falar, minha mãe? – tornou a alma num vozear mais lúgubre. – Eu sou o seu filho Artur. Posso falar, minha mãe?

– Podes, meu filho, fala! – disse a mãe, procurando o amparo dos braços do pároco, que se assoava muito a miúdo para se rir debaixo do alcobaça.

E a alma falou:

– Eu sou o seu filho Artur que fui para o Brasil, a fugir ao cumprimento dos mais sagrados deveres para com minha infeliz prima Doroteia que desonrei, como vossemecê sabe. Deus castigou o meu crime, porque depois de passar muitos trabalhos fui ser caixeiro, e cheguei a ajudante de guarda-livros, ganhando 500\$000 réis por ano; mas, ao fim de três anos morri de febre-amarela, no Rio de Janeiro, depois de me ter confessado muito mal, e já nas agonias da morte. Agora, minha mãe, venho pedir-lhe que faça sem perda de tempo doação dos meus bens, pelo menos dos que me pertencem por morte de seu marido, que já está no Purgatório, a minha prima Doroteia, como indemnização do roubo que lhe fiz da sua honra. E enquanto minha mãe não cumprir isto que lhe venho pedir, por consentimento de Deus, eu não poderei entrar no Purgatório a cumprir a minha sentença, e andarei errante pelo espaço infinito sofrendo tormentos iguais aos do Inferno. Portanto, minha mãe...

A alma ia continuar, quando Balbina perdeu os sentidos nos braços do vigário, que lhe bufava grandes sopros à cara, e a sacudia rijamente. – O diabo da bêbeda da Toqueriné trazia o recado na ponta da língua, muito bem decoradinho! – dizia lá para si o clérigo, continuando a bufar a desmaiada.

A alma falara correntiamente pelo órgão vocal da Joana; mas a redacção do discurso de além-túmulo era original de José Rato, com alguns ligeiros tópicos do João Gaio. Tinha custado muito a grudar aquele estilo garrafal no encéfalo da Toqueriné.

Enquanto Balbina permanecia insensível, sobre a cama, com a boca escancarada, os membros rígidos, e o nó histérico nas goelas, o vigário chamou de parte o Canastreiro, e disse-lhe:

– Agora, Sr. João, acabe com esta história. Para chalaça já basta, que isto pode ser muito sério, e a mulher rebentar para aí de medo, e nós ficarmos todos comprometidos nesta pandanga. Eu cá brincadeiras com almas do outro mundo não nas quero, nem isso está nos meus hábitos. Vamos a falar sérios. O que vocês querem já eu percebi. Querem que a Balbina faça doação dos bens à Doroteia, não é isso? É bem entendido. A rapariga perdeu a sua honra e deve ter uma legítima com que possa amanhar a sua vida. Não é isto que vocês querem? Fale com franqueza, que está a falar com um homem honrado, Sr. João!

– Isso sei eu, senhor vigário; que V. S^a é um homem como se quer sei-o eu de

raiz.

– Bem! Então não volte cá com a alma do outro mundo. Vão-se embora, e deixem correr o negócio por minha conta. Há-se de arranjar o que você quer, sem esta tramóia que podia dar cabo da velha. Se me tivessem consultado, eu dava-lhe outras ideias mais finas e escusávamos de ter o Frei Joaquim à perna, que em sabendo desta tranquiérbnia da alma penada é capaz de me acusar ao bispo, e malham comigo fora da Igreja e com vocês todos numa cadeia. Ande, safe-se, vá-se embora, e deixe-me cá com a Balbina.

– Nós havemos de saber-lhe agradecer, senhor vigário, esteja certo que não há-de precisar mais de ser pároco – disse o João Gaio dando-lhe palmadas nos ombros.

– Pois sim, sim, conversaremos depois a esse respeito.

*

Recuperando o alento, Balbina viu o vigário encostado aos pés da cama, e a criada velha em pé com as mãos postas, a rezar. Sentou-se a esfregar os olhos nublados, e a murmurar palavras imperceptíveis, sem ansiedade nem torvação.

Pediu a sua ceia como se acordasse muito bem disposta de um sono restaurador. Enquanto a criada foi buscar a tigela de leite migado de pão de milho, o vigário perguntou-lhe se se lembrava do que se passara antes de adormecer.

– Lembro, lembro muito bem. Não há remédio. O meu Artur quer que eu dê a casa à Doroteia. Deus mandou cá para isso a alma do meu filho; então é porque posso dispor, não é assim? Eu pensava que não podia; mas Deus lá sabe o que faz.

– Que não vá isto ser marosca, Sr^a Balbininha – disse a criada que vinha entrando com a tigela de leite. – A Toqueriné é uma safadona, que já comeu seis moedas de ouro a uma minha tia para lhe trazer à fala a alma do homem que morreu no tempo dos franceses.

O vigário fez-lhe sinal de caluda, tomou-lhe das mãos a tigela e mandou-a retirar com um gesto.

Depois, discorreu profusamente. Balbina parecia muito inteligente, respondia sem disparatar, interrompia às vezes o confessor para lhe contar rapazes muito engraçadas do seu Artur, a sua esperteza, a sua carinha de cera quando era pequenito, as saudades que ela tinha dele quando foi para casa do Sr. Padre Hilário...

Ao proferir a palavra *Hilário*, susteve-se numa introversão súbita, cravou a vista extática no fundo escurentado do quarto, abriu a boca espavorecida, a soluçar monossílabos, cortados pelo ofegar da garganta, e pôs-se a apontar para lá, com o braço estendido e o dedo indicador numa tremura horrenda.

O vigário olhava, e não se sentia bem. Ele tinha dito sinceramente ao João Gaio que «brincadeiras com almas do outro mundo não as queria, nem isso estava nos seus hábitos». Compreendera perfeitamente o padre Leonardo a visão de Balbina: era sem dúvida o fantasma do padre Hilário que ela via e apontava. Havia água benta numa cântara de loiça vidrada, sortimento que vinha todas as manhãs da sacristia para Balbina se lavar. O vigário tomou alguns punhados de água, hissopou a cerrada penumbra onde devia estar o espectro do padre Hilário, e pronunciou algumas frases rituais em exorcismação de espíritos quer luciferinos, quer humanos, de torna-viagem. Estava aterrado.

Ninguém, pois, resiste ao meio sem uma sólida caracterização fisiológica e psicológica. Padre Leonardo compenetrrou-se do terror da visionária. Latejavam umas sombras num Cristo pendente sobre o espaldar do leito de pau-preto; por cima do telhado esvoaçavam corujas a crocitar; dos campos vinham uns guinchos lugentes dos sapos; e pelos vigamentos sibilava o vento lamentoso como um clamor uníssono de

gemidos levantados desde os suplícios do Inferno até ao Céu impassível.

Depois, a escuridão do quarto apenas alumado por uma vela de sebo, a lividez cadaverosa de Balbina, possessa do espectro do seu cúmplice, aqueles gritos roucos e estrangulados que pareciam gemidos no côncavo de um jazigo pela agonia de um sepultado em vida. Enfim, o homem quando aspergiu de água benta o antro escuro do grande recinto parece que também via a avantesma do padre Hilário a esbater-se num golfão absorvente de trevas.

*

A criada que suspeitara da «marosca», e não podia tolerar que sua ama desse os bens à porca da Doroteia, sem lhe dar nada a ela que a aturara vinte e quatro anos, e a encobrira nos amores com o Hilário, desligou-se do conciliábulo contra o egresso, e mandou-lhe contar o que se passara com a vinda da Toqueriné, do irmão e do vigário. Acrescentava que a sua ama lhe tinha dito, ao outro dia, que estava resolvida a nomear herdeira a sobrinha, para a alma do filho começar a purgar as suas culpas.

O egresso compreendeu tudo então e vacilou no que lhe cumpria fazer civil e religiosamente. Ele era bastante eclético na escolha dos seus auxiliares em correcção de vícios e de maroteiras. Às vezes, não invocava a justiça divina, e seguia os processos da justiça humana, como mais expeditivos, e menos sujeitos às tergiversações dos dogmas. Este é um dos casos. Em vez de pedir aos justos céus que fulminassem João Gaio, Toqueriné e Companhia, foi ao Alexandre de Pinho, juiz ordinário, pedir-lhe que interviesse funcionalmente no roubo que se tramava por meio de uma escritura de doação em que figurava como doadora uma mentecapta.

O juiz conhecia as leis, e sorriu da pânica ignorância do honrado frade em matéria de doações. Estabeleceu que ninguém podia doar o que não era seu. Que Balbina, viúva do seu parente Roberto, não podia doar bens do marido sem mostrar documentalmente que era herdeira do filho, imediato sucessor do pai. Essa prova só podia aceitar-lha o tabelião à vista de uma certidão de óbito de Artur e de um processo de habilitação, subsequente à morte do filho; – que, no presente caso, tanto importava que Balbina fosse ajuizada como demente. Era, pois, Alexandre de Pinho de parecer que não se desse importância séria ao cavaco da alma com a mãe, e se abandonassem os alarves que a rodeavam ao escárnio público, e talvez a uma severa lição correccional.

Ficou sossegado o egresso; mas o vigário, conchavado na veniaga, e pouco meticoloso em tricas da legislação, não desistia de levar a termos razoáveis o programa estabelecido pela alma identificada à Toqueriné. Ouvida a opinião de um bacharel formado que passava a sua vida podendo vides, especando feijões e criando potros, convenceu-se de que a escritura era legal nestas cláusulas: Balbina doava todos os seus bens a Doroteia, no caso de que seu filho tivesse falecido em vida dela e anteriormente ao acto da escritura, como era voz pública; no caso, porém, de que o filho lhe sobrevivesse, ela doadora faria simplesmente doação da sua terça, e do mais que pudesse doar sem contravir aos direitos de seu filho. Deste modo, a escritura lavrava-se desde logo; pedia-se a certidão de óbito para o Rio de Janeiro, e assim que ela chegasse, revalidava-se a doação na totalidade dos bens. José Rato aprovou sem repugnância o alvitre. Quanto à demência da doadora, reflexionou o juriconsulto que isso era com o tabelião e com as testemunhas.

A terça de Balbina excedia trinta a trinta e cinco mil cruzados: era um dos maiores dotes dos três concelhos vizinhos.

Divulgado o projecto da doação, os duodécimos representantes dos Ratos do século XIX reconciliaram-se com o mano José. Enfim, trinta ou trinta e cinco mil

cruzados... tinha desculpa. O amor é cego; mas o dinheiro é um óptimo operador das cataratas. José Rato, com trinta mil cruzados, em Fermedo, não era um cego de paixão, casando com Doroteia; tinha mais olhos que um polvo, e podia rir-se da miopia do Argus dos cem olhos.

*

Balbina estava melhor; amaras-mara-se numa sonolência de extenuação, à míngua de alimento. Reduzira a metade a ração de leite, e não o bebia sem que o vigário lhe fizesse em cima da xícara o contraveneno de três cruces com o dedo polegar. Se a poção lhe enfartava o estômago, queixava-se de arsénico, de verdete, pedia azeite para vomitar, e dava arrancos fictícios de enjoada. Era a irmã do Roberto que a envenenava, dizia, para vingar o irmão. E o padre Leonardo, a rir: – Deixe-se de asneiras, criatura! Vossemecê não tem nada. Ninguém a quer matar. Deixe esse leite, e beba vinho; coma-me carne, carne de boi; o que vossemecê precisa é trincadeira substancial, e umas pingas do choco.

Tirante o receio dos venenos e as aparições espectrais do padre Hilário, o seu espírito entrava numa fase relativamente boa e esperançosa. Às vezes, tinha lucidez e grande serenidade silenciosa. Lagrimava mansamente, enxugava as lágrimas, e dizia que Deus a conservava viva para castigo e escarmento das pecadoras. Nestas intermitências ascéticas, mas luminosas, esquecia o episódio da Toqueriné, ou cismava nisso vagamente como a querer reatar os fios soltos de um sonho.

Explicou-lhe o vigário a forma da doação à sobrinha. Disse ela que sim, que daria a sua terça, se o seu confessor entendia que a podia dar sem que Deus lhe pedisse contas. E, com uma decisão judiciosa, num grande jacto de luz, acrescentou: – Antes deixar-lho a ela que à bêbeda da minha cunhada, que me quer dar veneno.

O tabelião, irmão de José Rato, era o mais idóneo notário para lavrar a escritura de doação.

As testemunhas eram quase todas Ratos – o correio, o mestre-de-obras substituto do juiz de Direito da comarca, o José, juiz eleito, e o padre Leonardo para assinar a rogo da testadora.

O ensejo foi casualmente bem escolhido. Nesta ocasião, Balbina quedava-se muito abstracta, absorvida em qualquer contemplação em que os olhos nada viam, e os ouvidos pareciam ouvir as perguntas depois da repercussão do eco. Sofria ao responder, mostrava violentar-se num constrangimento opressivo para perceber a pergunta; mas, afinal, percebia sem lha repetirem, e respondia. O tabelião leu a escritura enquanto ela circunvagava os olhos esgazeados pelos assistentes, a fixá-los alternadamente, com ar de medo. Imaginava-os talvez propinadores de verdete, facínoras que era preciso não irritar. Chamou o vigário para junto dela, e fê-lo sentar na mesma cadeira, acomodando-se com um dos quadris no bordo do assento, muito encolhida, e pedia ao padre que a não deixasse sozinha com aqueles homens desconhecidos.

Saíram todos, excepto o vigário que lhe pediu licença para trazer a sobrinha Doroteia que queria agradecer-lhe a esmola que lhe fizera, e beijar-lhe a mão.

– Pois sim, que venha, e que traga a menina, a filha do meu Artur. – E muito risonha: – Ela parece-se com o pai? deve ser muito bonita!

– Quem? a Doroteia?

– Valha-me Deus! a minha neta.

– A filha da Doroteia?

– Sim! Valha-me Deus! – dizia impaciente, nervosa.

– Essa criança morreu de bexigas, há muito tempo... Ouvi contar; foi no tempo em

que o seu confessor era o frade da Granja.

– O meu confessor! coitadinho! um santo homem, o Sr. Frei Joaquim da Cruz Sagrada!... Já lá vai!... Pediu-me o berço do meu Artur para a minha neta. *É* um berço muito rico de pau-óleo; está como novo; tenho-o lavado muitas vezes com lágrimas... Deu-lho o Sr. Padre Hilário...

– Mau! Mau! – disse consigo o vigário. – Temos história!

Recordou-se daquela noite em que o fantasma do Hilário foi repellido a *douches* de água benta, da fábrica dele reitor. Arrepiava-se-lhe ainda a espinal medula lembrando-se da louca, empedernida, com o braço orgástico e o dedo trépido a apontar para o canto escuro da casa, com a boca hiante e os olhos numa imobilidade vítrea. Felizmente era dia, estava a sala espelhada de sol e a poeira formava colunas faulantes de átomos movediços. O padre, de dia, não tinha medo de avantesmas, que, no seu modo de pensar, eram ratoneiros como os que só excursionam de noite. Entretanto, a Balbina lá estava filada aos três cabeções do capote do confessor, com o pescoço torcido para não ver o espectro.

Admirava-se este clérigo com uma crítica menos má e que nem parece de um parvo *pur sang*, de que a viúva fosse tão vegada pelo amante e nunca se escabreasse, dizia ele pitorescamente, com a avantesma do marido! Tem que se lhe diga. A razão não pode formar conjecturas sobre os desvarios da insânia. Pode, porém, supor-se plausivelmente que o espectro de Hilário avocado pela incessante meditação da sua queda do perpétuo abismo, se lhe tornasse a ela mais uma reminiscência da sua paixão maldita do que o trasgo de um perseguidor condenado, a querer arrastá-la ao Inferno, como sua cúmplice. Se Balbina fosse escoreita, é racional que o espectro de Roberto a estrangulasse nos sonhos, e lhe relampejasse nas vigílias, por essas noites fora, quando nas trevas há vozes, e gemidos e figurações medonhas. Isso tem um nome: é o dragão despedaçador que se chama *Remorso*. Mas os doidos não possuem o órgão desses tormentos, tecidos por mão da Justiça divina. A Providência, ao submergir uma alma nas escuridões sem aurora, atrofia no organismo do alienado aquela função, espécie de cadafalso íntimo. As raras lágrimas dos alienados nunca exprimem a dor dos animalismos normais. O doido mata sua mãe que o abraça, e fica inculpada perante a lei e perante a treva íntima onde se apagou a luz da consciência –a tribuna desse formidável verdugo chamado *Remorso*.

*

Quando o vigário apresentou Doroteia, a tia encarou-a mal-assombrada, e perguntou-lhe se não deitara luto por morte de seu filho; que era uma pouca-vergonha apresentar-se de saia de chita com riscas azuis; que fosse mudar de roupa, que trouxesse a pequena. E, abrandando subitamente de maneiras:

– Vem cá, vou mostrar-te o berço; está aqui dentro deste quarto, onde nasceu o meu Artur. Vem ver como é lindo! vem ver... – Levou-a consigo, sentou-se à beira do berço, quedou-se alguns segundos a contemplá-lo, e sorria-se, curvava-se sobre a travesseirinha enfronhada, como a procurar com os lábios um rosto de criança; e punha-se a embalar o berço e a cantar numa toada lamentosa:

*Não sei que quer a desgraça,
Que atrás de mim corre tanto!
Hei-de sofrer e mostrar-lhe
Que eu dela já não me espanto.*

A sobrinha a chorar muito ansiada; e o vigário compadecido:
 – Desgraçada criatura! desgraçada criatura! Está de todo!...

*Foge daí, ó papão,
 De cima do meu telhado;
 Deixa dormir o menino
 Um soninho descansado.*

E acalentava: *ó-ó-ó-ó* – prolongado gemido, triste como as monódias, com um requebro dolente de meios-tons.

A Doroteia, entalada de suspiros, não estava a padecer assim, tão fora dos limites da sensibilidade, da compaixão da tia. Era pela sua própria filha, que tamanha exorbitância de lágrimas a inundava naquele momento, o mais pungitivo da sua saúde. Lancetavam-na remorsos de ter deixado a sua criancinha nos braços da Lemenha, mãe descaroadada e imunda mulher; doía-lhe a vergonha de não ter desprezado as ameaças do pai, e ter fugido à pobreza, aos trabalhos e à fome. Era por isso que ela se retorcia em atitudes de destemperada consternação, quando a tia, a olhar para ela muito espantada, perguntou ao vigário:

– Ela que diabo tem, Deus me perdoe?!

– Coitada! – explicou o vigário compungidamente. – Chora por ver sua tia a sofrer. E então? Faz o que deve a uma tia que tão boa foi para ela; e ingrata seria, se pudesse assistir com os olhos enxutos a este infeliz e desgraçado espectáculo!

E dava ao alcobaça uma forma de grande esponja para absorver as lágrimas que nos olhos dele nunca passavam de uma hipótese seca.

Entretanto, Balbina, a olhar para o vigário e para a sobrinha alternadamente, encolhia os ombros com ar de indiferença desdenhosa, e continuava a embalar o berço.

O vigário fez então sinal a Doroteia que o seguiu à outra extremidade da casa.

– Fique entendendo você – deliberou o padre – que não volta a casa de seus pais. Fica desde já aqui com sua tia, e não me ponha o pé lá fora. Bem vê que ela está maluca de todo. Precisa de ser vigiada a todo o momento. Ameigue-a, percebe? Não saia da beira dela, e não se ponha a fazer caramunhas, a chorar como há pouco, ouviu? Cara alegre, e muitos carinhos. Aperte com ela para comer bons bocados, e não lhe fale à mão quando ela disparatar, e der por paus e por pedras. Verá que ela assim se afaz com você, e entrega-lhe o governo da casa; enfim, está de dentro, que é o principal.

– Eu tenho-lhe muito medo... – obstou Doroteia. – Ela embirrou sempre comigo e com minha mãe. E capaz de me pôr na rua, e fazer aí um escarcéu – que a queremos roubar. Se eu soubesse que ela estava tão doida, não vinha cá.

– Se houver alguma desordem, mande-me chamar, que a residência são dois passos. É chamar-me quando ela estiver mais atrapalhada da cabeça. E, minha amiga, sofra com paciência alguma coisa. «Quem quer bolota atrepa, e não se pescam trutas a bragas enxutas», diz lá o ditado. As coisas arranjaram-se bem com a escritura de doação; mas agora é preciso ter mão na manta, percebe? Se o filho morreu, o negócio bem vai; mas, se está vivo, e aí rebenta um dia, é preciso que sua tia não desfaça a doação da terça. Você bem vê que ela não regula. Tem venetas de todos os diabos quando pega de ver a avantesma do tal Hilário...

– Ai Jesus! – atalhou Doroteia. – Não me diga isso, senhor vigário, que eu tenho medo, e tomara-me já daqui pra fora... Já cá não fico hoje...

– Estamos então bem aviados... Sabe você que mais? faça o que quiser. Asno sou eu em me estar aqui a mortificar pelo seu interesse. Se quer, vá com Deus, e não conte comigo para mais nada...

Ouviam-se as passadas de Balbina que vinha chamando o vigário. E ele, saindo-lhe ao encontro, muito afável:

– Andava a explicar à sua sobrinha os costumes da casa. E preciso entregar-lhe o governo, porque... – e chegando-se-lhe ao ouvido – esta criadagem está a roubá-la, Sr^a Balbina. Vossemecê precisa de quem tome conta das chaves da tulha, da adega e do mais. Entregue tudo a sua sobrinha, que há-de zelar a casa. Vossemecê precisa de descanso; não carece de trabalhar, tem muito de seu, graças a Deus, e pode tratar-se como uma princesa. Venha cá, Doroteia, sua tia encarrega-a de governar esta casa, e vai entregar-lhe as chaves. A Sr^a Balbina vai ensinar-lhe as suas obrigações, mostrar-lhe a tulha, os canastos, a adega, a salgadeira, as talhas do azeite, etc., etc., etc.

A louca seguia o padre automaticamente, e Doroteia, muito medrosa, ia atrás da tia, a cismar na maneira como havia de safar-se, logo que a velha rompesse desastinadamente nalgum excesso contra ela, ou pegasse a fazer diabruras por causa do fantasma do padre Hilário.

*

Doroteia ficou. Não dormiu em toda a noite. Sentara-se à cabeceira da cama da tia, a coçar-lhe brandamente a cabeça, até que adormeceu. Tinha ali no chão a sua cama que uma criada de ruim cara lhe arranjara com maus modos, rosnando e lobrigando-a de esguelha.

Quando ia deitar-se, mesmo vestida, à cautela, e pronta para a fuga, a tia, estremunhada, sentou-se na cama, como se a levantassem de golpe por debaixo do catre; e, reparando na sobrinha, já em pé, muito enfiada de susto, perguntou-lhe quem era, e que estava a fazer na sua casa.

– Sou a Doroteia, a sua sobrinha, que vim com o senhor vigário – respondeu a rapariga apavorada, já com os olhos na porta para se escapar.

A doida fitou-a por algum tempo; e, sem lhe dar palavra, deitou-se com o mesmo ímpeto com que se levantara. A sobrinha amesendrou-se sobre o enxergão, sem mais desfrutar a vista do toco da vela de sebo que estava a acabar. O restante da noite velou-a num terror; e, quando o murrão da luz começou a vasquejar, figurava-se-lhe que também via uma avantesma de hábito branco. Pensou em fugir; mas não sabia por onde. Fora do quarto era completa a escuridão, e ouvia-se um rastolhar de ratos, que davam, guinchos em lutas fratricidas, e esbarravam estrondosamente de encontro aos tabiques. Quando a luz expirou de todo, cobriu a cabeça com o cobertor da cama, e pôs-se a rezar até que pelas frestas das portadas luziu o crepúsculo da manhã.

Tinha resolvido esgueirar-se assim que se vissem os caminhos, e ela pudesse atinar com a saída. Saiu da alcova pé ante pé, e chegou-se a uma vidraça que abria para um quinchoso de passagem. Viu, encostado à parede defronte, um vulto embuçado com chapéu de abas largas, e os olhos cravados naquela janela única em que as portadas estavam abertas. Pelo rebuço do capote espanhol, apanhado romanticamente na ponta do nariz, um trajar característico dos enamorados noctívagos daquele tempo, não podia ser outro no concelho de Fervedo: era José da Silva Rato. Reconheceu-o logo por entre a neblina da manhã. Correu devagarinho a vidraça, e cochichou-lhe:

– Safo-me, ouves? Não preguei olho. Credo! Estou tolhidinha de medo. Assim que se abrir o portão, vou-me embora.

E contou, com interrupções de susto, os sucessos decorridos, que o juiz eleito não achou assaz concludentes para que fugisse. Animou-a a que se aguentasse no sacrifício uns oito dias, indispensáveis para se obter licença de se casarem com dispensa de proclamas. Que logo que se recebessem, já ela tinha companhia que a defendesse de

medos. A felicidade de ambos não precisava da riqueza – dizia ele desembuçando-se para nobilitar a ideia, com os realces da mímica – mas loucura seria renunciar à fortuna depois que tão felizmente a conseguiram. Convenceu-a, pois, a ficar.

Tremeluzia no horizonte o sol sob um dossel escarlate. Tangia a sineta chamando à missa. Havia movimento de gado que saía das cortes para o pasto. Os pegureiros davam-se mutuamente aviso, trombeteando nas suas buzinas. Era forçoso apartarem-se antes que os vissem umas velhas que vinham ao longe, muito embiocadas, para a igreja. Ele não queria expor a noiva às máculas de suspeitas maliciosas. Enfim, concordaram que, a não sobrevir desgraça de maior, ela ficaria sozinha naquele inferno até se efectuar o matrimónio, com a promessa de ele todas as manhãs lhe aparecer. – Que lhe escrevesse de noite – pedia o Rato; mas não havia na casa jeito de tinteiro, disse Doroteia, nem papel. O noivo prometeu levar-lhe papel e um tinteiro de chifre que se desenroscava, e tinha a pena de pato embainhada num tubo córneo em forma de colo de garrafa.

IX

O alferes Artur Tavares e a sua amantíssima contubernal velejavam o seu escaler nas margens viridentes do Sandalcalo, que serpeia entre a Praça e o Damão Pequeno.

A rica viúva do contrabandista de sal, toda paixão, no rescaldo dos trinta e dois anos, assinava-se *D. Úrsula Falcão Sinary Pelinga*. Estes dois apelidos índicos tinham sido o nome e sobrenome de sua oitava avó, uma parse, ou persa, natural de Ormuz. Seu oitavo avô, fidalgo português, e capitão-governador daquela fortaleza levantada pelos gigantes manuelinos no golfo pérsico, chamava-se Luís Falcão, um grande frascário, imortalizado nas *Cartas* de Simão Botelho e nas *Lendas* de Gaspar Correia. Das muitas mulheres que desfrutou em Ormuz, houve uma cujos filhos aceitou. Chamava-se Sinary Pelinga; e a um dos filhos pôs o nome *A iredes*. Este Aires, de tenra idade, em uma noite na fortaleza de Diu, viu seu pai perecer varado por um pelouro traiçoeiro (1548). Luís Falcão, governador da fortaleza, fora assassinado de mando de outro fidalgo, Manuel de Sousa de Sepúlveda – expediente sumário para desempecer-se de um rival poderoso que lhe estorvava a posse de D. Leonor de Sá – a mulher mais formosa da Índia, escreveu Faria e Sousa. Removido o estorvo, casou; e, pouco depois, ele e ela naufragavam miserandamente no regresso a Portugal, ricos e felicíssimos (1552). São muito conhecidas as estâncias condolentes de Luís de Camões, e menos divulgado o misterioso e providencial impulso daquela catástrofe tão chorada pelas musas e pela retórica dos máximos prosadores do século XVI.

O pequeno Aires, morto seu pai, ficara na Índia com sua mãe e lá casou com mediana fortuna. Era este o sétimo avô de D. Úrsula Falcão, que, dotada de extremada beleza, casara com o abastado mercador lascarim que a deixara rica.

A goesa mostrara ao seu Artur os documentos evidenciais da sua ilustre raça por *Falcões*; porém, o romântico sargento, simpatizando muito com a persa Sinary e pouquíssimo com o fidalgo Falcão, pediu-lhe que se assinasse *Sinary Pelinga*, e que seus filhos, se os tivessem, usassem os nomes da sua avó indiana. E, com efeito, já se gozavam de um menino de oito meses que recebeu na pia baptismal o nome do seu oitavo avô, *Luís*, e estava destinado a assinar-se *Luís Falcão Tavares de Sinary Pelinga*. O plebeu *Rodrigues* do supositício avô paterno fora expungido como chato e nada eufónico. *Tavares* soava mais heraldicamente – tinha cheiro e sabor de crónica.

Por amor deste menino e da sua própria honestidade andavam os dois amantes mortificados, pela demora dos documentos pedidos para o casamento. Nem a mãe nem o Alexandre de Pinho lhe haviam respondido ainda, e eram já passados sete meses. Imaginavam que as delongas seriam motivadas por impedimentos canónicos opostos por Doroteia, ou porque os pais assim quisessem estorvar-lhe o casamento. Resolvera Artur, obtida licença do governador-geral, vir ao reino com D. Úrsula, e aqui mesmo, contra vontade dos pais, casar com ela.

Esperavam a licença de Goa, e entretanto recreavam-se em Damão costeando no seu embandeirado escaler à ourela do frondente Sandalcalo.

Quando eles, nesse dia, aprovavam a margem para desembarcar, estava no cais o tenente Roque, muito atento a ouvir ler ao alferes Bandeira um folhetim da *Revolução de Setembro*. Tinham relido o folhetim; e, no intervalo de cada período, diziam alternadamente:

– E ele! não pode deixar de ser com ele isto!

– Estás certo de ser de Fermedo o Artur Tavares? – perguntou o alferes.

– Certíssimo. Não o conheço de lá; mas as nossas aldeias distam uma da outra duas léguas. Recordo-me perfeitamente que ele me disse ser do concelho de Fermedo,

quando veio há três anos.

– Que tencionas fazer? Mostras-lhe este folhetim?

– Isso é o diabo! Aqui há coisas horríveis...

– Mas é preciso esclarecê-lo. O rapaz ignora tudo que aí se diz, nem sabe que lhe morreu o pai e talvez a mãe, porque pediu umas certidões para casar, e ninguém lhe responde. Demais a mais, se lá tem fortuna...

– Uma grande fortuna a do pai, diz ele.

– Mais uma razão... Isso é muito serio. Podem fingi-lo morto e roubá-lo... Ele aí vem.

Neste comenos, saltava D. Úrsula como uma lavandisca da proa do escaler, pousando levemente a mão cintilante de pedras no ombro de Artur. Os dois oficiais desceram as escaleiras do cais a cumprimentá-la.

O tenente Roque ainda tinha, dobrada a meio, na mão, a *Revolução de Setembro*.

– É folhetim do Lopes de Mendonça? – perguntou Artur. – Deixa ver.

– Não é do Lopes de Mendonça. Este jornal saiu há dois anos e meio, e ainda ontem chegou de Portugal a embrulhar uns pares de peúgas que me mandou minha mãe – e, dizendo, metia na abertura do peitilho da farda o jornal.

Seguiram todos até casa do alferes Tavares.

D. Úrsula subiu açodada a ir beijar a criança que lhe acenava do varandim, e Artur ficou sentado sob o arvoredado que lhe ensombrava o peristilo da pitoresca vivenda.

– Contém lá algum escândalo – disse Artur.

– Não há – respondeu o Bandeira – dir-se-ia que anda pela Índia outra vez S. Francisco Xavier. E tu que sabes?

– Que estou ansioso por ir a Portugal.

– Ver a tua família? – perguntou o tenente.

– A minha família, se queres que te diga a verdade, merece-me poucas saudades.

Bem sabem vocês que ainda não recebi uma carta de pai nem de mãe...

– Como se chama teu pai, ó Artur? – disse o Bandeira.

– Roberto Rodrigues.

– De Fermedo, já me disseste – interveio o tenente Roque.

– Sim, do concelho de Fermedo. A minha casa chama-se Val-Redondo.

– E tua mãe como se chama?

– Albina Cândida.

– Tiveste um padrinho reitor?

– Sim: chamava-se Hilário.

– Está conforme – concluiu o Bandeira.

– Conforme o quê? – interpelou Artur.

– Não podemos esquivar-nos ao dissabor de te noticiar que Roberto Rodrigues, teu pai, morreu há mais de dois anos em Espinho.

– Como sabem isso vocês e eu nada sei?

– perguntou Artur, simplesmente maravilhado de que ele não soubesse primeiro que os seus camaradas o falecimento do pai. – Donde diabo lhes veio a notícia?

– Da *Revolução de Setembro* que líamos quando tu andavas no rio.

– Deixa ver o jornal... Onde vem isso? é nas notícias diversas?

– Dispensa-nos de te mostrar o jornal.

– Porquê? Ora essa! que não vá eu perder os sentidos!

– Sabemos que não perderás os sentidos; mas há frases de mistura com a notícia da morte de teu pai que decerto vão ser-te muito desagradáveis – insistiu o Bandeira – e melhor ignorá-las... desprezá-las...

– Vocês intrigam-me! Que diabo pode dizer o jornal? que abandonei a minha

família e vim para a Índia? que fui mau filho? Patacoadas e caturrices. Cá tenho a minha consciência a defender-me. que tive lá uns amores de aldeia muito chochos? Lérias. Que me importa a mim comentários da canalha? Algum padre do meu concelho que deitou sermão de moral contra mim, e me fez talvez responsável pela morte de meu pai e pela virgindade da minha freguesia... Deixa ver o jornal.

– Já agora é escusado negar-lho – observou o Roque. – Aqui o tens. Lê, rasga, e fica certo de que estes teus dois camaradas não conservam na memória as tristes coisas, senão calúnias, que aí estão impressas. Diante de nós nunca terás de corar por culpas de que não tens responsabilidade, nem podes tê-la pelos desvarios dos teus ascendentes. Se aí te acusam de alguns desconcertos próprios da mocidade, isso são rapazices dos dezoito anos. Lê, e não te apoquentes.

Apertaram-lhe a mão; e ele comodamente recostado numa *voltaire* de vimes variegados, com almofada de seda carmesim, leu o seguinte:

Transcreve-se da COALIZÃO, jornal do Porto, um folhetim que não emenda nem escarmenta viciosos nem viciosas; mas pode pegar algumas faíscas dramatólogicas aos cérebros engourdis dos literatos, literatações, literatelhos, e literatições encartados no Teatro Agrido. Há aí assunto para um dramalhão de encher as medidas da Arte Moderna; e se o Teodorico representar o papel do infausto marido é contar com uma trovoadade de lágrimas das torrinhãs sobre a plateia já ensopada de prantos.

Segue o folhetim:

Amigo redactor. Ontem, por 7 horas da tarde, morreu nesta praia de Espinho um abastado lavrador do concelho de Fermedo, chamado Roberto Rodrigues. Segundo as informações fidedignas de um cavalheiro chamado para lhe escrever o testamento e lhe assistiu à morte inesperada, o trespasse do lavrador foi horroroso e digno de arquivar-se pelas causas morais que o motivaram.

Este homem vivera 25 anos enganado, traído pela mulher com quem casara na flor da idade. Balbina, se chama ela, foi a mais esvelta moça daquelas terras tristes e penhascosas em que, às vezes, a natureza caprichosa, como um artista de génio transcendente e fantasista, se compraz em idealizar, num meio ingrato, alguma coisa surpreendentemente bela, algum rosto de mulher encantadora para descontar na fealdade do cenário em que apareceu a esplêndida Balbina. Roberto era rico, mais de 50 contos em propriedades e ela quase pobre, filha de arrendatários de lavoura. Amou-a e foi aceite com alvoroço porque, além de ser abastado, procedia desde rapaz como os velhos mais honrados. Trabalhava sempre para engrandecer o património de seu filho... Mas ah! este filho não era dele, não tinha algum vislumbre das suas feições físicas nem espirituais, nascera pelo crime; e, na primavera da juventude, já florescia pela depravação hereditária do pai. Ora, o pai era um presbítero que Roberto hospedara como irmão e escolhera para padrinho de seu filho.

O afilhado foi educado pelo tal padrinho, notável orador sagrado, distinto teólogo no curso universitário, e depois reitor em uma das melhores igrejas convizinhas do Porto, para onde fugira aos maridos mais ou menos Otelos de umas certas Desdémonas de calcanhar tão gretado como a honra e tudo o mais. Aí permaneceu 8 anos o afilhado Artur que já pelo nome baptismal renunciava românticos destinos – um Artur de novela corri queira que tinha fôlego e jeitos para Saffie da «Salamandra» de E. Sue, e dos sinistros personagens da «Comédia humana» de Balzac.

Este Artur em que fogueava um sangue ardente transfuso das artérias paternas e talvez das maternas, desflorou uma prima sob promessa de casamento; e, quando ela ia

deitar à rampa de futuras tragédias um devasso n.º 3 na ordem genealógica, o devasso n.º 2 fugiu da sua terra com medo à vingança do pai da desonrada – e nunca mais apareceu!

Até este desfecho de estúpido e vulgar drama bucólico de uma rapariga desonrada, ainda o honrado Roberto Rodrigues cuidava que Artur era seu, posto que péssimo, filho. O pai ilegítimo quanto à lei, e genuíno quanto à bigodeada natureza, já tinha concluído o seu apodrecimento na sepultura, legando ao afillhado tudo que podia deixar-lhe – o bastante para dissipações janotas de alguns meses, e para se ausentar do reino.

Estes casos passaram-se há 10 meses, se bem me lembro dos esclarecimentos verbais que recebi ontem do cavalheiro referido que os obtivera, junto ao cadáver de Roberto, de uma irmã do morto.

Haverá 5 meses que Roberto, em um incidente ocasionado pela fuga do filho, soube a desonra de Balbina, apregoadada numa taverna de Jeira, e na sua presença, pelo pai da seduzida que já era mãe e não enjeitara o filho. Desde este lance a garra da morte empolgou-o pelo coração.

Foi aí que ele sentiu então instilar-se-lhe a peçonha que devia matá-lo, pelos estragos de uma hipertrofia galopante. Foi viver em casa da boa irmã que o acompanhou para Espinho, onde um imbecil cirurgião qualquer da sua aldeia o mandou tomar banhos do mar. Piorou, como era de esperar, e resolveu fazer testamento para beneficiar a irmã, esbulhando da herança o suposto filho que ele declarava adúltero de sua mulher e dum tal padre Hilário Tavares. O cavalheiro a quem devo estes verídicos pormenores fez-lhe saber que o excluir da herança paterna um filho reconhecido pelo matrimónio e assento baptismal era um acto irregular e inválido a que a lei de sucessão não dava importância.

Não estava o testador preparado para esta revelação jurídica, porque a sua ignorância começava por não saber escrever o próprio nome. Do espanto passou à cólera, da cólera ao frenesi e do frenesi a uma agonia instantânea; porque, saltando do leito num ímpeto violento superior às forças nervosas, únicas de que dispunha, o coração espedaçou-se-lhe nos braços da irmã, e o desgraçado caiu morto, estrangulado pela desesperação.

Horrível transe!

Se houvesse Inferno, o padre que fermentou a ignomínia e as torturas daquele morto, parece que devia lá estar; e Lúcifer, o generalíssimo das legiões malditas, para ser imaginoso e sabedor do seu ofício, devia pegar com uma tenaz em brasa na alma do padre, para não sujar os seus dedos de antigo anjo, trazê-la a Espinho e pô-la em contemplação defronte daquele cadáver do seu compadre e amigo. Depois, deviam ir, o padre e o Diabo, visitar a viúva, desanojá-la, e baixá-la consigo aos abismos insondáveis do Orco para não ficar sozinha neste vale de lágrimas... – lágrimas de viúvas da casta daquelas que correm torrencialmente como as cheias do Mississípi e estrepitam ao despenharem-se dos olhos como a catarata do Niágara. Ela mandou buscar o morto para ter a evidência de que o marido morreu. Desejava estar sossegada.

Eu não quis, amigo redactor, que o cadáver de Roberto Rodrigues passasse à minha porta sem que lhe dissesse: «Vai dormir o sono eterno e indemnizador dos enormes infortúnios, honrado homem! Deixa que os gusanos te roam esse grande músculo oco dilatado pela aneurisma. Se continuasse a pulsar com vida esse coração que levas afogado no próprio sangue, seria o opróbrio irremediável que to iria dilacerando fibra a fibra!»

Outubro de 1847.

A Revolução de Setembro acrescentava jovialmente:

Este Artur teria um destino mais misterioso que o rei Artur inglês, o da Távola Redonda?! Pode ser que ele agora, rompendo de entre as neblinas do enigma, apareça em Fervedo a levantar a herança do compadre do padrinho, a quem ela com certeza pertencia tão justificadamente como a mulher do defunto Roberto. Aguardamos esclarecimentos para nossa edificação, e exemplo dos presentes e futuros Robertos, herdeiros natos dos Esganarelos de Molière.

*

Artur, na travessia áspera do agreste folhetim, não manteve aquela firmeza de espírito e placidez sanguínea que era de esperar do seu preclaro desdém pelas injúrias impressas, quaisquer que fossem.

Mudou de cor, doeu-lhe no íntimo da alma quando o folhetim vibrava o látego da zombaria sobre o vilipêndio da mãe. Ele costumava dizer «que o ridículo era o cadafalso das almas superiores». Tinha composto esta máxima. Não o feririam tanto, se lhe tratassem as devassidões da mãe como Tácito e Suetónio as de Messalina, isto é, a sério; mas o feitio zombeteiro do banhista de Espinho vinha a ser o cadafalso daquela alma superior. Sabia pelos jornais portugueses daquela época turbulenta que até a rainha e a condessa, consorte de um primeiro-ministro, eram insultadas na sua honra; mas havia nesses insultos a objurgatória grave, o estilo sisudo, a declamação jacobina, robespierriana, ao passo que a mulher, que ele era forçado a aceitar como sua mãe, caía no abismo lamacento da irrisão, resvalando pela infâmia. Quanto a ser filho de Roberto ou de Hilário, isso não apertava muito nem pouco o laço do cadafalso da sua alma superior: – Inteiramente nada, contanto que a lei lhe garantisse os seus direitos de sucessão; mas, se a mãe ainda vivia, ele, filho brioso, sentia-se vexado pela contingência de ainda se avistar face a face com ela, tão publicamente vergastada em toda a nudez dos seus vícios pela chacota da imprensa. Ser-lhe-ia então bem-vinda a notícia da sua morte. Não lhe podia desejar, como bom filho, um destino melhor. E era natural que tivesse morrido – dizia-lho a razão. Não lhe respondera, querendo-lhe tanto! Decerto morrera de remorso e de vergonha. Não lhe via outra reabilitação possível, moralizava o alferes. Havia nesse impresso alguma coisa que tornava mais cruel, mais dominicana a sua polé interior, e deveras o trateava a termos de lhe rever a angústia no rosto patibularmente: era aquela passagem em que lhe ridicularizavam o nome romântico, e a nota apalçada da *R. de Setembro*, a compará-lo com o legendário Artur de Inglaterra, e a fantasiá-lo redivivo a apossar-se da herança do *pai Roberto*. Isto sim, acutilava-lhe o seu decoro. Ora agora, quanto à acusação rococó de ter desvirginizado e abandonado a prima – a *chocha* conquista, como ele dizia aos camaradas – isso não valia, sequer, o despeito de um homem que se preza.

Como quer que fosse, escondeu a *Revolução de Setembro* das vistas de Úrsula que lhe perguntara o que lia ele com tamanha atenção que não viera mais depressa ver o menino. Respondeu que era um projecto de lei sobre reformas militares no Ultramar.

*

Daí a dias, Artur fingia receber de Goa a notícia, dois anos retardada, da morte de seu pai. Ao mesmo tempo recebia licença de vir ao reino. Úrsula cuidou alegremente

nos aprestos da viagem. E o Artur, sentimental:

– Vais ser minha esposa na igreja onde fui baptizado. Tem poesia isto, não tem?

Ora, se tinha! Que imensa poesia tinha aquilo! Casar-se na igreja onde tinha sido baptizado!

CONCLUSÃO

Artur Tavares, desembarcando no Porto, hospedara-se na *Feira das Caixas*, hoje *Praça de Carlos Alberto*, no *Hotel-Peixe*, hoje palácio do conde da Trindade. A lascarina, ama do Luisinho, enjoara muito, adoecera e convalescia na cama. A criança ressentira-se do leite dessorado da ama e desmedrara bastante.

D. Úrsula estava triste pelo abatimento do filho, e desiludida das fantasias deliciosas que se lhe preluziram na viagem e na chegada à pátria do seu amado. Através dos vidros baços das janelas, não via senão rimas de caixas e medas de cadeiras de pinho, feixes de engaços e vassouras com suas pás de lixo.

Defronte, um hospital com doentes amarelos à janela, de barretes brancos e cobertores às costas; e pela rua o raro trajecto solavancado de um carroção arrastado por vacas angulosas, com um recheio impenetrável de famílias. A goesa tinha saudades de Damão e do seu rio, da sua casa com açoteias espelhadas de sol e de luar, e o seu átrio florido a chover perfumes das copas por sobre os divãs de verga irisada de cores, da sua gôndola com baldaquino franjado e da sua machila suspensa nas espáduas bronzeadas dos sudras. Ah! a *Feira das Caixas*, e ali ao pé os *Ferros-velhos!* aquilo comparado com a sua Ásia... Que diferença! que diferença!

Ela não podia acompanhar o seu Artur a Fermedo: não podia deixar o menino nem levá-lo doentinho pela humidade do Douro. Despediram-se muito consternados por poucos dias. Ele ia ver o que era feito da sua grande casa; saber se a mãe vivia; tirar as certidões precisas para celebrarem as núpcias, quando o Luisinho e a ama restabelecidos pudessem acompanhá-los à igreja. Depois, arrendadas as quintas, iriam para a capital, e de lá outra vez para a Ásia. Também Artur sentia saudades da sua romântica vida oriental – o rio, o escaler, a safira do céu, as caçoulas aromáticas da terra, namorada das ardências do seu sol. Confrangia-se-lhe a alma quando, ao abrir de manhã a janela do seu quarto no *Hotel do Peixe*, em vez de palmares índicos, topava de olhos com um acervo de caixas de pinho empilhadas entre duas filas de cadeiras em sarilhos, e outras à volta com galegos sentados, de carapuça, saco e corda a tiracolo, a conversarem sornamente, como os sábios das academias, numa melancolia nostálgica.

*

Desembarcou Artur em Pé de Moura, e logo aí encontrou o seu parente, o juiz ordinário Alexandre de Pinho a quem avisara de Lisboa. Desta vez a carta não foi subtraída. Os jornais da capital tinham anunciado a chegada de Artur Tavares, alferes do exército ultramarino, entre os passageiros vindos num paquete inglês procedente da Índia. Sim, o *exército português ultramarino*, um exército que lá estava e está a manutir a obra impávida dos Albuquerque, dos Castros e dos Almeidas por quem o Tejo ultimamente desatou a rir. O *Periódico dos Pobres*, muito lido pelos vigários de Arouca e Fermedo, transcrevera a notícia, que alastrou por aqueles concelhos rapidamente. O desvio, pois, da carta, sobre ser inútil, seria perigoso.

O Pinho preparara hospedagem para o parente, e avisara Frei Joaquim da Cruz Sagrada que pensasse na mais suave e menos escandalosa maneira de despejar da casa de Val-Redondo os dois cônjuges que faziam companhia à doida, assenhoreando-se da administração. O egresso respondeu que a sua missão não podia ser ordenar o despejo; porquanto essas intimações pertenciam ao poder judicial e não ao eclesiástico. Que ele apareceria, levado de outro espírito, se o Sr. Artur lhe admitisse o voto nas suas deliberações. Instado pelo juiz ordinário, prometeu ir lá jantar no dia da chegada de

Artur. Alexandre, no transcurso da légua que tinham a percorrer até ao Reguengo, expôs ao hóspede a cadeia de sucessos decorridos nos três últimos anos, e concluiu pelo casamento do José Rato, imediato à escritura de doação. O alferes ouvira sem maravilhar-se os acontecimentos que a *Revolução de Setembro* lhe participara sem as reservas melindrosas do parente. A demência da mãe pareceu contristá-lo. O parente contara-lhe comovido as cenas tristes da louca a embalar o berço, a pedir o cadáver do seu filho. O casamento do juiz eleito com a Doroteia aflorou-lhe aos lábios um sorriso de compaixão sarcástica.

– Em todo o caso – disse ele – vou requerer no tribunal competente a expulsão dessa canalha, e instaurar processo criminal contra os promotores da escritura de doação outorgada por uma mentecapta. E isto há-de ser depressa, porque já principio a sentir-me invadido até aos gorgomilos por uma onda de lama; parece que me sinto sujo nesta grande porcaria que aqui vai.

Observou-lhe o primo que o tribunal competente era ele, e para isso mesmo lhe ponderava que talvez fosse preciso, antes de expulsar Doroteia e o marido da casa de Val-Redondo, provar a nulidade da escritura pela demência da doadora; e que esta prova, além das delongas, dependia da retractação ou da contradita das testemunhas que assistiram ao instrumento, assinado pelo vigário a rogo da outorgante. Se as testemunhas e o tabelião insistirem em afirmar a capacidade de Balbina, anteriormente à data da doação, a escritura está regular quanto à terça doada à sobrinha; e, nesta hipótese, ele Artur não poderia judicialmente esbulhá-la da posse da casa, enquanto a casa lhe não fosse adjudicada na partilha.

– À vista disso, o mais sumário é pô-los fora a chicote! – epilogou o alferes.

– Isso lá de chicote, primo – reflexionou o Alexandre – será bom pensá-lo mais de espaço. Lembro-lhe que Canastreiros e Ratos é péssima gente, e que a desesperação até dos bons faz maus. Se é tenção sua não se demorar por estes sítios, será possível sair-se bem da empresa violenta de os pôr fora a chicote, contanto que eles o não desconfiem; mas, a demorar-se ou a voltar aqui, dou-lhe conselho de amigo e parente que lance mão de outros recursos.

– Que quer então o primo Alexandre? que a deixe na posse tranquila do que é meu, e que me retire?

– Não quero isso. Nós precisamos de uma terceira pessoa que nos indique o melhor expediente. Essa terceira pessoa é quem eu estou esperando. Lembra-se perfeitamente do Frei Joaquim da casa do Penedo...

– Bem sei... um jesuíta.

– Não. Frei Joaquim era franciscano.

– Sim... quero dizer... um padre que trazia aí uma caterva de beatas atrás dele. Aposto que minha mãe se confessava com ele?... Está explicada a demência pelo fanatismo...

– Deixou de a confessar quando a conheceu em começos de alienação. Depois, sua mãe passou à direcção espiritual do seu pároco...

– Oh!... isso é que é jesuíta na gema!...

– Jesuíta não: é muito pior – é besta, pelo que respeita a entendimento; e, no resto, como homem, é também besta, mas degenerada. Olhe que os jesuítas eram espertos, primo Artur. Quando você quiser termos comparativos para burros não vá procurá-los à Companhia de Jesus, que vai errado. Tornando ao egresso, estou ansioso que ele chegue, e que nos ouça. Olhe que fui eu quem obstou a que Frei Joaquim impedisse a doação. Aqui veio o atribulado homem pedir-me conselho, e eu meti a riso os seus receios por me parecer incrível que três testemunhas e um pastor de almas se prestassem a jurar a capacidade moral de uma mentecapta para dispor dos seus bens. Já vê que o

frade não só está inocente nessas traficâncias, mas até protestou contra elas.

Frei Joaquim demorava-se. Alexandre de Pinho mandou um criado com uma égua até encontrar o ancião que fazia muito devagar as suas caminhadas.

A essa hora saía ele de casa, onde se demorara com a Doroteia. Saía triste, muito pensativo, numa introversão dolorosa.

A prima do Artur, sabendo que ele desembarcara em Pé de Moura, e seguira com o Alexandre para o Reguengo, foi aflita em demanda do egresso a pedir-lhe, debulhada em lágrimas, que lhe acudisse: que o marido estava resolvido a matar o Artur, se ele o pusesse fora de casa; e que o pai, logo que soube que o primo estava em Lisboa, carregara um bacamarte, e dissera que o tinha pronto para festejar o seu parente, logo que chegasse, com uma bala do peito às costas. Lançou-se de joelhos aos pés de Frei Joaquim, e abraçou-se à irmã do egresso, a pedir-lhe que rogassem a Deus que desse abalo ao coração do Artur para que os não perseguisse.

– Não consultastes o vosso vigário a tal respeito? – perguntou o egresso ligeiramente irónico.

– Fui lá, sim, senhor, fui...

– Que disse o vigário?

– Ficou passado, e o mais que dizia era – está só pelo Diabo, esta só pelo Diabo! – e mais nada. Depois, mandou dizer ao meu homem que consultasse um letrado, e que se fizesse forte com a escritura; e, em lugar de lhe dar bons conselhos, disse-lhe que fosse homem, e que as mocas não se fizeram só para os cães. Ai, Sr. Frei Joaquim, que desgraça, se eles se matam uns aos outros!...

O egresso mandou-a embora – que ia ver o que poderia fazer-se com o auxílio de Deus, e saiu a tempo que a égua e mais o criado de Alexandre apontavam no cotovelo do caminho.

*

O alferes recebeu agradadamente o padre, que o felicitou pela sua boa aparência de saúde – que o achava muito bom para quem tinha morrido no Brasil, e que não esperava ver de farda de alferes um guarda-livros ressuscitado. Contou risonhamente a estafa que levou de brasileiro em brasileiro até descobrir que o defunto Artur era *Gonçalves* e não *Rodrigues*.

Depois de jantar, ao cair da tarde, o Artur fez sinal ao primo que ventilasse a questão. Tinha pressa de ver a pendência resolvida. Apertavam com ele saudades da Úrsula e do filho. A melancolia do crepúsculo da aldeia e das badaladas das Ave-Marias enoítavam-lhe a alma, como se a casa do primo lhe fosse um cárcere. O egresso, ao soar das badaladas do *Angelus*, erguera-se e, de mãos postas, rezara mentalmente as três *Aves*. Artur mal se lembrava de ter, àquela hora, aprendido as orações que a mãe lhe ensinara. Em casa do padrinho Hilário esses hábitos obsoletos parece que estavam proscritos.

Concluída a sua oração, o padre persignou-se, deu as *boas-noites*, e disse a Alexandre de Pinho que estava às suas ordens.

– Que a intenção de seu primo – expôs o juiz ordinário – era tomar posse dos bens herdados de seu pai, pelos meios regulares, inventário, etc.; mas que, antes disso, queria tirar de sua casa a família que lá se introduzira fraudulentamente, prevalecendo-se duma doação nula...

O relatório foi longo, e reforçado por argumentos do Artur aos quais o egresso prestava um sentido atencioso em que transluzia a desagradável impressão que lhe faziam.

Concluída a exposição, Frei Joaquim sentado, com as duas mãos sobrepostas nos joelhos, um pouco curvado, postura humilde que trouxera do seu convento, e se acentuara no hábito do confessor e da oração, disse com grandes pausas:

– Demorei-me em casa mais do que tencionava, porque tive de atender à pobre Doroteia, que foi contar-me o que ela devia conjecturar das intenções do Sr. Artur, conforme o Sr. Alexandre acaba de expor. Quando Doroteia foi mãe de uma filha do Sr. Artur, e se viu obrigada a ir criar um filho estranho para poder alimentar a sua, fui eu que me ofereci para vigiar a criança que ficava muito mal entregue. Dei-lhe assim à mãe coragem para que fosse, visto que o pai a ameaçava de lhe matar a filha, se ela a não enjeitasse. Demais a mais, havia miséria, havia fome, e... enfim a sua posição de mulher perdida, a quem Deus pode perdoar, mas o mundo nunca perdoa, se ela é pobre, como a Doroteia. Um homem, quando desgraça uma rapariga nestas circunstâncias, e a despe em público para que toda a gente lhe corte a pele com a vergasta da injúria, melhor fora à desonrada, e menos odioso fora ao sedutor, matá-la de vez, se ela tem de rojar-se na lama até cair impenitente na enxerga do hospital... Sr. Artur, há-de ouvir-me com paciência. Eu respeito os homens; mas não respeito os vícios. Sei que está presente; mas a minha consciência, tendo de o acusar, não o vê.

O primo de Doroteia fez um gesto condescendente de cabeça, e ouviu:

– A criancinha, filha do Sr. Artur, morreu debaixo dos meus olhos, quando eu já tinha obtido da Sr. a Balbina levá-la para a companhia de sua avó, tirá-la da palhiça podre em que estava para o berço em que fora criado seu pai. Morreu e eu agradei ao Senhor levá-la. Doroteia, livre da filha, que era pelos modos o pregão permanente da desonra de sua mãe, voltou para casa dos pais. Meditei e trabalhei em aproximá-la da Sr^a Balbina; pensava em salvá-la de novos desastres; parecia-me que era um dever de sua mãe, Sr. Artur, proteger uma sobrinha infamada, e sem nódoa que a desdourasse antes da sua boa-fé em acreditar que de amásia passaria a esposa; mas, a este tempo, a minha missão encontrou diante de si as trevas, a perda completa da razão de sua mãe. Pode dizer-se que fui expulso da casa de Val-Redondo, não pela infeliz demente; mas por pessoas que a rodeavam e viam em mim um tropeço aos seus projectos. Chegaram a ameaçar-me de pancadas, se eu me intrometesse em negócios de família. Estou bem certo que ninguém me espancaria; faço aos fortes a justiça de os crer incapazes de bater num velho inofensivo de setenta e seis anos; mas não foi o medo que me demoveu: foi a inutilidade dos meus esforços. Logo que sua mãe ensandeceu, todas as minhas diligências a favor dela seriam vãs, e as que eu fizesse a favor de Doroteia eram diversas das que se pretendiam. Alguém se prestou. Fez-se a doação, pela qual Doroteia obteve um marido.

Artur, que o ouvira até aqui inalteravelmente sisudo, riu-se agora. Pareceu-lhe que *Doroteia, obtendo um marido por efeito da doação*, era uma passagem bastante humorística, a desafinar da restante linguagem emocional do egresso. Frei Joaquim, com a caixa do rapé aberta e os dois dedos suspensos na atitude de colher a pitada, cismou um pouco no sorriso de Artur, e honra lhe seja, não o compreendeu integralmente.

– Parece que se riu... de quê? – perguntou.

– É dos dois, do marido e da mulher; mas da doação é que eu verdadeiramente me rio. Minha mãe não podia doar... estava doida.

– É certo que estava doida. Não lhe chamemos, pois, *doação*: chame-se *esmola*, uma esmola feita a uma rapariga pobre que tinha um dote, e o perdeu no jogo das paixões com um parceiro que usou de fraude para lho ganhar. Uma esmola não feita pela doida, mas por uma influência misteriosa, um imperscrutável manejo da divina Providência que se compraz em pôr o bálsamo nas chagas que ficam sempre em aberto

à conta de quem as abriu. Enfim, uma esmola, não feita pela doida, mas esmolada pelo Sr. Artur, que permitiu se desse a sua prima uma parte pequena dos seus bens de fortuna para que ela obtivesse um marido.

Aqui, o alferes tornou a rir-se incorrigivelmente. Já agora era impossível ouvir falar, a sério, naquele *marido obtido*; mas o boníssimo egresso, mal apercebido para entender aqueles risos que então se chamavam modernos, e que hoje todos os padres conhecem tão bem como as suas mãos, prosseguiu:

– O Sr. Artur decerto veio aqui para confirmar a esmola que sua mãe fez. Estava doida? não importa. Imagine que Deus concedeu à doida um instante de razão para que ela beneficiasse, primeiro, uma filha de sua irmã quando se dizia que seu filho era falecido; segundo, uma sobrinha que fora desonrada por seu filho, sob promessa de uma reparação; terceiro, uma boa e cândida criatura que, na hora em que se planejava a morte do amante, lhe pedia que fugisse e a abandonasse, mas lhe não desamparasse a criança, se viesse a nascer; finalmente, uma esmola do Sr. Artur feita a sua prima que, há poucas horas, prostrada a meus pés, me dizia... nem eu sei o que me dizia... devia ser talvez que viesse eu aqui também rogar-lhe que não tirasse a esmola a sua prima Doroteia, que lhe não disputasse esse bocado de pão que ela come do que sobeja à grande fortuna do Sr. Artur.

E levantando-se, trémulo, com as lágrimas na voz:

– Sr. Artur, não tenho mais que pedir, senão que me perdoe esta rudeza de uma velha consciência que não pode fechar-se, quando vai abrir-se o livro do supremo Juiz para lhe pedir contas.

O alferes apertou-lhe a mão com transporte, e, cofiando o bigode e a pêra:

– Pode dizer-lhe que a doação de minha mãe está válida.

O egresso abraçou-o comovido, e o Alexandre entusiasmado:

– Bravo! bravo! muito bem!

– Uma reflexão, Sr. Frei Joaquim –ajunta Artur. – Retiro amanhã para o Porto. Meu primo Alexandre receberá procuração para correr com todos os negócios da minha casa. No acto das partilhas, será autorizado a renunciar em meu nome qualquer direito questionável à doação da terça. Entretanto, desejo ver minha mãe antes de partir; mas preciso vê-la só a ela na casa de Val-Redondo.

*

No dia seguinte, o egresso esperava Artur à porta da casa de sua mãe. Entraram juntos com o Alexandre de Pinho. Um silêncio de casa abandonada. Apenas à entrada de um vasto salão onde havia caixas de cereais, estava a criada velha que vira nascer Artur. Ele reconheceu-a:

– Olá! Guilhermina, dá cá um abraço, minha velha!

Ela atirou-se-lhe ao pescoço, a chorar. –Meu querido filho, meu querido menino, em que desgraça vem achar esta casa! Tenho pedido a Deus que me leve; mas o Senhor não quis que eu morresse, sem o tornar a ver...

Ouviu-se então um cantar abafado, ao longe, e o rumor trépido e cavo do baloiçar de um berço. A Guilhermina desprendeuse dos braços de Artur, e disse lastimosamente:

– Lá está a desgraçadinha... E sua mãe a embalar o berço onde o menino foi criado...

E a voz da chorosa cantilena dizia:

Não sei que quer a desgraça

*Que atrás de mim corre tanto!
Hei-de sofrer e mostrar-lhe
Que eu dela já não me espanto.*

Artur escutava. Parecia aterrado ou compadecido. Talvez remorsos. Seria tudo. Nas rugas da fronte sombria, a expressão da sua dor não acusava um bom sentimento de compaixão, estreme do pungir da consciência.

Cessara o baloiço do berço. O egresso entrou à alcova de Balbina. Ela recebeu-o silenciosa, a recordar-se, a recompor aquelas feições quase obliteradas na sua lembrança. Não o tinha visto, havia meses. Julgava-o morto, e rezara por ele.

– Venho trazer-lhe o seu filho – disse o padre.

– Cuidei que mo não trazia nunca – respondeu Balbina, recordando que lhe havia pedido o corpo do filho morto para o sepultar no seu jazigo, e acrescentou: – Quero fazer-lhe um ofício de cinquenta padres e missas gerais.

O padre pegou-lhe da mão, e saiu com ela da alcova. Artur estava esperando entre o primo Alexandre que o animava e a Guilhermina soluçante com as mãos no rosto.

– Aqui está seu filho, Sr^a Balbina – e apontava-lho. – Conhece-o? Aqui o tem vivo e gentil como era! – E pondo as mãos, o egresso orava: – Fazei o milagre, meu Deus! mandai um raio da vossa luz a esta alma escurecida!

A louca, muito de manso, num passo receoso, como a ter medo de um fantasma, abeirou-se do filho. Ele avançou para abraçá-la. A mãe recuava, a tremer, com as mãos abertas, convulsas, a defender-se do contacto do espectro. Depois, aproximou-se outra vez, vacilante, muito tímida, e palpou-lhe o rosto com as mãos, uma em cada face, a acariciar-lhas, sorrindo-lhe com meiguice, mas sem um gemido, sem um grito, sem lhe proferir sequer o nome.

– Não me conhece, minha mãe? – perguntou Artur apertando-a ao peito com extrema ternura.

Ela retraiu-se a fitá-lo, a fitá-lo, ora com um sorriso, era com um assombro de pavor; mas não respondia.

Nas faces do filho rolaram então duas lágrimas. Era a primeira vez que chorava. Aquelas duas lágrimas eram dois diamantes, os únicos que saíram num jacto de lama do vulcão.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
